



Instituto Universitário de Lisboa

Soraia Sofia Rodrigues Ferreira

2016



Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Tecnologias e Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura

Soraia Sofia Rodrigues Ferreira

Trabalho prático submetido como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre
em Arquitetura

Tutor:

Professor Doutor Pedro Pinto, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

Componente prática de grupo realizada conjuntamente com:

João Ricardo Martins | Margarida Mascarenhas de Carvalho | Renata Macedo de
Sousa | Tiago Batista

Trabalho teórico submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre
em Arquitetura

Orientador:

Professora Doutora Teresa Madeira da Silva, ISCTE-IUL

Outubro, 2016

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS

PARTE I - Vertente Teórica

OS CAFÉS DE LISBOA COMO ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO

O meio construído

O café como parte integrante de uma sociedade

Casos de estudo

Considerações finais

PARTE II - Vertente Prática

SINES – INDÚSTRIA E ESTRUTURA PORTUÁRIA: PASSAGEM PARA NORTE - CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DE ESTUDOS DO MAR

Apresentação do exercício prático

Sines: contextualização e estratégia de grupo

Proposta Individual: Centro de Investigação de Estudos do Mar

AGRADECIMENTOS

À Professora Teresa Madeira da Silva, pela dedicação, disponibilidade e apoio que sempre demonstrou ao longo deste percurso.

Ao Professor Pedro Pinto pela persistência, sabedoria e cooperação em todas as conversas.

A todos os colegas que caminharam comigo e enriqueceram esta aventura acadêmica.

À D. Alice pela incrível ajuda em todas as adversidades.

Aos meus amigos mais próximos, por estarem sempre lá.

À minha família pela compreensão que sempre demonstraram em todas as vezes que não pude estar presente e pelo apoio incondicional.

À minha mãe pela mulher que é. Por me segurar nos momentos mais duros. Por tudo o que sempre fez para que eu chegasse até aqui. Obrigada mãe! Está vitória também é tua!

PARTE I
VERTENTE TEÓRICA



Escola de Tecnologias e Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura

OS CAFÉS DE LISBOA COMO ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO

Soraia Sofia Rodrigues Ferreira

Trabalho teórico submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre
em Arquitetura

Orientador:

Professora Doutora Teresa Madeira da Silva, ISCTE-IUL

Outubro, 2016

OS CAFÉS DE LISBOA COMO ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO

Trabalho teórico submetido como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Arquitetura

Orientador da componente teórica:

Professora Doutora Teresa Madeira da Silva, ISCTE-IUL

RESUMO

O café como espaço de encontro, é desde sempre parte integrante de qualquer sociedade. Além de ser um lugar destinado ao consumo, nele desenvolvem-se algumas das atividades mais básicas do ser humano: interação social, trocas culturais e atividades de lazer, formas de estar desprendidas de formalidades, que refletem os hábitos e costumes de uma comunidade. Da sua relação entre organização espacial e os modos de apropriação dos seus utilizadores, resulta a construção do ambiente próprio de cada café.

O sentido de espaço arquitetónico vai além da forma construída, do conjunto de cheios e vazios, do detalhe construtivo, é algo tão “plástico e imaterial como o próprio tempo” (Fuão, 2004), percebido e vivenciado de diversas formas, pelo que é fundamental à disciplina compreender a dimensão do sujeito e o modo como as qualidades espaciais o influenciam na sua perceção. É neste sentido que o café se apresenta como o objeto de estudo adequado, na medida em que é palco de inúmeras variantes, quer espaciais, quer sociais, permitindo observar modelos culturais, na sua forma mais autêntica.

Pretende-se que um dos contributos deste trabalho seja desvendar a relação intrínseca entre a organização espacial e o modo de apropriação dos seus utilizadores no espaço construído, conseguido através de três casos de estudo e das peculiaridades observadas nos cafés e, por sua vez, desmistificar estes espaços, que, ainda que, tão presentes na sociedade, nem sempre temos consciência da sua importância.

Palavras-chave: cafés de Lisboa; espaço; perceção; apropriação; relações sociais;

ABSTRACT

The coffee shop, as meeting space, it has always been an integral part of any society. In addition to being a place for consumption, are developed in some of the most basic human activities: social interaction cultural exchange and leisure activities, ways of being detached formalities, that reflect the habits and customs of a community. Of your relationship between spatial organization and those of its users ownership modes, follows an environmentally construction own each of coffee shop.

The sense of architectural space goes beyond the built form of the set of full and empty, constructive detail, is something as "plastic and immaterial as own time" (Fuão, 2004), perceived and experienced in different ways, so it is crucial to understand the discipline dimension of the subject and how the spatial qualities influence their perception. This is why coffee appears as the proper object of study, in that it is host to numerous variants, either spatial or social, allowing you to see cultural models in its most authentic form.

It is intended that one of the contributions of this work is to unveil the intrinsic relationship between spatial materiality and the socio-cultural dimension of the built space, achieved through three case studies and the peculiarities observed in coffee shops and, in turn, demystify these spaces, which although, so present in society, not always are aware of its importance.

Keywords: Lisbon coffee shops; space; perception; appropriation; social relationships;

ÍNDICE

RESUMO	7
ABSTRACT	9
ÍNDICE DE FIGURAS	13
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO I	26
1. O MEIO CONSTRUÍDO	26
1.1. Relação entre espaço físico e espaço social	27
1.2. Processos de percepção	29
1.3. Relações entre Indivíduos	33
CAPÍTULO II	36
2. O CAFÉ COMO PARTE INTEGRANTE DE UMA SOCIEDADE	36
2.1. Enquadramento histórico	37
2.2. Os primeiros cafés em portugal	40
2.3. Reflexo de hábitos sociais e culturais	43
CAPÍTULO III	45
3. CASOS DE ESTUDO	45

3.1.	Tipificações das soluções estudadas	46
3.2.	Pastelaria Versailles	48
3.2.1	Relação com a envolvente	54
3.2.2.	Organização Espacial	57
3.2.3.	Espaço humanizado	62
3.3.	Pois, Café	65
3.3.1.	Relação com a envolvente	68
3.3.2.	Organização espacial	69
3.3.3.	Espaço humanizado	74
3.4.	Ler Devagar	76
3.4.1.	Relação com a envolvente	78
3.4.2.	Organização espacial	81
3.4.3.	Espaço humanizado	85
3.5.	Síntese de resultados	88
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96
	ANEXOS	100
	ANEXO I	101
	ANEXO II	105
	ANEXO III	109

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 Síntese das distâncias praticadas com base nos critérios de Hall (1986). (fonte: autora)	35
Fig. 2 Exterior do café Quadri. (fonte: http://cupcakesforbreakfast.com/category/travel/)	38
Fig. 3 Interior do café Quadri. (fonte: http://www.italia.it/it/idee-di-viaggio/arte-e-storia/caffestorici-di-venezias.html)	38
Fig. 4 Exterior do café Florian. (fonte: http://www.caffeflorian.com/en/venice/where-we-are.html)	38
Fig. 5 Interior do café Florian (fonte: http://www.caffeflorian.com/en/venice/florian-venice-service.html)	38
Fig. 6 Interior do café Procopé. (fonte: http://uk.procope.com/photo/)	39
Fig. 7 Exterior do café Procopé. (fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Caf%C3%A9_Procope)	39
Fig. 8 Exterior do café A Brasileira. (fonte: http://www.flickrriver.com/photos/edusentch/sets/72157624348165604/)	42
Fig. 9 Interior do café A Brasileira. (fonte: http://www.ezimate.com/pt-PT/lisboa/categorias/cafes--bares-e-discotecas/a-brasileira)	42
Fig. 10 Localização da <i>Pastelaria Versailles</i> . (fonte: adaptado de www.google.com)	48
Fig. 11 <i>Pastelaria Versailles</i> . Planta original. Cave. 1921. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 3794 – processo 2261 – folha 2)	49

Fig. 12 <i>Pastelaria Versailles</i> . Planta original. Rés do chão. 1921. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 3794 – processo 2261- folha 2).....	50
Fig. 13 <i>Pastelaria Versailles</i> . Projeto de alterações. Rés do chão e cave. 1947. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 3794 – processo 27672 – folha 55)	51
Fig. 14 <i>Pastelaria Versailles</i> . Projeto de alterações. Rés do chão. 1985. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 3794 – processo 11796 – folha 7)	53
Fig. 15 <i>Pastelaria Versailles</i> . Projeto de alterações. Cave. 1985. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 3794 – processo 11796) – folha 7	53
Fig. 16 <i>Pastelaria Versailles</i> . Acesso. Vista exterior. (fonte: autora)	55
Fig. 17 <i>Pastelaria Versailles</i> . Pormenor. (fonte: autora).....	55
Fig. 18 <i>Pastelaria Versailles</i> . Acesso. Vista interior. (fonte: autora).....	55
Fig. 19 <i>Pastelaria Versailles</i> . Montras que centralizam a porta de acesso ao interior. (fonte: autora).....	56
Fig. 20 <i>Pastelaria Versailles</i> . Vista da esplanada. Ligação entre o interior e o exterior é interrompida pelo passeio. (fonte: autora)	56
Fig. 21 <i>Pastelaria Versailles</i> . Sala principal. (fonte: autora)	60
Fig. 22 <i>Pastelaria Versailles</i> . Área sobrelevada. (fonte: autora)	60
Fig. 23 <i>Pastelaria Versailles</i> . Detalhes decorativos. (fonte: autora)	61
Fig. 24 <i>Pastelaria Versailles</i> . Circulação pelo espaço. (fonte: autora)	63
Fig. 25 Localização do <i>Pois, Café</i> . (fonte: adaptado de www.google.com).....	65

Fig. 26 Edifício do <i>Pois, Café</i> . Fachada sul. 1901. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa – cota FAN003734).....	66
Fig. 27 Edifício do <i>Pois, Café</i> . Vista alçado principal. 1907. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - cota: FAN000708)	66
Fig. 28 Rés-do-chão do edifício. Planta. 1994. Ocupação anterior ao <i>Pois, Café</i> . (fonte: Aquivo Municipal de Lisboa. Obra 34348 – processo 260 - Folha 44)	67
Fig. 29 Planta <i>Pois, Café</i> . 2005. (fonte: Aquivo Municipal de Lisboa. Obra 34348 – processo 156 - Folha 119).....	69
Fig. 30 <i>Pois, café</i> . Identificação das diferentes áreas criadas pela conjugação e diversidade de peças de mobiliário. (fonte: autora)	70
Fig. 31 <i>Pois, Café</i> . Pormenor. Iluminação artificial. (fonte: autora)	72
Fig. 32 <i>Pois, Café</i> . Entrada. Vista do interior. (fonte: autora)	72
Fig. 33 <i>Pois, Café</i> . Área definida por mobiliário. (fonte: autora).....	73
Fig. 34 <i>Pois, Café</i> . Área definida por mobiliário. (fonte: autora).....	73
Fig. 35 <i>Pois, Café</i> . Circulação pelo espaço. (fonte: autora)	75
Fig. 36 Localização da livraria <i>Ler Devagar</i> . (fonte: adaptado de www.google.com)	76
Fig. 37 <i>Ler Devagar</i> . Pormenor da entrada principal. (fonte: autora)	77
Fig. 38 <i>Ler Devagar</i> . Fachada principal. (fonte: autora).....	77
Fig. 39 <i>Ler Devagar</i> . Entrada mais próxima para a zona do café. (fonte: autora)	77

Fig. 40 <i>Ler Devagar</i> . Amplitude espacial. Área principal da livraria. (fonte: autora)	77
Fig. 41 <i>Ler Devagar</i> . Redução de pé-direito e controlo espacial através da rotativa. (fonte: autora).....	77
Fig. 42 e Fig. 43 <i>Ler Devagar</i> . União entre o café e a livraria. Espaço único. (fonte: autora)	77
Fig. 44 <i>Ler Devagar</i> . Centralidade do café face ao restante espaço. (fonte: autora)	77
Fig. 45 <i>Ler Devagar</i> . Balcão. (fonte: autora).....	77
Fig. 46 <i>Ler Devagar</i> . Circulação pelo espaço. (fonte: autora).....	77
Fig. 47 e Fig. 48 <i>Ler Devagar</i> . Modos de Apropriação (fonte: autora)	77
Fig. 49 Síntese da observação direta. (fonte: autora)	Erro! Marcador não definido.
Fig. 50 Planta <i>Pastelaria Versailles</i> . 2010. (fonte: Aquivo Municipal de Lisboa. Obra 3794 – processo 21 - Folha 46).....	Erro! Marcador não definido.
Fig. 51 Planta <i>Pois, Café</i> . 2005. (fonte: Aquivo Municipal de Lisboa. Obra 34348 – processo 156 - Folha 119).....	Erro! Marcador não definido.
Fig. 52 Planta do piso 0 da livraria, onde se insere o café. (fonte: adaptado de Paulino, 2015)	Erro! Marcador não definido.
Fig. 53 <i>Pastelaria Versailles</i> . Corte. 2010. (fonte: Aquivo Municipal de Lisboa. Obra 3794 – processo 21 – folha 48).....	Erro! Marcador não definido.
Fig. 54 <i>Pois, Café</i> . Corte. 2008. (fonte: Aquivo Municipal de Lisboa. Obra 34348 – processo 156 – folha 86)	Erro! Marcador não definido.

Fig. 55 *Ler Devagar*. Corte. s/d. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 5737 – processo 6314 – folha 21) **Erro! Marcador não definido.**

Fig. 56 *Pastelaria Versailles*. Montras. 1932? (fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/12/pastelaria-versailles.html>) **Erro! Marcador não definido.**

Fig. 57 *Pastelaria Versailles*. Montras. 1947. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 3794 – processo 27672 – folha 3) **Erro! Marcador não definido.**

Fig. 58 *Pastelaria Versailles*. Montras. 1985. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 3794 – processo 11796 – folha 8) **Erro! Marcador não definido.**

Fig. 59 *Pois, Café*. Fachada. 1994. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 34348 – processo 260 – folha 11) **Erro! Marcador não definido.**

Fig. 60 *Pois, Café*. Obras. 2004. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 34348 – processo 2899 – folha 96) **Erro! Marcador não definido.**

Fig. 61 *Ler Devagar*. A rotativa que sobrepõe o café. Antes e depois de o espaço pertencer à *Ler Devagar*. (Aurora, 2009) **Erro! Marcador não definido.**

INTRODUÇÃO

Tema, metodologia, estado da arte, objetivos, contributos do estudo, estrutura.

O café como lugar de encontro, é desde sempre parte integrante de qualquer sociedade. São “locais de profundo e vincado carácter por onde entre o estudo e o encontro, as pessoas vão passando. São ao mesmo tempo o lugar do coletivo e do individual, o sítio onde se discute, onde se encontra e onde se observa, simultaneamente palco e plateia das relações sociais de uma comunidade” (Rodrigues S. , 2009, p. 103). O café assume protagonismo do ponto de vista social e cultural no contexto urbano da cidade em que se insere. Além de ser um lugar destinado ao consumo, nele desenvolvem-se algumas das atividades mais básicas do ser humano: interação social, trocas culturais e atividades de lazer, formas de estar desprendidas de formalidades, que refletem os hábitos e costumes de uma comunidade. Da sua relação entre organização espacial e os modos de apropriação dos seus utilizadores, resulta a construção do ambiente próprio de cada café.

A metodologia adotada para o desenvolvimento do presente trabalho, consistiu, primeiramente, na análise de fontes primárias - consultadas através de várias bibliotecas como na Biblioteca Municipal Palácio das Galveias, a Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian, a Biblioteca do ISCTE-IUL e no Arquivo Municipal de Lisboa. Este último é fundamental, pois foi o meio que permitiu recolher dados concretos, históricos e atuais, como desenhos técnicos e memórias descritivas sobre os casos de estudo - e secundárias - compostas por dissertações, teses, artigos e websites, que por apresentarem conteúdos mais sucintos, auxiliaram na organização do trabalho. Seguidamente, sobre os casos de estudo,

foram realizadas visitas presenciais e um levantamento fotográfico; as plantas atualizadas recolhidas, foram trabalhadas, conferindo-se-lhes uma imagem semelhante para que sejam mais facilmente comparáveis e deste modo evitar uma interpretação, à partida tendenciosa; criadas fichas individuais que identificam as características destes; e por último foi criado um quadro-síntese dos resultados obtidos, permitindo ao mesmo tempo tecer comparações de acordo com os parâmetros que definem estes ambientes, quer espaciais quer sociais.

Todo o trabalho é escrito segundo o novo acordo ortográfico da língua portuguesa, respeitando as “Normas de apresentação e harmonização gráfica para os trabalhos de Projeto realizados na unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura, do Mestrado Integrado em Arquitetura, 2015-2016”, estabelecidas pelo ISCTE-IUL. As referências bibliográficas regem-se pela norma APA – “*American Psychological Association*”.

Existem publicações, artigos e trabalhos académicos, nomeadamente dissertações de mestrado, que constituem o estado da arte e que se apresentam de seguida, por ordem decrescente face ao ano de publicação. A dissertação de mestrado em História da Arte Portuguesa, do Mestre Nuno Mendes, “Cafés históricos do Porto: na demanda de um património ignoto” realizada em 2012, procura através de critérios devidamente fundamentados, definir quais serão os estabelecimentos da cidade do Porto passíveis de serem considerados cafés históricos. Como tal, analisa as origens deste tipo de estabelecimentos e a sua expansão pela Europa e Portugal. De forma bastante geral caracteriza as ambiências sociais e culturais dos cafés do Porto. Finaliza a sua dissertação com o estudo de cafés do Porto (extintos e ativos) que assume os critérios de definição e valorização de um café histórico.

“Os cafés da baixa do Porto. Materialidade, uso e significado do espaço construído”, dissertação de mestrado da Arquiteta Ana Almeida, de 2013, realiza uma análise a cafés (e estabelecimentos similares) situados na Baixa portuense. Pretende compreender o espaço a partir das relações que se estabelecem entre a sua materialidade e a sua dimensão extra material que lhe está adjacente. Abordo o tema, primeiramente à escala territorial e depois, mais pontualmente, em casos concretos de cafés.

O ensaio: “Cafés e a construção da esfera pública: palcos de tertúlia” de Fernando Dias, inserido no livro “O Chiado, a Baixa e a esfera pública” de 2011, aborda a questão das diferenças sociais de outrora, protagonizadas pelos cafés, quando assumiam um carácter seletivo, e, onde se reuniam diferentes classes sociais e se trocavam ideias sobre o paradigma político e social da cidade. Neste sentido, crítica as novas tecnologias que vieram acabar com essa interação.

A dissertação de mestrado “A Construção do lugar arquitetónico A significação da forma arquitetónica na perspetiva da experiência do sujeito” concluída em 2009, de Célia Faria, tem como objetivo decifrar o “lugar arquitetónico”, compreendendo o significado que este adquire pela experiência humana. Assim numa primeira parte apresenta as diferenças entre vários conceitos arquitetónicos essenciais na compreensão de “lugar” para de seguida incidir na sua evolução desde a antiguidade clássica à contemporaneidade. Na segunda parte procura compreender o papel do individuo no contexto da arquitetura e por sua vez os parâmetros em que consiste a experiência deste. Por fim aplica o conhecimento adquirido num análise ao Mercado Municipal de Campo de Ourique, em Lisboa.

Maria Oliveira, em 2007, escreve a sua dissertação de mestrado “Tipificação dos espaços privados de socialização mais elementares e a sua relação com o espaço urbano. Doze casos

de estudo de cafés em Lisboa” identifica o café em termos urbanos, como um espaço público quando apropriado pelos seus utilizadores, uma vez que considera a esplanada destes estabelecimentos como um espaço público, uma extensão do próprio café para a rua.

Da obra de Jan Gehl, “La humanización del espacio urbano. La vida social entre los edificios” em 2006, destacam-se o primeiro e segundo capítulo, onde é analisada o modo como nos relacionamos e a capacidade dos nossos sentidos na forma como nos envolvemos e captamos o mundo que nos rodeia.

Em 2004, Fernando Fuão, escreve o artigo “O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido?” critica a objetividade com que pensamos o espaço, acabando por ignorar a nossa própria existência. Cada objeto é completo pela sua existência, essência e sentido.

A obra de Marina Tavares Dias, “Os cafés de Lisboa”, publicada em 1999, inicia-se com a abordagem ao termo café, enquanto estabelecimento comercial, seguindo-se uma descrição breve da evolução, do ponto de vista histórico, dos cafés na Europa e posteriormente a parte que ocupa maioritariamente a obra, o estudo dos cafés de Lisboa, desde meados do século XVIII até finais do século XIX.

Em 1999, Maurice Merleau-Ponty, escreve a “Fenomenologia da Percepção” consciencializa para a importância do sujeito na atribuição de significado do espaço, através da percepção, por ser ela que suporta e origina todas as ações deste, na sua relação com o espaço. Através dos preceitos fenomenológicos o autor apresenta uma tentativa de descrição direta da experiência vivida tal como ela é.

“Fragmentos de um século de vida dos cafés, restaurantes e hotéis do Porto” de José Fernandes e Luís Martins, um artigo escrito em 1989, a propósito do congresso “O Porto na época contemporânea”, uma análise histórica que engloba para além de cafés, restaurantes e hotéis.

Edward Hall no seu livro “A dimensão oculta”, de 1986, apresenta-nos o tema da “proxémia” – o neologismo criado para compreendermos o espaço que existe entre as pessoas e os objetos, invisível, mas de carácter sensorial onde que varia de cultura para cultura.

Em 1978, Amos Rapoport, publica “Aspectos humanos de la forma urbana. Hacia una confrontación de las Ciencias Sociales con el diseño de la forma urbana”, onde aborda a questão das relações entre as estruturas sociais e as infraestruturas físicas, uma visão suportada em princípios antropológicos e da psicologia. Explica estas duas vertentes, a social e a física, que concomitantemente definem o ambiente construído, aquele que nos rodeia e do qual fazemos parte.

A obra de Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni, “Homem e Sociedade. Leituras básicas de sociologia geral” de 1961, resulta da compilação de textos de varios autores. Considere-se o capítulo “O Indivíduo, a cultura e a sociedade” da autoria de Ralph Linton incide na relação entre cultura e individuo. Defende que a existência de padrões culturais é necessária para a o funcionamento de qualquer sociedade, uma vez que a cultura promove a adaptação dos indivíduos ao meio em que vivem, facilitando a sua sobrevivência. Menciona ainda o papel duplo destes, na medida em que antes participarem nas características gerais que definem diverso ambiente social, devem de ser considerados primeiramente unidades sociais.

Os trabalhos até aqui mencionados serviram de suporte ao desenvolvimento deste, possibilitando uma familiaridade com o tema e desvendado possíveis caminhos a seguir. Assim foram essenciais no que toca à compreensão da atmosfera que rodeia e que vive dentro do café.

Partindo do espaço do café, o objetivo da presente dissertação é analisar o carácter social e cultural da arquitetura. O sentido de espaço arquitetónico vai além da forma construída, do conjunto de cheios e vazios, do detalhe construtivo, é algo tão “plástico e imaterial como o próprio tempo” (Fuão, 2004), percebido e vivenciado de diversas formas, pelo que é fundamental à disciplina compreender a dimensão do sujeito e o modo como as qualidades espaciais o influenciam na sua perceção. As qualidades deste são o resultado de construções sociais e o produto de usos sociais, assim o espaço só é portador de significado a partir da experiência do eu e vice-versa. É neste sentido que o café se apresenta como o objeto de estudo mais adequado, na medida em que é palco de inúmeras variantes, quer espaciais, quer sociais, permitindo observar modelos culturais, na sua forma mais autêntica, por responder às necessidades humanas mais básicas. O que se pretende é analisar, não são as qualidades estéticas da arquitetura, mas também a sua dimensão social e funcional.

Pretende-se que um dos contributos deste trabalho seja desvendar a relação intrínseca entre a materialidade espacial e a dimensão sociocultural do espaço construído, conseguidas através das peculiaridades observadas nos cafés e, por sua vez, desmistificar estes espaços, que, ainda que, tão presentes na sociedade, nem sempre temos consciência da sua importância.

A presente dissertação assume dois momentos distintos, um primeiro teórico (1º e 2º capítulo) e um segundo de carácter empírico (3º capítulo). No primeiro capítulo procura-se

compreender a dependência entre o carácter construtivo e sensorial da arquitetura, permitindo uma análise sustentada ao ambiente peculiar dos cafés. Deste modo, inicialmente, investiga-se em que consiste o espaço construído, considerando a sua dimensão física e social e, mais adiante, uma interpretação dos processos de percepção envolvidos na apreensão do sujeito perante o meio construído.

No segundo capítulo, demonstra-se o significado e pertinência do café, enquanto objeto de estudo, demonstrando a sua evolução ao longo dos tempos e os seus aspetos sociológicos e culturais relacionados com o hábito de ir ao café.

Na terceira parte do trabalho aplicam-se os conhecimentos adquiridos nos capítulos anteriores e parte-se para a observação direta de três cafés, inseridos em contextos diferentes. Procurou-se escolher três casos distintos, que assumissem formas de apropriação distintas, quer pelas suas características espaciais quer pelos seus utilizadores. Só através desta disparidade seria possível reunir alguns dos comportamentos humanos passíveis deste tipo de ambientes.

No final são apresentadas as conclusões. Analisam-se comparativamente os casos de estudo, apontado para soluções ou padrões, quer comportamentais quer espaciais emancipados destes, demonstrando a relação intrínseca entre a dimensão física e social da arquitetura.

CAPÍTULO I

1. O MEIO CONSTRUÍDO

1.1. RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO FÍSICO E ESPAÇO SOCIAL

O espaço arquitetônico é comumente associado ao construído, à conjugação de planos, que originam um conjunto de cheios e vazios, ao perceptível e concreto, porém o verdadeiro sentido de espaço vai além desta objetividade, desta condição física. Tal como defende Merleau-Ponty, em “Fenomenologia da Percepção” (1999) o significado de espaço deve ser compreendido não só a partir dele, mas também como uma extensão da experiência pessoal do sujeito. Neste sentido, espaço construído é uma forma de expressão do indivíduo e submete-se à interpretação deste.

Enquanto ser individual, o homem, percebe sensorialmente o meio que o envolve e atribui-lhe um significado, através da sua percepção, compreensão e interpretação. Esta atribuição de significado resulta da sua capacidade sensorial, que o acompanha constantemente, ainda que de forma, mais ou menos consciente, é ela que lhe permite coabitar o mundo que o rodeia.

Como refere Rapoport (1978), o homem é um ser social, que por sua vez pertence a um grupo social que assume determinado comportamento, reflexo da cultura em que se insere. Como tal, conforme cada cultura podemos observar um comportamento padrão na relação entre os objetos e os próprios indivíduos, pelo que, o que transforma e diferencia cada espaço é o significado e o comportamento destes, e não a sua condição física. (Rapoport, 1978, pp. 27-29) O indivíduo enquanto agente interveniente no espaço, assume determinadas características psicológicas, sociológicas e culturais que afetam a sua forma de construir, utilizar e transformar o espaço.

É no centro desta dependência entre o espaço físico (objetivo e material) e o espaço social (subjetivo e sensorial) que se encontra o espaço construído. (Rapoport, 1978, p. 26) Este,

consiste na interação entre vários elementos: a organização do próprio espaço, através de elementos físicos; o tempo, na medida em que as experiências passadas condicionam a experiências futuras, levando indivíduos do mesmo grupo social a viverem o espaço de formas distintas; a comunicação que nele se desenvolve, entre os próprios indivíduos e o espaço físico; e, por sua vez a noção de significado, que deste advém, pelas suas propriedades simbólicas, e que os indivíduos lhe atribuem conforme a sua interpretação pessoal. (Rapoport, 1978, p. 27)

O processo de construção espacial é um processo cultural, uma vez que estes quatro aspetos - espaço, tempo, comunicação e significado – contém uma certa consonância, por estarem relacionados “sistemáticamente com la cultura” (Rapoport, 1978, p. 29). Esta representa um conjunto de crenças, valores e pontos de vista em geral, apreendidos e compartilhados por um grupo de pessoas, originando um conjunto de regras e costumes. No espaço construído estas regras são fundamentais, pois afetam a relação entre os objetos e as pessoas, ao mesmo tempo que os diferenciam. (Rapoport, 1978)

Por sua vez, inerente às normas e valores de uma cultura, resultam uma série de práticas quotidianas, os estilos de vida, próprios de cada indivíduo, que apesar de serem um reflexo destes, assumem características próprias distinguindo-os dos restantes. Os estilos de vida¹ adotados por cada um, traduzem-se em hábitos e atividades que desempenhamos religiosamente e diariamente, muitas vezes de forma automática. Os hábitos traduzem uma

¹ A este propósito cita-se Rapoport (1978, p. 34): “Existe una síntesis conceptual bajo la noción de estilo de vida entre cultura, sistemas de valores, mentalidade, etc., que puede llegar a ser la clave para comprender cómo funcionan las ciudades y cómo la gente se comporta en ellas.”

série de escolhas e de preferências que exprimem o carácter de cada um de nós, estando inevitavelmente implícitos na construção de espaço, pois expressam uma multiplicidade de significados e “simbolizam e indicam una identidad social y que, por lo tanto, no son meros receptáculos de actividad” (Rapoport, 1978, p. 35) Independentemente das variantes que cada estilo de vida pode assumir, são sempre uma expressão e uma adaptação à sociedade em que estamos inseridos, permitindo-nos viver em consonância com esta.

Desta relação, entre carga simbólica e características espaciais, resulta o modo como vivenciamos e nos apropriamos do espaço construído. Se, por um lado na construção de espaço físico são tidos em conta condicionantes culturais, procurando criar um ambiente espacial que respeite essas premissas, uma vez construído, as formas de apropriação que nele se desenvolvem, respeitando ou não as intenções com que foi projetado, iram induzir novas interpretações, resultando numa constante alteração do ambiente construído, quer físico, quer social.

1.2. PROCESSOS DE PERCEPÇÃO

Compreender o modo como nos apropriamos do espaço construído, é “el mecanismo más importante que relaciona los hombres com su medio ambiente” (Rapoport, 1978, p. 171) e, portanto, parte fundamental na sua conceção e no seu entendimento. O processo de apropriação considera duas vertentes distintas, ainda que ligadas e dependentes, uma utilitária outra simbólica. Implica um conjunto de valores, atitudes e motivações, variáveis de acordo com distintos grupos sociais, sendo “una construcción mental basada en la experiencia y en las expectativas y que un medio ambiente ideal es algo intimamente relacionado con

el diseño” (Rapoport, 1978, p. 44). Cada grupo cultural, assume uma imagem do mundo que o rodeia, baseada nos seus ideais, orientando-o na construção e transformação do espaço em que se insere, pois, os estímulos enviados do espaço percebido geram determinado comportamento, que por sua vez configuram a entidade do ambiente construído. Todavia, seria impensável responder a todos os estímulos e como tal, somente o que nos capta a atenção é que atribuímos um significado, resultando numa interpretação e organização, permitindo-nos “ouvir e interpretar o discurso (a fala) do espaço arquitetónico” (Ritter, 2013). É partindo destas premissas que o meio que nos rodeia é percebido e interpretado.

“A construção preceptiva é a construção de um significado, que comporta de uma forma indissociável especificidades, estruturais e cognitivas. Para concretizá-la, o organismo aplica os seus conhecimentos prévios, que consistem, nos conhecimentos adquiridos em experiências preceptivas anteriores, e os que são fornecidos pela sua cultura.” (Faria, 2009, p. 84)

A percepção é parte do processo de percepção do ambiente que nos envolve, mas não a única, a ela junta-se a experiência e a interpretação, que segundo Rapoport (1978), podemos classificar em três fases distintas: a “cognitiva” (Rapoport, 1978, p. 42), onde se percebe, conhece e avalia; a “afectiva” (Rapoport, 1978, p. 42) onde faz uso das sensações, emoções e sentimentos; e a “conactiva” (Rapoport, 1978, p. 42), inclui uma ação, uma decisão, como resposta as fases anteriores, resultando na construção de uma imagem do espaço real, ainda que variável entre indivíduos e mais aproximada num mesmo grupo cultural. Seguindo o pensamento de Schachtel, Rapoport (1978, p. 177) afirma que a percepção do que nos rodeia pode ser centrada no sujeito ou no objeto². Na primeira os sentidos são usados no seu estado

² Rapoport (1978, p. 177) distingue-as por *autocéntrica* – centrada no sujeito - e por *alocéntrica* – centrada no objeto.

mais puro, com um forte vínculo ao prazer e ao conforto (paladar, olfato, tato, temperatura e proprioção³) na segunda o recurso dos sentidos é usado de forma mais objetiva e intelectual, focando-se na compreensão e atenção (visão e audição⁴). Através destes o indivíduo responde aos estímulos do meio exterior e ouve-se a si mesmo, respondendo as suas necessidades. Este discurso “não verbal” tem a capacidade de atuar na subjetividade do sujeito, onde decifra as suas impressões sensoriais e atribui valor afetivo ao meio em que se insere.

Na conceção do espaço físico, além do seu lado funcional, a experiência sensorial é “parte decisiva do efeito e do sucesso de um projeto arquitetónico” (Ritter, 2013). As qualidades sensíveis “conferem expressão à matéria, mas, veiculam também a ordem empática que pretendem criar com o eventual utilizador. Ao categorizar tal sensibilidade, as diversas tonalizações do sentir estimulam a apropriação.” (Rodrigues M. J., 2002, p. 42). Toda a informação captada, carregada de emoção, é mais facilmente armazenada na nossa memória e pode influenciar a interpretação dos dados percebidos, pois a memória ao ser o registo das experiências que vivemos provoca em nós empatia ou aversão.

Segundo Hall (1986) os sentidos humanos nunca funcionam isoladamente na nossa perceção do espaço. A cultura de cada um, adquirida desde a infância, leva-nos a filtrar a informação

³ Proprioção: que tem a perceção ou sensibilidade da posição, deslocamento, equilíbrio, peso e distribuição do próprio corpo e das suas partes "proprioceptivo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/proprioceptivo> [consultado em 28 de Agosto de 2016].

⁴ A audição assume características dos dois sistemas, na medida em que o sujeito se recorre desta para dialogar com os outros (*alocéntrico*) e para captar os sons a sua volta (*autocéntrico*). A visão é também *autocéntrica* na perceção da cor, da luz e da forma.

que o mundo que nos rodeia transmite. Assim a percepção implica não só o que é percebido pelo campo sensorial, mas também aquilo que pode ser eliminado. Para além da emoção, a nossa percepção é igualmente influenciada pelo modo como conhecemos e analisamos os outros. O modo como experienciamos o espaço é resultado da nossa individualidade, mas é também, resultado da interação com o espaço. (Hall, 1986, p. 59) .

Segundo a mesma linha, Gehl afirma que todos os sentidos participam da compreensão espacial. O bom domínio dos sentidos humanos “es un importante requisito para diseñar y dimensionar todas las formas de espáacios exteriores e disposiciones de edificios.” (Gehl, 2006, p. 73).

Para Sérgio Fazenda Rodrigues, a visão é o sentido dominante no ser humano, permitindo-lhe perceber distâncias, tamanhos, formas, texturas, luzes e cores. O olho humano capta informação sem auxílio externo até um raio de cem metros. A audição, ainda que mais passiva que a visão permite-nos sentir os efeitos acústicos, como o eco, de determinado espaço, dando a noção de dimensão. A capacidade auditiva sobrepõe-se ao olfato, sendo bastante eficaz a uma distância de seis metros indo até aos trinta metros em diálogos diretos de pergunta/resposta. Numa distância superior dificilmente se compreende o que nos é dito. A capacidade de detetar variações de odores é bastante reduzida. Para sentirmos o cheiro característico (cabelo, pele, roupa) de outro indivíduo é necessária uma distância inferior a um metro, só os odores mais fortes conseguimos perceber a uma distância superior a três metros. O olfato pode por vezes ser um sentido bastante emotivo na medida em que nos remete a situações do passado, pois os cheiros e aromas estão diretamente relacionados às emoções. O tato é o sentido humano que nos permite perceber as texturas, as mudanças de superfície. “A maneira como tocamos o edifício pode transformar uma simples ação utilitária,

o abrir ou fechar uma porta, por exemplo, em algo mais interessante e ambicioso. Há portas que precisam de duas mãos para serem abertas, outras que deslizam com um só dedo. Há portas que deixam ver o que encerram e nos convidam a entrar, outras que se negam e não nos deixam sequer passar”. (Rodrigues S. , 2009, p. 43)

1.3. RELAÇÕES ENTRE INDIVÍDUOS

Habitar o espaço construído é maioritariamente uma ação partilhada com outros semelhantes, pelo que compreendermos a existência do outro, enquanto utilizadores e arquitetos, é fundamental na nossa interpretação do espaço. O contacto entre indivíduos, compreende uma série de impressões sensoriais de duração relativamente limitada, capazes de se combinar de forma muito complexa, que antecedem uma relação, quer seja de aproximação ou afastamento. Segundo Jan Gehl (2006), o modo como nos relacionamos com os outros, assume vários níveis de intensidade desde os contactos passivos aos amigos íntimos. A interação, inicia-se a partir do momento em que estamos no mesmo espaço que uma ou mais pessoas e nos é possível ver e ouvir como cada um se manifesta em diversas situações.

Nos contactos primários, por muitos breves que sejam, é assumido um tipo geral de reação, a atracção ou a repulsa. O uso do tato dá início a um nível superior, ao contacto físico. Aparentemente insignificantes, Gehl alerta para a sua importância enquanto forma de contacto independente e como “requisitos prévios para outras interacciones más complejas” (Gehl, 2006, p. 23).

A uma distância de setenta /cem metros é possível identificar o sexo do indivíduo, a idade aproximada e os seus movimentos. Quando a distância se reduz até vinte metros é possível

captar os sentimentos dos outros. Em distâncias curtas, de grande proximidade, a quantidade de informação que conseguimos captar acerca do outro é bastante completa, permitindo estabelecer contactos emocionais de grande intensidade, pois os vários sentidos podem funcionar em simultâneo. Nas relações sociais a distância é fundamental para “regular la intimidad e intensidad en diversas situaciones sociales como para controlar el inicio y el final de las conversaciones individuales” (Gehl, 2006, p. 77) Esta relação entre distância e intensidade, reflete-se também na arquitetura. Espaços de grandes dimensões, amplos e vazios induzem níveis de distância superiores e de fraca intensidade entre os seus utilizadores, ao contrário de espaços contidos que provocam o efeito oposto.

		DISTÂNCIAS			
		ÍNTIMA	PESSOAL	SOCIAL	PÚBLICA
		a presença do outro impõe-se, podendo ser invasiva pelo seu impacto sobre o sistema preceptivo de ambos	criação de uma esfera protetora	os pormenores do rosto já não são percecionados; o toque é inacessível	fora do círculo imediato de referência do indivíduo
MODOS	PRÓXIMO	o contacto físico domina, é a distância do ato sexual e da luta	(47 a 75 cm) distância que permite o contacto pelos membros superiores	(120 a 210 cm) reuniões informais	(360 a 750 cm)
	AFASTADO	(15 a 40 cm) mãos	(75 a 125 cm) limite do alcance físico em relação a outrem	(210 a 360 cm) relações profissionais e sociais de carácter formal	(750 cm ou maior) distância imposta por personalidades importantes

Fig. 1 Síntese das distâncias praticadas com base nos critérios de Hall (1986). (fonte: autora)

CAPÍTULO II

2. O CAFÉ COMO PARTE INTEGRANTE DE UMA SOCIEDADE

2.1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Nas suas origens a palavra “café” designava a bebida inventada pelos árabes em meados do século XVI, divulgada no Egito, na Síria e na Pérsia. No ano de 1555, dois sírios abriram em Constantinopla os dois primeiros salões destinados à venda e divulgação da bebida, nascendo os primeiros cafés enquanto estabelecimento, tal como o conhecemos hoje. (Dias M. T., 1999, p. 14). Esta realidade aconteceu de forma lenta, entre o século XVI e XVII. Primeiramente através da expansão do Islão, que leva a bebida até aos Balcãs e à Grécia, passando mais tarde pela Crimeia, Moldávia e Hungria, atingindo no final do século XVII Viena. (Mendes, 2012, p. 40). A chegada a Viena está associada à lenda do sultão turco Kara Mustafa que depois de ter cercado a cidade foi obrigado a fugir deixando para trás os seus pertences, dos quais diversos sacos com sementes até a data desconhecidas, tendo sido reclamadas pelo oficial polaco Georg Kolschizky, responsável pela defesa da cidade. Deste modo surge então em Viena, uma taberna criada por Kolschizky, onde adiciona novas características ao modo de servir um café. Utiliza um sistema de filtros, impedindo que as borras passassem para as chávenas e adiciona natas e mel, melhorando o aspeto escuro, original desta bebida. (Dias M. T., 1999, p. 14)

Devido às trocas comerciais entre Veneza e o Oriente, em finais do século XVI, o café é reconhecido por toda a Europa. Posteriormente o Papa Clemente VII, manifesta interesse nesta bebida e rapidamente chega à Roma. Em pleno século XVIII, já se encontra divulgada por toda a Itália e surgem emblemáticos estabelecimentos como o Quadri [Fig. 2 e 3] e o Florian [Fig. 4 e 5]. O primeiro é fundado em 1725 e o segundo 1760, por Floriano Francesconi anteriormente designado Veneza Triunfante, ambos situados na Praça de São Marcos em Veneza.



Fig. 2 Exterior do café Quadri. (fonte: <http://cupcakesforbreakfast.com/category/travel/>)



Fig. 3 Interior do café Quadri. (fonte: <http://www.italia.it/idee-di-viaggio/arte-e-storia/caffestorici-di-venezias.html>)



Fig. 4 Exterior do café Florian. (fonte: <http://www.caffeflorian.com/en/venice/where-we-are.html>)



Fig. 5 Interior do café Florian (fonte: <http://www.caffeflorian.com/en/venice/florian-venice-service.html>)

A extensão desta especiaria para França deve-se ao italiano Pietro della Valle, que “apresentou a novidade à Câmara do Comércio daquela cidade” (Dias M. T., 1999, p. 16). Em 1686 Francesco Procopio Dei Coltelli, outrora empregado do café mais antigo de Paris, aberto em 1672, inaugura o Procope [Fig. 6 e 7], afirmando-se pelo luxo, elegância e requinte. Aqui surge um novo “estilo de decoração, serviço e confeção culinária” (Pimentel, 2014, p. 254).



Fig. 7 Exterior do café Procope. (fonte; https://en.wikipedia.org/wiki/Caf%C3%A9_Procope)



Fig. 6 Interior do café Procope. (fonte: <http://uk.procope.com/photo/>)

Com a Revolução Francesa de 1789, as classes altas, tornam-se assíduas presenças nestes espaços, levando-as a serem reconhecidos por todo o mundo. Depois do Procope, muitos foram os cafés Parisienses que se multiplicaram ao longo do século XVIII, de destacar o Café de Foy (ainda hoje em funcionamento), o Caveau, Café de Chartres, o Café Mécanique e o Café des Italiens, todos localizados no novo bairro Palais-Royal.

2.2. OS PRIMEIROS CAFÉS EM PORTUGAL

Os primeiros botequins⁵, chegam a Portugal em pleno século XVIII, contudo o hábito de os frequentar, só se fez notar posteriormente ao ano de 1755, graças ao plano de recuperação de Marquês Pombal, que veio introduzir novas perspetivas urbanísticas e comerciais. Estes estabelecimentos eram frequentados maioritariamente por estrangeiros que vinham a Lisboa em negócios. É na capital que a proliferação destes se inicia. Posteriormente expandem-se para o Porto e para o resto do país. Os primeiros botequins surgem por volta de 1740, entre eles, o Botequim da Rosa e o Botequim Madame Spencer. (Dias M. T., 1999, p. 18)

Nos finais do século XVIII e durante o século XIX, passam a ser um “lugar privilegiado na vida da capital portuguesa. O café enquanto bebida nem sempre foi a preferência de todos, mas ainda assim devido a sua afluência crescente passou a exigir locais “cada vez mais especializados e selectivos” (Pimentel, 2014, p. 255). As tabernas passam assim a ser um local completamente diferenciado, nestas era o vinho a principal atração, um espaço de aparência tosca, pouco asseados, eram frequentados por uma camada da sociedade que não pertencia à classe dos intelectuais e burgueses. Face a esta necessidade de tipificar os diferentes espaços os manuais de civilidade do Antigo Regime “salientavam a aprendizagem de comportamentos adequados aos vários locais” (Pimentel, 2014, p. 255).

Marcos Filipe foi o primeiro café verdadeiramente luxuoso na cidade, aquando da sua inauguração esteve presente Marquês de Pombal, situado no Largo do Pelourinho. (Dias M. T., 1999, p. 108) Por sua vez o Café Nicola, pertencente a Nicola Breteiro, contava com a

⁵ Até ao século XIX, os cafés, eram designados de botequins (Oliveira, 2007, p. 9).

presença assídua do poeta português Bocage. Perante o encerramento deste em 1834, um dos seus exemplares empregados, José Pedro da Silva, abre o seu próprio estabelecimento no Rossio, O Botequim das Parras, nome originado pela “decoreção da fachada com uvas e folhas de videira” (Oliveira, 2007, p. 8). Por ser um estabelecimento frequentado por homens atentos ao panorama cultural, adapta o espaço e cria uma área específica para estes, designada “o agulheiro dos sábios”. (Oliveira, 2007, p. 8) Em 1916 é substituído pela Leitaria Central e mais recentemente na década de 50 do século XX pelo snack-bar Pic-nic.

É no século XIX que os designados botequins ganham um novo prestígio e passam a ser designados de cafés. Ostentando uma decoreção de luxo e de entrada restrita, o Marrare do Polimento, de António Marrare foi inaugurado em 1820 e encerrado em 1866. Os Cafés Martinho e Suisso surgem em 1845, no lado Norte da Praça Luís de Camões, atualmente Praça João da Câmara. O Café Suisso foi demolido em 1952. O Café Martinho destacou-se na vida literária da cidade e até ao século XX distinguia-se dos restantes por possuir uma sala destinada unicamente às senhoras, numa altura em que estes espaços eram frequentados somente pelo público masculino. Figuras como Alexandre Herculano, Bulhão Pato e mais tarde Rafael Bordalo Pinheiro era presenças assíduas. A necessidade de adaptação a rede de esgotos da época em 1909 provocou desagrado em alguns dos clientes, pois a perceção que tinham do espaço tinha sido alterada. A abertura da Cidade Universitária originou a perda de muitos clientes, tendo assim sido encerrado em 1968. (Oliveira, 2007, p. 9)

O Café Royal, inaugurado em 1904, no Cais do Sodré era frequentado por distintas personalidades como Columbano Bordalo Pinheiro, Camilo Pessanha, Fernando Pessoa, Gago Coutinho ou Mário Cesariny, tendo durante a segunda Grande Guerra acolhido alemães, franceses e ingleses, tornando-se um polo multicultural. (Oliveira, 2007, p. 10)

No ano de 1903, foi fundada a primeira casa Brasileira, na Rua Sá da Bandeira, na cidade do Porto, por Adriano Telles, Cândido Alves e Fénix de Mello e Alves de Sousa, dedicada somente a venda de café. No ano de 1905 [Fig. 8 e 9], a cargo de Adriano Telles, abriu portas a Brasileira do Chiado, iniciou-se igualmente com a venda de café, sendo três anos mais tarde inaugurada a primeira sala de café em Lisboa, no interior da Brasileira. Graças à decoração renascentista e à criação de uma tabacaria, a Brasileira passa a ser um ponto de encontro para a elite da cidade. (Oliveira, 2007, p. 10) Em 1907 é a vez da Cidade de Braga receber o café Brasileira. No ano de 1911 é inaugurada uma segunda casa, na Praça D. Pedro IV, fazendo concorrência ao Café Martinho e ao Café Suíço, tendo encerrado na década de 60. Em 1916 na antiga casa de ferragens surge o Chave de Ouro no Rossio. “Nos anos 40 e 50 foi local de oposição ao regime vigente do Estado Novo. Em 1958 alberga o lançamento da candidatura de Humberto Delgado, originando [...] o encerramento do café” (Oliveira, 2007, p. 11).



Fig. 8 Exterior do café A Brasileira. (fonte: <http://www.flickrriver.com/photos/edusentch/sets/72157624348165604/>)



Fig. 9 Interior do café A Brasileira. (fonte: <http://www.ezimute.com/pt-PT/lisboa/categorias/cafes--bares-e-discotecas/a-brasileira>)

2.3. REFLEXO DE HÁBITOS SOCIAIS E CULTURAIS

Pelo que foi mencionado nos subcapítulos anteriores é notória a importância que estes espaços foram tendo ao longo dos séculos. Neles discutiram-se ideias, mudaram-se mentalidades e refugiaram-se intelectuais, que marcaram a história de um país. “Estar no café era fazer parte de uma elite reconhecer nisso o privilégio que os outros nisso viam. O mundo dormia sobre cada palavra ali dita e por essa mesma palavra se marcaram encontros históricos ou duelos de morte.” (Menezes, p. 3)

Até aos 60 do século XX, os cafés diferenciavam-se das pastelarias, confeitarias e salões de chá, por estas serem exclusivas ao público feminino. É a partir daqui que os cafés começam a comercializar o seu próprio serviço, acabando por atenuar as barreiras entre os dois espaços e conferir um sentido mais lato à palavra café.

Tal influência, é também possível observar nos meios mais pequenos, em que transparecem a ideia de centralidade e de ponto de encontro. Frequentemente são designados, não pelo seu nome, mas por termos, como “Café Central” ou “Café do Bairro” (Rodrigues S. , 2009, p. 104), que traduzem a influência destes, quer do ponto de vista da organização urbana quer do ponto de vista social. Por norma ocupam um largo sobre o qual se expande a igreja, o jardim ou a Câmara Municipal, caso contrário encontramos-lo geralmente numa esquina da rua principal (“rua das lojas” (Rodrigues S. , 2009, p. 104)).

Entre os séculos XVIII e XIX, os cafés, eram locais de “encontros da cidadania elitista” (Dias F. R., 2011), onde se definiam “tiques sociais e ideológicos [...] classes e grupos sociais [...] podia haver o café dos chiques e o da classe média, o dos intelectuais e o popular, o dos monárquicos e o dos republicanos, o dos de esquerda e o dos de direita” (Dias F. R., 2011, p.

150). Deste ponto de vista, Rodrigues refere que os cafés são muito mais do que meros sítios de passagem, são “lugares de referência na cultura de uma zona e de um povo” (Rodrigues S. , 2009, p. 104).

CAPÍTULO III

3. CASOS DE ESTUDO

3.1. TIPIFICAÇÕES DAS SOLUÇÕES ESTUDADAS

A atmosfera envolta nos cafés assume características que justificam o uso deste, enquanto objeto de estudo, para o presente trabalho. Uma vez que se pretende um entendimento entre as relações espaciais e a dimensão humana e que tal compreensão poderá ser obtida através da experiência do “eu”, os cafés pela diversidade de significados que podem apresentar, revelam-se de extrema pertinência para aquele que é o objetivo desta dissertação. Esta diversidade de significados é-nos dada quer pela diversidade de ambientes espaciais quer pela multiplicidade cultural e social. Além disto, pelo seu carácter, semipúblico, permitem uma observação direta, passível de regularidade, fundamental na obtenção de resultados, permitindo compreender como diferentes características espaciais originam ou não um padrão comportamental por parte dos seus utilizadores. Os cafés são espaços de consumo, que refletem as necessidades básicas do ser humano, permitindo formas de estar e de interação social mais descontraídas, genuínas e informais, promovendo encontros entre vários modelos culturais de forma livre e autêntica, e, por sua vez, diferentes níveis de contacto entre indivíduos.

Os casos de estudo são constituídos por três cafés distintos: a *Pastelaria Versailles*, o *Pois, Café* e o café inserido na livraria *Ler Devagar*. Para o presente estudo interessam casos dissemelhantes que possibilitem conclusões que traduzam as várias formas de apropriação do espaço. É neste sentido que a seleção dos casos de estudo se justifica por apresentarem características distintas. Localizados na cidade de Lisboa, assumem contextos urbanos e características espaciais diferenciadas. Da *Pastelaria Versailles*, considera-se o seu carácter histórico. Um estabelecimento que perdoou no tempo, sem sofrer alterações, mantendo-se fiel à imagem que que assumia aquando a sua inauguração, ao mesmo tempo que o contexto

social da cidade se ia alterando. O *Pois, Café*, por ser um espaço recente que vem ocupar um edifício do século XIX, inserido numa zona histórica da cidade e com uma informalidade muito particular. O café inserido na livraria *Ler Devagar*, por ser um caso peculiar, que depende do funcionamento desta, ao mesmo tempo que esta adquire expressão com este.

Para analisar a relação entre o ambiente físico e o ambiente social de cada espaço foi adotada uma metodologia semelhante nos três casos. No decurso de várias visitas aos locais foram observados os espaços, os seus utilizadores e a relação entre estes. Primeiramente houve necessidade de compreender a organização espacial de cada espaço, uma vez que no momento da análise direta da experiência dos seus utilizadores, possibilitaria um melhor entendimento e centralidade nestes. Para tal recorreu-se a fontes, que assegurassem dados concretos e históricos, através de material bibliográfico e iconográfico, e, só posteriormente se partiu para o trabalho de campo, que tendo em conta o objetivo do presente trabalho, foi de extrema importância para os obter resultados. A pesquisa no terreno foi fundamentada com várias visitas a cada caso de estudo, através da observação direta em períodos horários distintos e pelo registo fotográfico e pelo parecer cedido em conversas informais com os empregados e/ ou clientes. Concluído o trabalho de campo, os dados recolhidos foram organizados e analisados permitindo assim estabelecer comparações e conclusões.

3.2. PASTELARIA VERSAILLES

Localização: Av. da República, 15

Horário: 2ªfeira a Domingo. 7.30h às 00.00h

Tipo de Serviço: Pastelaria, Casa de Chá, Restaurante

Fundação: 1922



Fig. 10 Localização da *Pastelaria Versailles*. (fonte: adaptado de www.google.com)

A *Pastelaria Versailles*, reconhecida até 1926 por “Patisserie Versailles”, (Leite, 2013) encontra-se localizada num importante eixo de ligação da cidade de Lisboa, a Avenida da República. De planta retangular irregular ocupa o rés-do-chão de um edifício de seis pisos, decretado como Imóvel de Interesse Público, uma obra de inspiração francesa com elementos neobarrocos do Arquiteto Manuel Joaquim Norte Júnior (1878-1962), construída no ano 1919 por José Tomás de Sousa, a pedido de João Antunes Lopes [Fig. 11 e 12]. (Pinho, 2015) Inaugurada nos anos 20, numa sociedade que começava a recuperar das consequências da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Nas grandes cidades Europeias viviam-se profundas mudanças no paradigma social e político, e, Portugal não foi exceção. Ainda que um pouco mais tarde, começa também a adotar novos modos de vida e a mudar mentalidades. É neste contexto que é fundada a Versailles, fruto do desejo dos sócios Salvador José Antunes e José

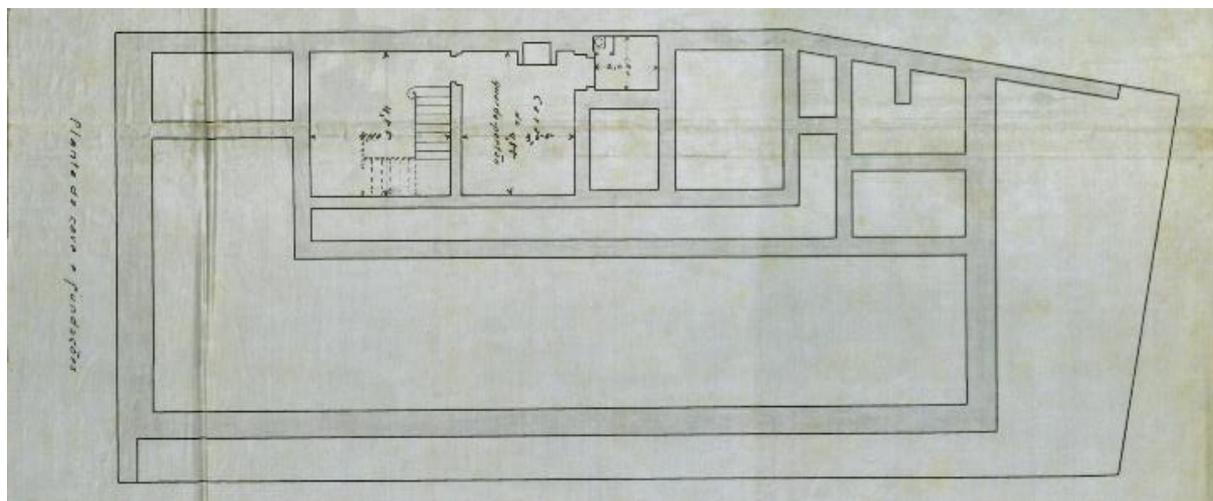


Fig. 11 *Pastelaria Versailles*. Planta original. Cave. 1921. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 3794 – processo 2261 – folha 2)

Monteiro Vinhais, donos da Firma “Antunes & Vinhais”, de inculir em Portugal o espírito dos grandes cafés europeus.

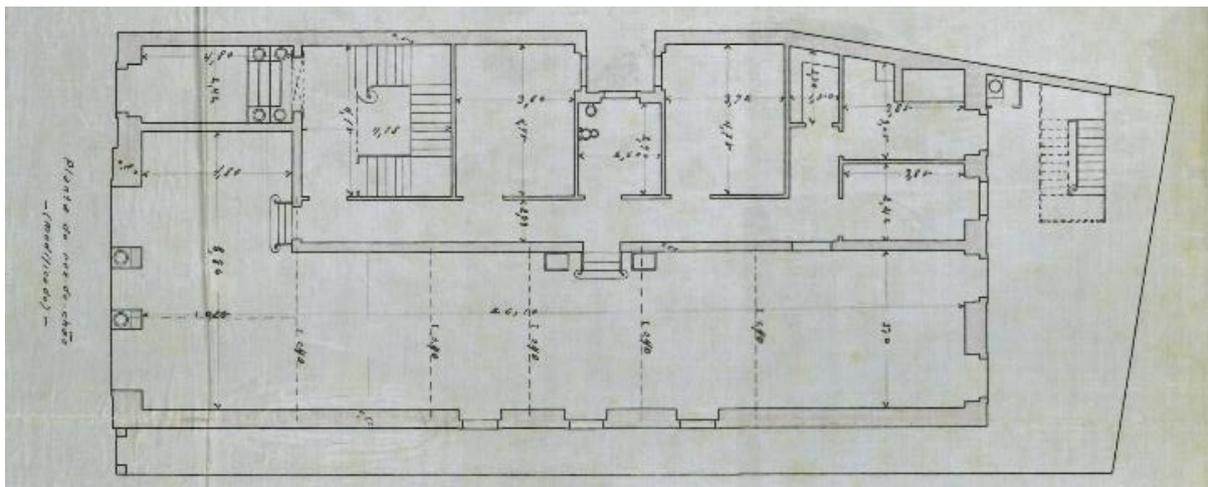


Fig. 12 *Pastelaria Versailles*. Planta original. Rés do chão. 1921. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 3794 – processo 2261- folha 2)

Desde o projeto original até a atualidade podemos apontar dois momentos que provocaram alterações consideráveis no interior da pastelaria. No ano de 1947 [Fig. 13] é relevante destacar a construção de um corpo anexo nas traseiras, ampliando a casa de forno; construção de pilastras e tabiques transversais, formando uma sala junto ao estabelecimento, servida por uma escada, visto o seu pavimento, de laje em betão revestida com mosaico cerâmico, ser superior ao pavimento do estabelecimento; construção de uma cave para instalações sanitárias; ampliação do vão central para o saguão, para guarnecer de vitral e, das montras [Anexo III] existentes na fachada principal, com aplicação de armação de ferro forjado e chapas de vidro. (s/a, 1947)

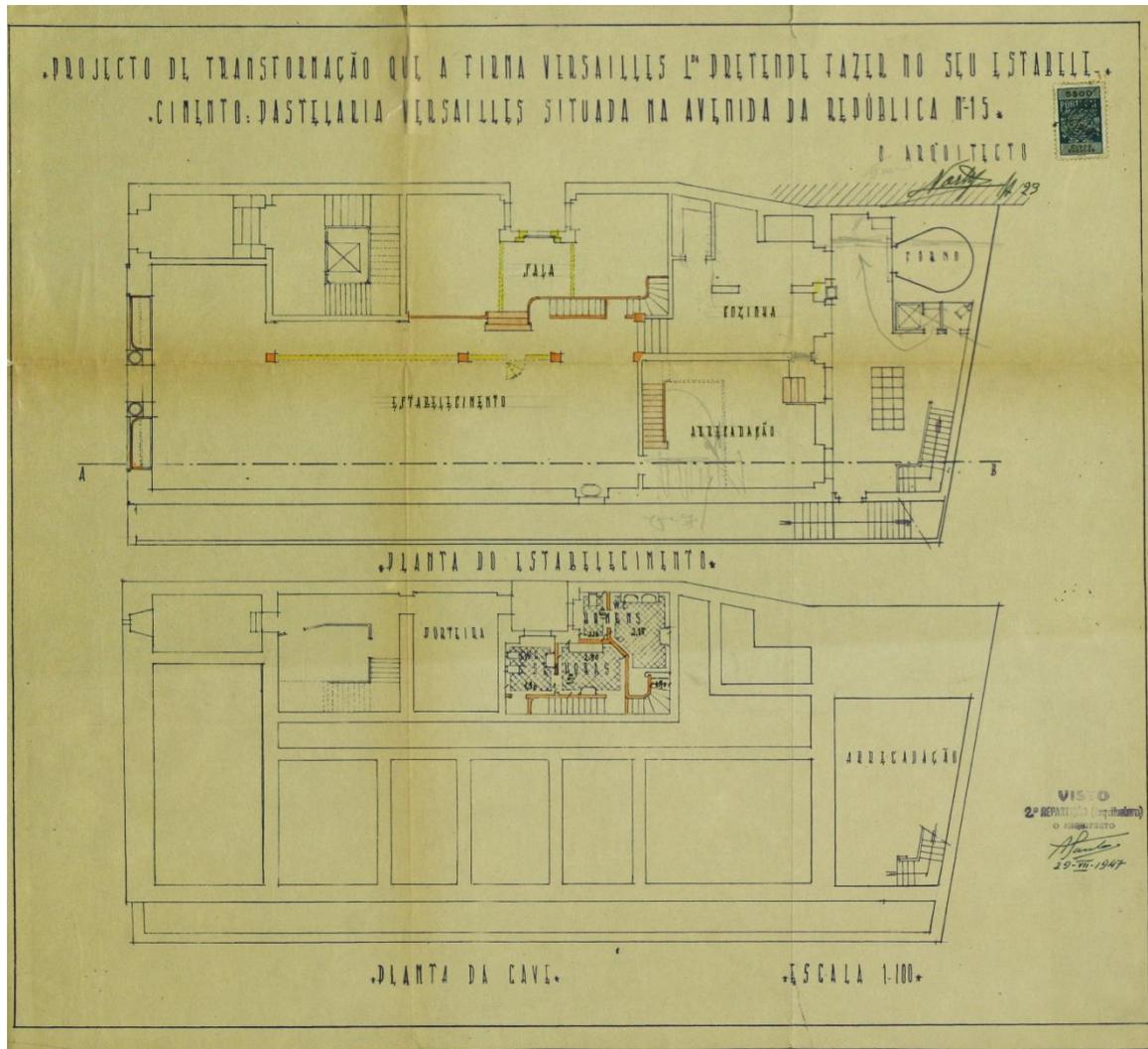


Fig. 13 Pastelaria Versailles. Projeto de alterações. Rés do chão e cave. 1947. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 3794 – processo 27672 – folha 55)

No ano de 1985 [Fig. 14 e 15] três sócios, António Marques, Paulo Gonçalves e Horácio Fernandes, assumem a gerência da Versailles, adaptando o espaço a restaurante. Decidem não alterar em nada quer o aspeto exterior, quer o salão. As alterações incidem apenas sobre zonas interiores de apoio que carecem de urgente remodelação. Pretendem valorizar a casa e a sua longa tradição, enquanto ponto de encontro da vida Lisboeta. Adaptar a casa a restaurante de 1ª classe, justifica-se, uma vez que a atividade como salão de chá era inviável do ponto de vista económico. Ainda assim a Versailles mantém o serviço de pastelaria/salão de chá durante todo o dia, porém de carácter secundário. Com a entrada da nova gerência são restauradas as pinturas e ornamentações e mantém-se o mobiliário existente à exceção dos balcões incaracterísticos, colocados há poucos anos, que são substituídos por um único corrido. A parte sobrelevada da sala é particularmente cuidada, recebe novas mesas e cadeiras, igualmente estofadas a couro e o pavimento é revestido com alcatifa de cor discreta. São criadas novas instalações sanitárias, substituindo as já obsoletas situadas na cave. O pavimento e as paredes são revestidas a mármore. A cave assume o espaço de armazém, as antigas instalações sanitárias para clientes, são adaptadas, passando a incluir zona de duche e armários individuais para os empregados. (Antunes, 1985)

Até hoje, a Pastelaria continua ao cuidado da gerência de 1985, não tendo sofrido alterações de maior, à exceção de obras de restauro que ocorrem aproximadamente a cada doze anos.

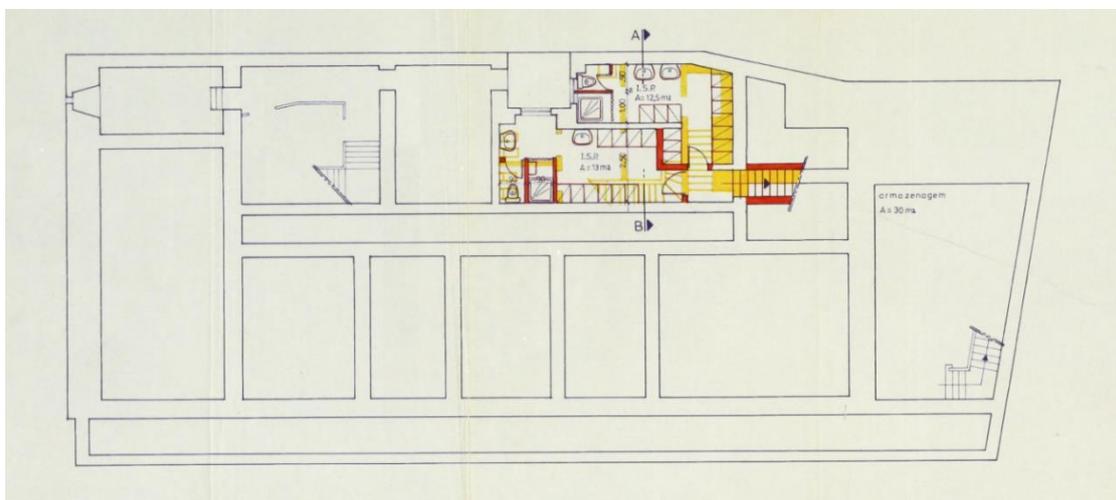


Fig. 15 *Pastelaria Versailles*. Projeto de alterações. Cave. 1985. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 3794 – processo 11796) – folha 7

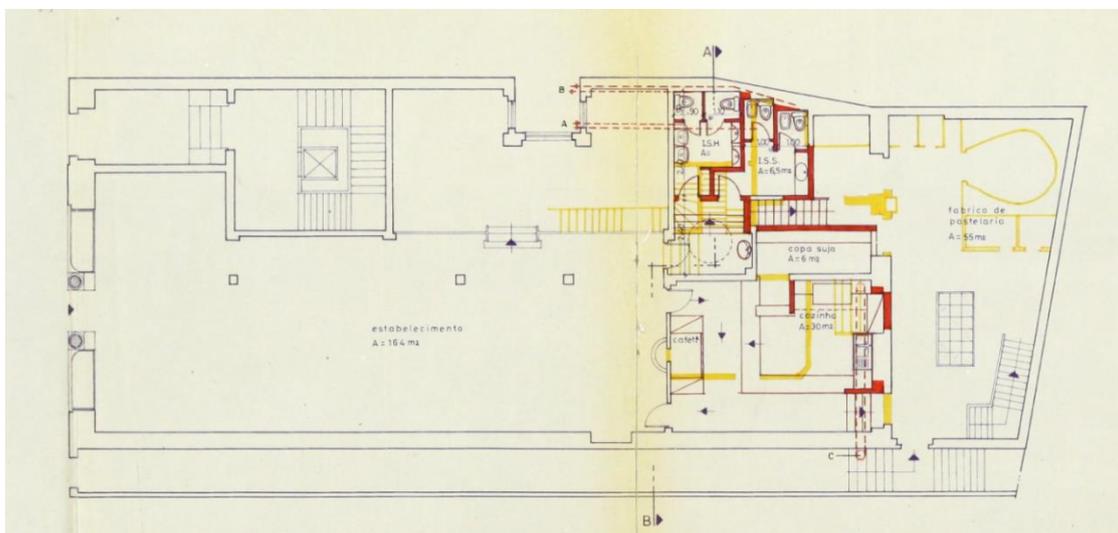


Fig. 14 *Pastelaria Versailles*. Projeto de alterações. Rés do chão. 1985. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 3794 – processo 11796 – folha 7)

3.2.1. Relação com a envolvente

O acesso ao interior da Versailles é realizado pela fachada principal, composta por duas vitrines de aros metálicos, separadas por uma porta de madeira, ladeada por colunas, com os capitéis e fuste articulados com motivos florais. Na parte superior das vitrines encontra-se um corpo metálico onde se pode ler, do lado esquerdo “Pastelaria” e do lado direito “Restaurante”. Do mesmo modo, por cima da porta identifica-se o nome da Pastelaria. A relação exterior/interior é inexistente. Há um fechamento evidente em relação à rua, possibilitado pela película autocolante (fotografias a preto e branco) nas vitrines, na da direita no vidro a face (não existe exposição de produtos) e na da esquerda no vidro interior; pelo recuo da porta (aprox.80cm) e pela própria disposição do espaço interior, comprido e perpendicular à fachada.

Frente à entrada, separada pelo passeio, encontra-se a esplanada, em forma retangular, com duas filas de mesas, cobertas por uma toalha verde escuro. No total são oferecidos dezasseis lugares sentados. O piso é a própria calçada. Para vedar o espaço são usadas guardas em vidro com cerca 1,50 metro e nas laterais um único vaso, com cerca de 0,90 metros de altura. A sombra é originada com recurso a três tapas-sol em branco com o nome da Pastelaria a verde.



Fig. 16 *Pastelaria Versailles*. Acesso. Vista exterior. (fonte: autora)



Fig. 17 *Pastelaria Versailles*. Pormenor. (fonte: autora)

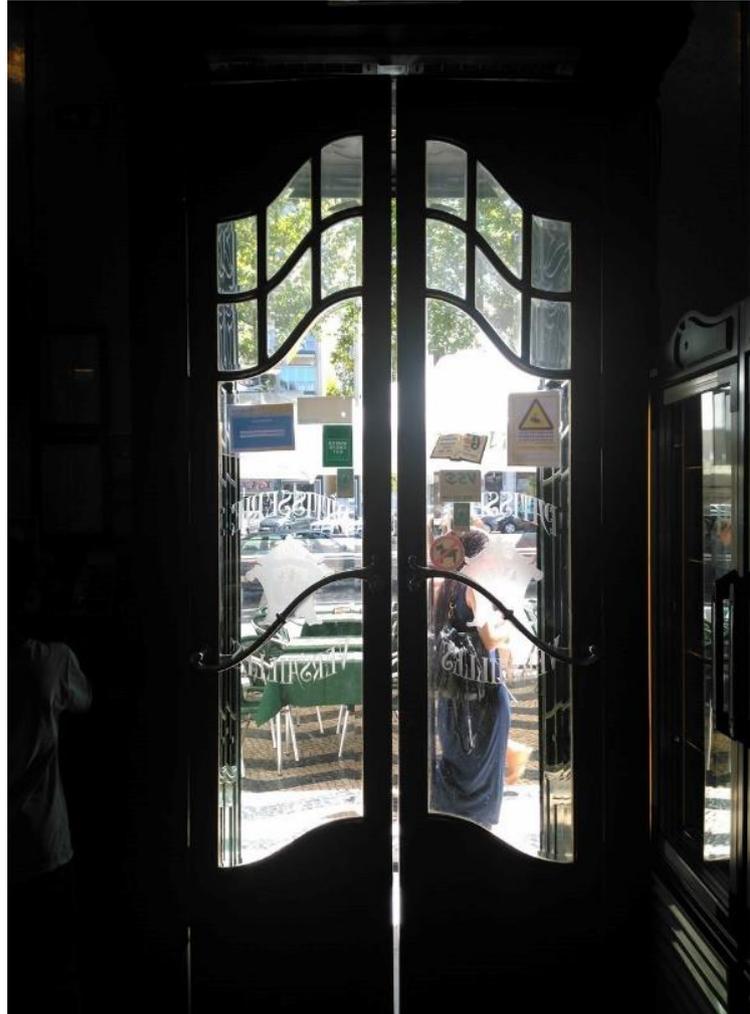


Fig. 18 *Pastelaria Versailles*. Acesso. Vista interior. (fonte: autora)



Fig. 19 *Pastelaria Versailles*. Montras que centralizam a porta de acesso ao interior. (fonte: autora)



Fig. 20 *Pastelaria Versailles*. Vista da esplanada. Ligação entre o interior e o exterior é interrompida pelo passeio. (fonte: autora)

3.2.2. Organização Espacial

No interior da Versailles sobressaem duas áreas distintas. Uma pequena sala sobrelevada, reservada unicamente ao serviço de refeições (almoços e jantares) e a sala principal que para além de ser o ponto de chegada e saída de clientes, acolhe todas as funções da Pastelaria e faz a ligação a zonas secundárias (instalações sanitárias, cozinha e fábrica).

Assim que entramos na Versailles, estamos na sala principal, é a zona mais antiga e que sofreu menos alterações desde a construção original. Pelo lado direito apresenta-se um longo balcão/expositor em vidro e com base em madeira. Por trás deste, a todo o comprimento da parede situam-se um conjunto de expositores em vidro e madeira esculpida com as costas forradas a espelho. Paralelamente ao balcão encontram-se alinhadas duas filas de mesas. À entrada do lado esquerdo, posicionam-se dois expositores refrigerados em vidro de forma quadrangular, com sensivelmente 2 metros de altura que limitam a vista para o espaço atrás destes. Um pequeno recanto onde se encontra outro conjunto de mesas. Dispostas em três filas, cada uma dividida em duas partes, perpendiculares ao balcão e paralelas à entrada. No total a sala principal dispõe de trinta mesas, oferecendo um total de sessenta lugares sentados. As mesas e as cadeiras são todas em madeira. O tampo é coberto por duas toalhas, uma branca por baixo e uma verde ou vermelha a sobrepor.

As paredes laterais da sala principal, em tom creme, estão decoradas com painéis em forma de meia circunferência com vistas dos jardins de Versailles, contornadas por uma moldura de espelhos.

A parede ao fundo da sala possui ao centro um espelho em forma circular que marca a zona de passagem de loiça, emoldurada em madeira trabalhada, com um elemento escultórico que

chega aproximadamente ao meio do espelho. À frente desta encontra-se um aparador em madeira, igualmente trabalhada, com tampo em mármore, que serve de apoio a esta zona. Ao lado deste encontram-se dois pequenos expositores refrigerados semelhantes aos da entrada. Este conjunto é ladeado por duas portas em madeira, evidenciadas por vitrais com motivos vegetais de Ricardo Leone⁶ (1891-1971) (Machado, 2006), que dão acesso ao escritório e a cozinha (através desta acede-se à fábrica). Nesta parede há ainda uma terceira porta, mais discreta, evidenciada apenas com um pequeno medalhão, que dá acesso às instalações sanitárias. Este acesso é individualizado da zona de serviço com uma divisória em madeira. A sala principal é toda revestida com quadrados de mármore, em tons branco e preto.

Seguindo a parede do fundo, depois da entrada para as instalações sanitárias, estende-se por 4,52 metros a sala de refeições, sobrelevada 0,68 metros. É separada da sala principal por um corrimão em ferro e acedida por três degraus em madeira. Em frente a estes pode-se ver mais um vital de Ricardo Leone, desta vez com motivos florais, que compõe um dos lados do saguão. Por baixo deste há um aparador em madeira que serve de arrumo e de apoio ao serviço nas refeições. As paredes ao lado estão compostas por dois pequenos medalhões com imagens humanas. Nesta zona as paredes, são na parte superior debruadas, de forma muito subtil, com recurso à pintura. O pavimento é revestido com pequenos tacos de madeira. Nesta zona a disposição das mesas é um pouco aleatória, algumas estão isoladas outras agrupadas em duas ou em três, totalizando dezoito mesas e trinta e seis lugares sentados.

⁶ Principal responsável pela revitalização da arte do vitral em Portugal, no início do século XX.

As mesas e as cadeiras assumem o mesmo material e são apresentadas da mesma forma que a sala principal.

O teto da sala principal é dividido por vigas em seis partes. Cada uma contornada com estuques brancos, enfatizados por pequenos medalhões onde estão representados a óleo cestos florais, estando ao meio um lustre. A zona de refeições é bastante mais simples, contando somente com sanca. Em ambas as áreas são aplicados lustres iguais, no primeiro seis e no segundo pela dimensão inferior apenas um. Todo o espaço possui um lambril em madeira trabalhada. A iluminação natural é obtida da fachada principal e pelo saguão, estando o espaço dependente da iluminação artificial, que lhe confere um ambiente padrão e intimista diariamente.

Todo o espaço é caracterizado pela decoração com materiais ricos e a preocupação com o detalhe, fazendo da Versailles um espaço requintado, único e uma evocação do passado.



Fig. 21 *Pastelaria Versailles*. Sala principal. (fonte: autora)



Fig. 22 *Pastelaria Versailles*. Área sobrelevada. (fonte: autora)



Fig. 23 *Pastelaria Versailles*. Detalhes decorativos. (fonte: autora)

3.2.3. Espaço humanizado

Desde 1985 até hoje, o número de empregados aumentou, sensivelmente o dobro. Alguns têm mais de trinta anos de casa, outros mais jovens, vão e vem. Os empregados da Versailles que atendem os clientes são maioritariamente do sexo masculino. Das visitas realizadas apenas uma empregada foi vista. Estes apresentam-se fardados com calça preta, camisa branca, colete e laço (os que servem ao balcão) vermelho (semelhante ao tom das toalhas) ou gravata preta (os que servem às mesas) e avental branco. A relação com os clientes é bastante cuidada, sempre com uma certa formalidade. Muitos são tratados pelo nome.

Se em anos passados a clientela da Versailles pertencia somente às classes altas, hoje em dia é também frequentada por anónimos pertencentes à classe média. Numa das visitas⁷ ao espaço, numa mesa reuniam-se Condes de Espanha⁸, noutra uma idosa, antiga cliente, acabava o seu pequeno almoço e pedia ao empregado a sopa para levar para casa, um ritual que cumpre todos os dias. Além de ser um local histórico, o número de turistas não se sobrepõe aos portugueses. Há uma diferença substancial entre dias de semana e fim-de-semana. Durante a semana a Versailles é frequentada maioritariamente por trabalhadores das empresas em redor, sendo que ao fim-de-semana é o ponto de encontro para reuniões familiares. Certo sábado, por volta das 13 horas entra um casal, com idade superior a 65 anos, dirige-se para uma mesa com seis lugares. Sentam-se ao meio, um de cada lado, e esperam a chegada dos netos. Primeiro entra uma neta e minutos depois juntam-se os restantes.

⁷ A partir da observação realizada durante a semana, no período da manhã.

⁸ Informação cedida pelo Sr. Fernando Reis. O segundo empregado mais antigo. Trabalha na Versailles há trinta e dois anos. Anteriormente chegou a trabalhar na Casa Sequeira e na Confeitaria Nacional.

os fins de semana o número de clientes é inferior, existindo um certo silêncio e calma, que não se observa durante a semana, onde se respira alguma correria e azáfama, quer dos clientes quer dos empregados. Durante a semana há um contraste notório de comportamentos entre a clientela. Para uns é o sitio para passar a tarde ou a manhã, para outros a pausa necessária num dia de trabalho, o local ideal para reuniões informais ou ainda um ponto turístico a descobrir. Numa mesa uma senhora de meia idade termina o seu pequeno almoço e noutro instante uma jovem turista entra, um empregado sugere-lhe um lugar, ela poussa a sua mala e desloca-se pelo espaço a tirar fotografias, ocupa depois o lugar e aguarda o seu pedido.⁹

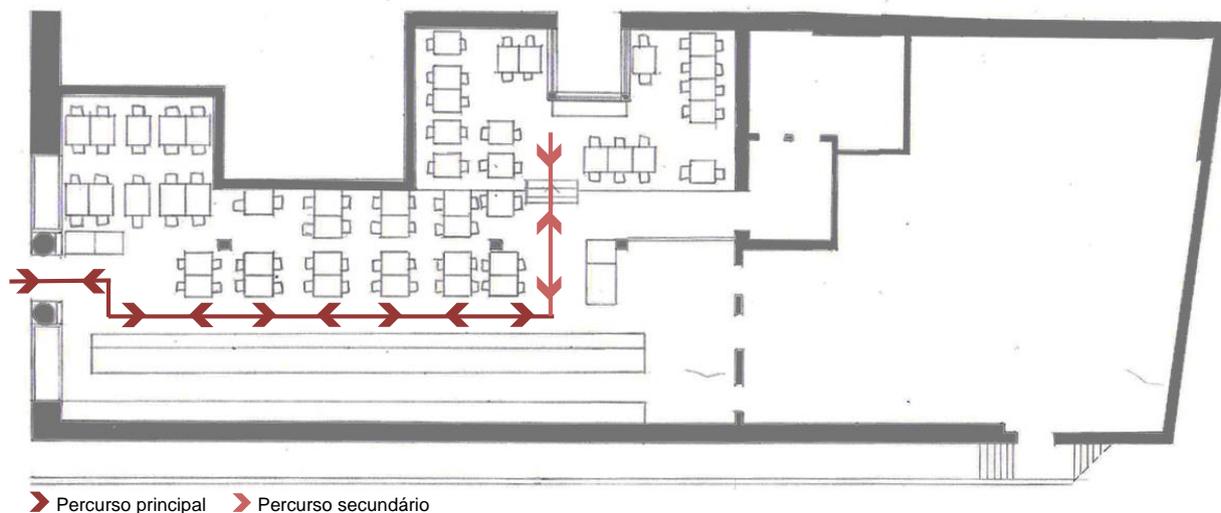


Fig. 24 *Pastelaria Versailles*. Circulação pelo espaço. (fonte: autora)

⁹ A partir da observação realizada durante a semana, no período da manhã.

Indivíduos com idade inferior a trinta e cinco/quarenta anos, não são clientes habituais da Versailles, à exceção dos turistas, onde se verifica uma grande diversidade das faixas etárias.

No que toca à ocupação do espaço, há uma clara divisão entre a zona sobrelevada e a sala principal. Se existirem mesas disponíveis na sala principal a maior parte dos clientes prefere tomar aqui as suas refeições. O número de clientes é geralmente superior nas mesas do que ao balcão (à hora de almoço cerca de $\frac{1}{4}$ é preparado para servir refeições) que se estende ao longo da sala principal. Entre os dias de semana e o fim de semana a apropriação deste, muda drasticamente. No primeiro período é utilizado frequentemente por clientes que procuram um serviço mais rápido. Destes alguns ficam em silêncio, limitando-se a fazer o pedido, outros conversam com os empregados que garantem o serviço ao balcão.

3.3. POIS, CAFÉ

Localização: Rua São João da Praça, 93 - 95

Horário: 2ªfeira. 12.00h às 23.00h

3ªfeira – Domingo. 10.00h às 23.00h

Tipo de Serviço: Café, Sanck-bar

Fundação: 2005



Fig. 25 Localização do *Pois, Café*. (fonte: adaptado de www.google.com)

O, *Pois, Café* encontra-se localizado no fim da Rua São João da Praça, junto a Sé de Lisboa, no bairro mais antigo da cidade, Alfama. Abre ao público em 2005, fruto da parceria entre duas austríacas, Barbara Oscwalt e Catherine Bauer, um projeto de reabilitação assinado pelo Arquiteto Ricardo Calheiros Ramos. Ocupa parte do rés-do-chão de um edifício de quatro pisos, mandado contruir em 1857 por Domingos José Vieira com a colaboração do Engenheiro Pedro José Pézerat (1801-1872). (Vieira, 1857) Calcula-se que em 1903 o rés-do-chão servia um armazém de bacalhau. Desde a construção até aos anos 90 do século XX, pouca informação se conseguiu apurar, à exceção de fotografias do exterior do edifício [fig. 26 e fig. 27].



Fig. 27 Edifício do *Pois, Café*. Vista alçado principal. 1907. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - cota: FAN000708)



Fig. 26 Edifício do *Pois, Café*. Fachada sul. 1901. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa – cota FAN003734)

Em 1994, onze anos antes da inauguração do *Pois, Café*, o rés-do-chão do edifício passa a acolher um restaurante, bar e café concerto. [Fig.28], uma obra do Arquiteto João Luís Santos de Carvalho encomendada por Maria Brito das Neves. O projeto não afeta a imagem arquitetónica existente, mantendo o traçado original. (Carvalho J. L., 1994) Em 2005, o *Pois, Café* vem ocupar a área destinada a café concerto. Atualmente, o restante piso é ocupado por outros estabelecimento de restauração, desenvolvendo-se nos restantes uma pensão.

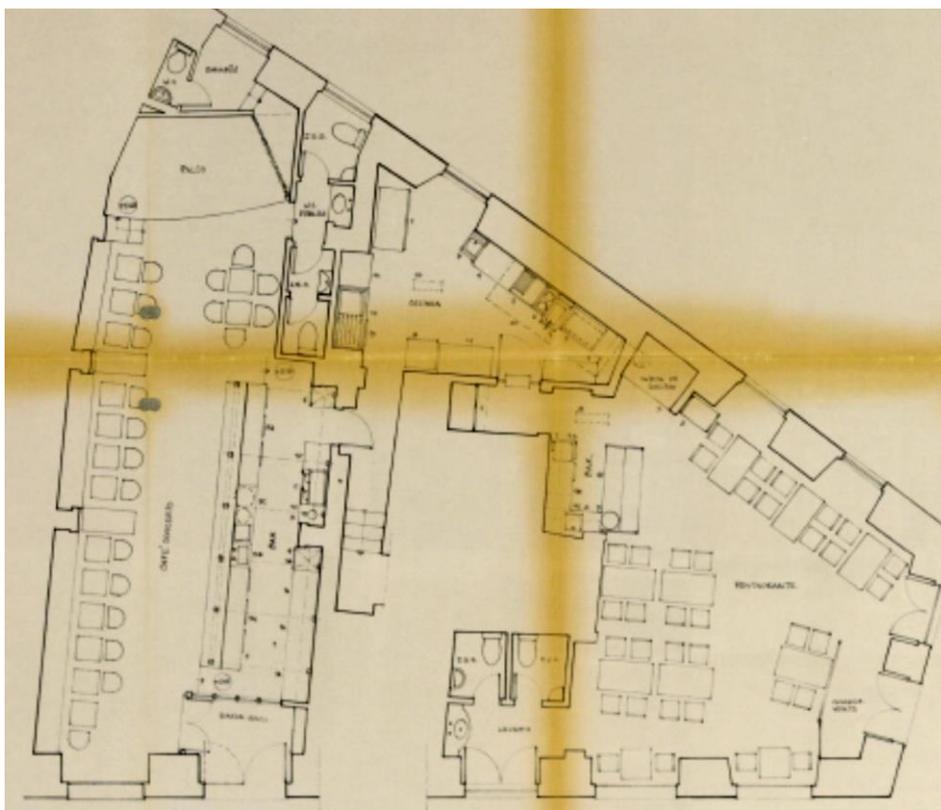


Fig. 28 Rés-do-chão do edifício. Planta. 1994. Ocupação anterior ao *Pois, Café*. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 34348 – processo 260 - Folha 44)

3.3.1. Relação com a envolvente

A frente do edifício dá para uma pequena rua, ladeada por edificado de características semelhantes, onde a passagem de automóveis é mínima relativamente ao número de transeuntes. Típico desta zona da cidade, vive do “entra e sai” dos diversificados estabelecimentos que ocupam o primeiro piso destes edifícios. A fachada ao nível do piso térreo é marcada ao centro por uma porta e uma janela, permitindo o acesso ao interior do edifício e em ambos os lados por duas portas, estas também de folha dupla, de maior dimensão, acompanhando o pé direito do piso. A fachada sul, apresenta vãos de menor dimensão, todos iguais seguindo uma única métrica entre si, de alguns resta apenas a linha de contorno, uma vez que estão fechados com blocos de tijolo, o que denuncia a idade do edifício e a necessidade de adaptação dos indivíduos que ao longo do tempo o foram habitando. Todos os vãos são contornados por uma moldura retangular de pedra, exceto os das lojas, que se evidenciam pela forma em arco. Na parte respeitante ao *Pois, Café* a entrada é realizada pelo lado direito. Habitualmente ambas as folhas estão abertas. Assim a entrada é controlada com recurso a uma cortina, recuada em relação a esta. Corre através de um corpo metálico que desenha uma semi-circunferência, sendo o espaço entre este e a fachada a sugestão de um pequeno hall. A porta ao lado esquerdo, assume outras funções. Antecedesse-lhe um vidro único de dimensões iguais, onde se pode ler “Pois, Café”. Além de identificar o espaço permite o contacto visual entre o exterior e o interior.

3.3.2. Organização espacial

Entre o projeto de 1995 e de 2005 [Fig.29] poucas alterações se podem apontar do ponto de vista construtivo, optando-se por manter a amplitude espacial, recorrendo a elementos decorativos para dividir o espaço. O interior do *Pois, Café* apresenta-se num só corpo. De planta retangular irregular, atravessa o edifício num gesto único, perpendicularmente à fachada principal.

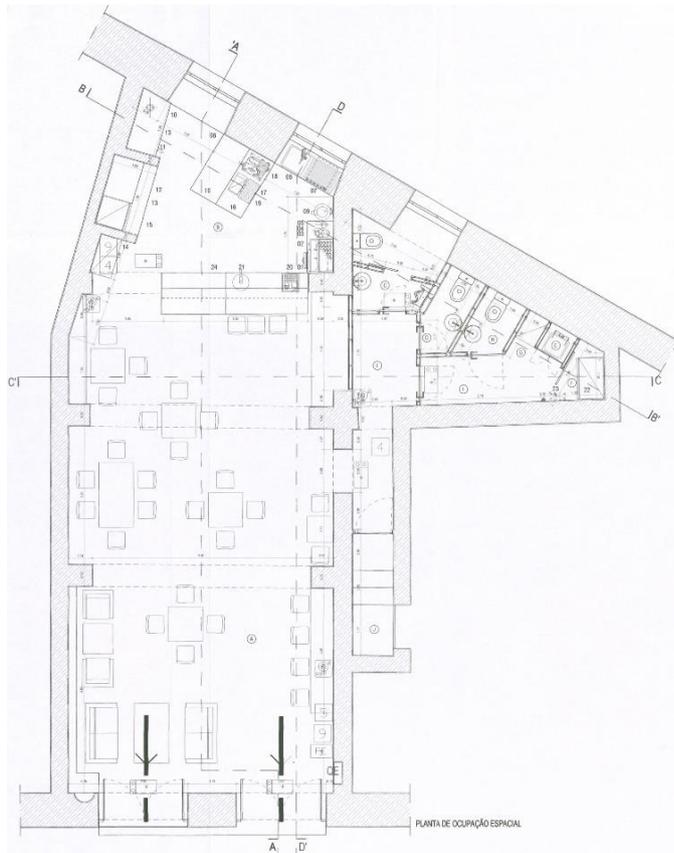


Fig. 29 Planta *Pois, Café*. 2005. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 34348 – processo 156 - Folha 119)

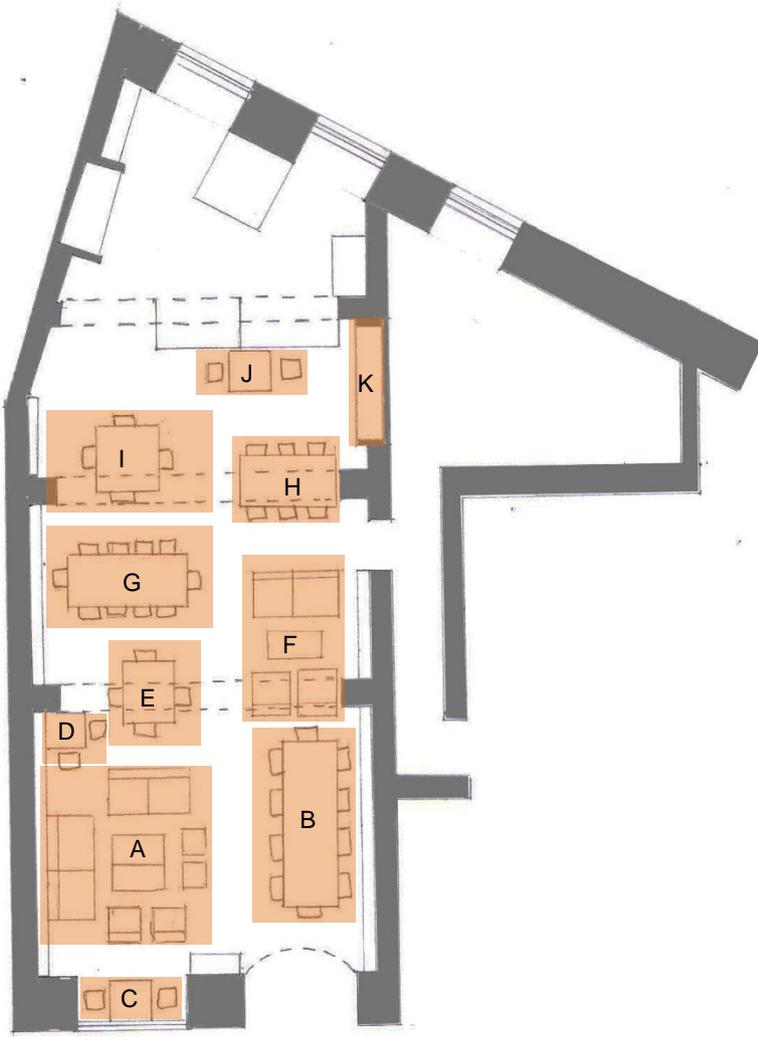


Fig. 30 *Pois, café*. Identificação das diferentes áreas criadas pela conjugação e diversidade de peças de mobiliário. (fonte: autora)

Assume dois momentos, a zona destinada aos clientes com 70.6 m² e a zona de atendimento/cozinha com cerca de 15.9 m². Antes de as duas zonas se tocarem a parede estrutural que delimita todo o espaço é quebrada, denunciando o acesso às instalações sanitárias e arrumos. Todo o espaço é fortemente marcado pelos três arcos de sustentação da laje. O último assinala a mudança entre a área de clientes e a cozinha. Este limite é enfatizado pela presença de um balcão e de um expositor. A sala ampla ganha expressão através do mobiliário que permite dividir o espaço em pequenas áreas, cada uma associada a uma cidade (Buenos Aires, Marraquexe, Viena, Sidney,

Moscovo e Fuji) resultando numa diversidade de formas, texturas e cores. Junto à entrada, surge a mesa de maior comprimento com dez lugares; à esquerda duas arcas, com a função de mesa de apoio [Fig. 34], é centralizada por um conjunto de dois sofás, oferecendo quatro lugares, duas poltronas e duas cadeiras; ao lado deste núcleo, junto ao vão e ao início do primeiro, é imposta uma pequena mesa de pé alto, acompanhada por dois bancos. Posterior a este primeiro momento, segue-se, até ao segundo arco estrutural, uma mesa retangular com dez lugares e uma quadrangular, mais individualista, com quatro lugares e ainda uma arca, semelhante à mencionada atrás, circundada por um sofá para duas pessoas e duas poltronas. De seguida, na zona que antecede a cozinha/balcão, encontra-se um divã alto aconchegado entre dois pilares [Fig. 33], para duas pessoas, uma mesa alta igual a que se encontra junto ao vão na entrada, uma mesa retangular para seis pessoas e ainda uma para quatro pessoas¹⁰.

Nas paredes laterais até a área da cozinha, uma parede em tijolo, desempenha duas funções, de lambril que confere algum conforto ao sobrepor-se à pedra desgastada, e como elemento decorativo, onde estão dispostos inúmeros livros e revistas. O ambiente interior resulta essencialmente de dois elementos: das marcas da construção original e do uso de elementos decorativos para dimensionar o espaço.

O pavimento em pedra, denuncia a idade da construção. As paredes à exceção de uma lateral, entre a fachada principal e o primeiro arco, bem como o teto foram rebocados e finalizados com tinta branca.

¹⁰ Resultado da observação em dia de semana, no período da tarde. A disposição dos lugares pode variar de acordo com a necessidade e/ou o número de elementos de um grupo de clientes.

Ainda que de planta longitudinal, durante o dia o espaço vive da iluminação natural, projetada pelos vãos em ambas as fachadas e pelo branco usado nas paredes e no teto. Na iluminação artificial são usados pequenos pontos de luz na sala, e na parte do teto que abrange a cozinha pendem quatro candeeiros de luz branca.

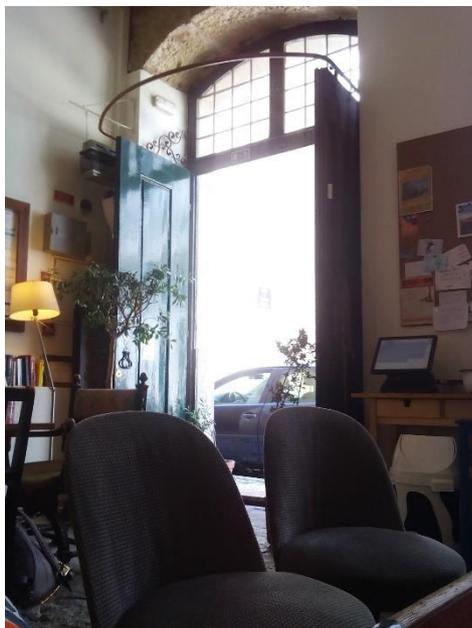


Fig. 32 *Pois, Café*. Entrada. Vista do interior. (fonte: autora)



Fig. 31 *Pois, Café*. Pormenor. Iluminação artificial. (fonte: autora)



Fig. 33 *Pois, Café*. Área definida por mobiliário. (fonte: autora)



Fig. 34 *Pois, Café*. Área definida por mobiliário. (fonte: autora)

3.3.3. Espaço humanizado

Os empregados distinguem-se pelo uso de avental, que varia em cor e tamanho. Estes assumem várias nacionalidades, ainda que todos falem português. A relação entre empregado/cliente é desprovida de formalidades.

O serviço ao balcão é praticamente inexistente. Os clientes quando entram no espaço procuram um assento disponível e aguardam a chegada de um empregado. É comum pessoas desconhecidas ocuparem a mesma zona, algumas demonstram-se hesitantes, mas por pouco tempo, o que evidencia o ambiente intimista do espaço. A meio do dia duas clientes¹¹, turistas, com mais de cinquenta anos, ocupam as cadeiras na área A [Fig.30], conversam uma com a outra enquanto almoçam, ao mesmo tempo que uma jovem, portuguesa, ocupa o sofá de frente para estas. Na mesa ao lado (área B) um grupo de quatro jovens turistas almoça e troca risadas, enquanto que na cadeira ao lado um homem português ocupa-se no computador. A partilha do mesmo espaço é permitida, mas não há diálogo. O contacto visual é momentâneo. A criação de diferentes áreas poderia à partida inibir que desconhecidos as ocupassem, mas a desconstrução provocada pela mistura de peças apela a uma certa desinibição, levando diferentes clientes a apropriarem-se do mesmo sofá ou da mesma mesa. No entanto há áreas (ex. área C e E) em que, tal não se observa, obviamente pela redução de lugares, mas também pela neutralidade e igualdade dos assentos. Outro fator que pesa no comportamento observado é a distância entre estes.

¹¹ A partir da observação realizada num sábado, no período de almoço.

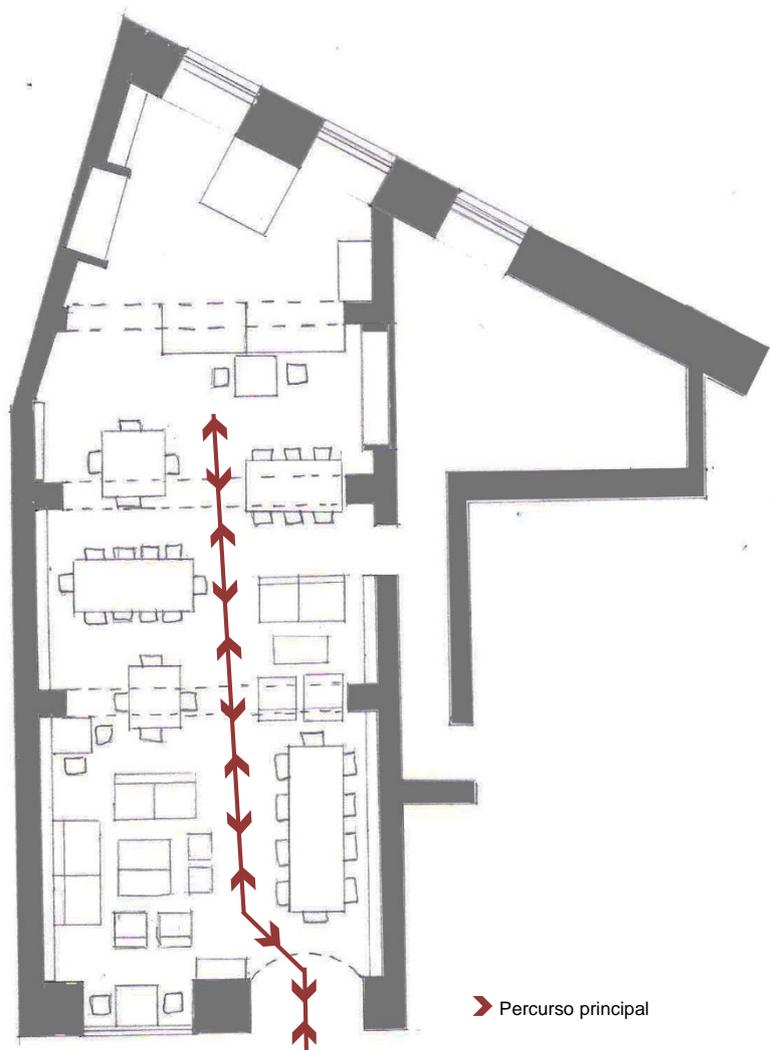


Fig. 35 *Pois, Café*. Circulação pelo espaço. (fonte: autora)

O espaço é frequentado por todas as faixas etárias, à exceção dos mais de sessenta e cinco anos que se observam em menor número, e, por indivíduos de diferentes nacionalidades.

A vivência no espaço é fortemente marcada pela atmosfera multicultural. Desde os clientes e empregados que assumem diversas nacionalidades, à decoração, às atividades que proporciona como a biblioteca *second hand*¹², pequenas exposições e alguns concertos de artistas locais.

¹² Uma biblioteca *second hand*, permite levar livros ou semelhante, sem qualquer custo, através da troca destes. Para levar um livro tem que trazer outro.

3.4. LER DEVAGAR

Localização: Lx Factory, Rua Rodrigues Faria, 103 - Edifício G. Espaço 03

Horário: 2ªfeira 12.00h às 21.00h

3ªfeira – 5ªfeira 12.00h às 24.00h

6ªfeira – Sábado 12.00h às 02.00h

Domingo 11.00h às 21.00h

Tipo de Serviço: Livraria, Café

Fundação: 2005



Fig. 36 Localização da livraria *Ler Devagar*. (fonte: adaptado de www.google.com)

É dentro dos limites da Lx Factory, que se encontra a livraria *Ler Devagar*. Um antigo complexo industrial, localizado em Alcântara, junto à zona ribeirinha de Santo Amaro. O primeiro edifício nasce em 1849 pela Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonenses, um projeto do Arquiteto João Pedro da Fonte, um exemplo das primeiras técnicas construtivas e arquitetónicas típicas da arquitetura de ferro em Portugal. (Lucas, 2013)

Entre 1851 e 1855 foram construídos mais cinco edifícios junto ao imóvel principal, conjunto este que ficou conhecido como Fábrica Pequena. Em 1873 são criadas, nas traseiras da fábrica, um bloco de casas que constituíram a primeira vila operária criada por uma unidade industrial. Em 1900 a fábrica foi novamente aumentada com a construção da Oficina Nova. Com a implantação da República, por volta de 1910, a empresa começa a sofrer dificuldades económicas acabando por vender as instalações em 1917. A partir deste momento o complexo é ocupado pela Companhia Industrial de Portugal e Colónias. Em 1961, é a Tipografia Anuário Comercial de Portugal que se apodera do complexo, que acrescenta ao edifício principal, um quinto piso. Por último, por volta de 1980 é a Gráfica Mirandela que ocupa o espaço. (Paulino, 2015, p. 77)

Em 2005 o complexo é adquirido pela MainSide Investments SGPS S.A., uma empresa vocacionada para o desenvolvimento de projetos relacionados com reabilitação urbana. A Lx Factory é adquirida em 2005 pela Catumbel, uma empresa do grupo MainSide, à Gráfica Mirandela que se encontrava a mudar de instalações para fora da cidade. Nesta altura decorria o plano Alcântara XXI - um plano de requalificação urbana promovido pela Câmara Municipal de Lisboa para esta zona - todavia, a MainSide decidiu avançar com um projeto temporário de rentabilização do espaço. (Paulino, 2015, p. 81) Em 2008 começam a ocupar o espaço as primeiras empresas, conferindo-lhe a imagem que possui atualmente, um polo

cultural que acolhe empresas e profissionais das mais diversas áreas (arquitetura, design, publicidade, moda, artes plásticas, música, fotografia, restauração, entre outros). (Carvalho J. Q., 2010).

Consequentemente, em 2009, é inaugurada a livraria *Ler Devagar*, um projeto do atelier Aurora. Anteriormente localizada no Bairro Alto, desde a sua inauguração em 1999. Da passagem de gráfica a livraria foram poucas as alterações que o espaço sofreu. (Paulino, 2015, pp. 86 - 88) Além de livraria, a *Ler Devagar* oferece outros serviços. Possui uma sala polivalente, destinada a conferências e semelhantes, bem como uma zona de café.

3.4.1. Relação com a envolvente

A *Ler Devagar* localiza-se, na rua principal do complexo, inserida na linha de armazéns que fazem frente ao primeiro edifício construído, que ganha expressão em relação aos restantes pela sua verticalidade e comprimento. Ainda assim, no que toca à visibilidade dos diversos espaços que se estendem ao longo da rua, por parte dos indivíduos que os visitam, é bastante compensada. Tal pode ser justificado pelo cuidado e diversidade de cores e formas que caracterizam o contacto destes com o exterior através das entadas/montras/esplanadas inerentes a cada um. Todavia, como menciona Paulino (2015, p. 84), segundo uma entrevista ao engenheiro José Queirós Carvalho, administrador da MainSide, por Gonçalo Carvalho, a *Ler Devagar* assume um papel de destaque no funcionamento do complexo, por ser uma das empresas que “conferem algum prestígio ao local e que geram um grande fluxo humano” (Paulino, 2015, p. 84) sendo considerada “uma das maiores atrações do Lx Factory” (Paulino, 2015, p. 84).

O acesso ao interior [Fig. 37 e 38], é feito através de um envidraçado sem caixilho, emoldurado por um corpo em ferro, em tom vermelho, ligeiramente exposto em relação à fachada do edifício, combatendo a monotonia da fachada. Para completar a entrada, um portão de correr, surge pelo lado direito, uma memória dos tempos fabris, à partida inesperada no acesso a uma livraria. A restante fachada é composta por vãos idênticos, de pequena dimensão. Com o intervalo de um vão, à exceção desta há ainda uma entrada secundária [Fig. 39], quase impercetível, que ocasionalmente permite o acesso mais próximo e direto ao café inserido na livraria.



Fig. 38 *Ler Devagar*. Fachada principal. (fonte: autora)



Fig. 37 *Ler Devagar*. Pormenor da entrada principal.
(fonte: autora)



Fig. 39 *Ler Devagar*. Entrada mais próxima para a zona do café. (fonte: autora)

3.4.2. Organização espacial

O armazém, de planta retangular regular, onde se insere a *Ler Devagar*, estende-se por dois pisos que assumem dois momentos distintos, um primeiro de grande amplitude espacial [Fig. 40], e um segundo muito controlado [Fig. 41], devido à estrutura da rotativa. Todo o armazém é ocupado pela livraria, à exceção da planta do piso térreo que se divide em dois, sendo uma parte destinada ao restaurante Malaka, independente ao funcionamento desta. É no piso térreo que se insere o café pertencente à livraria.

O café, de planta praticamente quadrangular, diferencia-se do restante espaço, que cumpre funções inerentes à atividade da livraria, pela mudança de pé-direito, ao submeter-se ao peso da rotativa que se eleva, em parte, sobre este, sendo delimitado em dois lados, paralelos à parede da entrada, por três pilares que participam no suporta desta [Fig. 43]. Perpendicularmente a esta, entre dois pilares, encontra-se o balcão [Fig. 42]. Assume uma posição marcantes no espaço, pela sua dimensão generosa e pela sua centralidade face ao espaço de livraria, mais precisamente face a três estantes baixas, que se estendem perpendiculares a este. Também pela sua forma e materialidade, apresenta-se como um volume denso e pesado. O tampo é em cortiça, ao qual se segue uma transparência, onde se arrumam copos, e a finalizar uma macha amarela, feita de pequenas tabuas de madeira, encaixadas de forma aleatória. Ao lado do balcão há um expositor, que segue a mesma materialidade.

De frente ao balcão e alinhadas segundo as estantes da livraria, dispõem-se três linhas de mesas. As laterais encostadas aos pilares, permitem dois lugares, e, as do meio de maior dimensão quatro lugares. As mesas são quadrangulares, as de maior dimensão em madeira e as restantes com o tampo em MDF e o pé em alumínio. Os assentos são em alumínio,

pintado a vermelho. Já fora do limite delineado pelos pilares [Fig. 44 e 45] há um conjunto de mesas, que atenuam a noção mudança de espaço, conferindo-lhes alguma continuidade. Servindo a zona de livraria e a zona de café, há ainda uma poltrona e uma pequena de mesa de apoio, rodeada por três bancos baixos. Na materialidade apresentam características idênticas às restantes, à exceção de algumas cadeiras que são em alumínio e fibra sintética e mesas que passam a redondas.

O tecto, de um único gesto, é em betão e pintado a branco. O pavimento é revestido a acrílico de cor vermelha, em algumas partes interrompido por tampas em ferro, que sugerem o acesso a áreas técnicas, do tempo da antiga gráfica. Os pilares até cerca de um metro de altura são evidenciados por manchas lineares diagonais, em amarelo e preto.



Fig. 41 *Ler Devagar*. Redução de pé-direito e controlo espacial através da rotativa. (fonte: autora)

Fig. 40 *Ler Devagar*. Amplitude espacial. Área principal da livraria. (fonte: autora)

O espaço necessita de iluminação artificial, uma vez que a entrada de luz natural não é suficiente. Ao centro, no teto e na viga anterior a direção do balcão, dois candeeiros em metal e nas extremidades do balcão dois candeeiros suspensos, também em metal iluminam o espaço. A imagem do café segue as características materiais do restante espaço que dá forma a livraria.



Fig. 44 *Ler Devagar*. Centralidade do café face ao restante espaço. (fonte: autora)

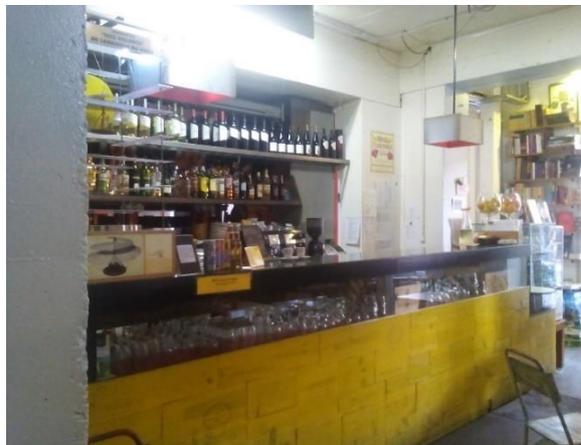


Fig. 45 *Ler Devagar*. Balcão. (fonte: autora)



Fig. 42 e Fig. 43 *Ler Devagar*. União entre o café e a livraria. Espaço único. (fonte: autora)

3.4.3. Espaço humanizado

Dos clientes que frequentam o café no interior da livraria, podemos identificar dois grupos distintos: uns já conhecem o espaço (livraria) e utilizam o café enquanto elemento independente, com o propósito de usufruir apenas deste; outros afluem ao espaço com o intuito de visitarem a livraria em si e veem-no como um elemento complementar, nestes casos é recorrente a apropriação após a passagem pela livraria. No primeiro, das observações diretas realizadas, foram observados indivíduos entre os 20 e os 35 anos que se ocupavam com um computador e que permaneceram no espaço por períodos de tempo superiores a hora e meia. Num outro registo, há aqueles que frequentam o café por períodos de tempo bastante mais curtos, limitando-se ao período de consumo. Nestes casos foi observada uma família, dois adultos com aproximadamente quarenta anos e duas crianças, que após, cerca de 20 minutos, abandonaram o espaço. Os indivíduos deste primeiro grupo são de nacionalidade portuguesa ou residentes no país. O segundo grupo compreende na sua maioria turistas, dos quais a idade média ronda os trinta anos, por norma poucos usufruem da zona de café, visitando o espaço pela curiosidade e oferta cultural que este oferece.

Ainda que no primeiro grupo não haja necessariamente interesse na livraria em si, os indivíduos que dele fazem parte, influenciam a perceção dos restantes, uma vez que um espaço habitado é sempre mais convidativo e atrativo pela segurança e semelhanças que podemos encontrar.

Além destes dois padrões encontrados no comportamento dos indivíduos é possível apontar outro, ainda que ocasionalmente. Quando ocorrem atividades no interior da livraria, que atraem um grande conjunto de indivíduos, como conferências, concertos e exposições. Neste contexto o ambiente social e o funcionamento habitual do café muda substancialmente.



Fig. 47 e Fig. 48 *Ler Devagar*. Modos de Apropriação (fonte: autora)

3.5. SÍNTESE DE RESULTADOS

Os três casos de estudo, anteriormente apresentados, assumem um papel comum, enquanto potencializadores de práticas sociais. Das dissemelhanças que os caracterizam podemos compreender diferentes modos de apropriação do espaço, permitindo-nos aproximar daquele que é o objetivo principal desta dissertação: tecer ilações sobre a dimensão social da arquitetura, nomeadamente entre a organização espacial e o modo de apropriação dos seus utilizadores nos cafés.

Antes de nos concentrarmos na vivência pessoal de cada indivíduo inserido em determinado espaço, é necessário um olhar mais abrangente, que permita um enquadramento do ponto de vista espacial. A relação com a envolvente adivinha algumas das características espaciais e sociais de qualquer espaço. No caso da *Pastelaria Versailles*, ao localizar-se num dos eixos de ligação rodoviário principais das avenidas novas, rodeado por sedes de grandes empresas e algum comércio e um número mínimo de habitação, justifica o tipo de clientes que compreendem níveis culturais elevados e com poder económico. Seguindo a mesma lógica, tal acontece no *Pois, Café* e no café inserido na livraria *Ler Devagar*, ambos maioritariamente ocupados por turistas, ainda que sejam atraídos a cada espaço com objetivos distintos. O *Pois, Café*, por se encontrar no berço histórico da cidade e a *Ler Devagar* por se inserir num complexo alternativo e multicultural. A uma escala aproximada, nesta relação entre exterior e interior, por ser a primeira impressão dos clientes com o espaço, a fachada desempenha um papel fundamental na apropriação deste pela capacidade de incentivar ou restringir o seu uso, pela imagem que transmite, mais sóbria ou mais trabalhada, e pela visibilidade que permite para o interior. A fachada pode acentuar a mudança entre o interior e o exterior, ou amenizar a mudança entre eles.

Numa escala inferior, e, que nos permite observar de perto os modos de apropriação, é fundamental compreender as características e a organização de cada espaço. No caso concreto dos cafés dois parâmetros são fundamentais: a dimensão física, enquanto distância entre elementos construídos delimitadores de espaço (pé-direito, recantos, patamares, guardas) e a linguagem decorativa (mesas, assentos e balcão). No caso da Versailles e do *Pois, Café* assumem pés-direitos semelhantes, é possível uma leitura visual do todo o espaço ou de grande parte dele e o mobiliário é disposto de forma próxima, contudo a relação entre clientes e a respetiva linguagem corporal é bastante diferenciada. No primeiro pelo seu carácter histórico, traduzido pelo detalhe construtivo, leva os clientes a assumirem uma expressão corporal também ela cuidada e controlada. No *Pois, Café*, tal registo não se observa, o que se compreende pela informalidade que este reflete, o oposto da Versailles, o detalhe construtivo não existe, há uma simplicidade induzida pelas paredes e pavimento em pedra areados, sem qualquer preocupação estética. A riqueza transmitida pelos materiais influencia os comportamentos observados. Tal reflete-se também na decoração. Na Versailles a distancia entre as mesas é mínima comparada com o *Pois, Café*, contudo o contacto entre clientes é inexistente comparativamente a este, onde se estabelecem trocas visuais e há uma noção de partilha do espaço.

O balcão é um elemento com grande influencia no interior dos cafés. À vivência num café está sempre associado um balcão. Contudo estes podem assumir várias expressões e condicionar a organização espacial e ao mesmo tempo a impressão do indivíduo. Como podemos observar no caso Versailles dimensiona e participa grandemente na caracterização do espaço, além de ser um elemento destinado ao consumo rápido potencializa a relação entre empregado e cliente. No *Pois, Café* a noção comum de balcão é encoberta, pelo seu

distanciamento face à entrada e pela descrição nos materiais, conferindo-lhe o ambiente familiar que o caracteriza, dando-nos a ideia de que entramos numa sala de estar. O que sem dúvida resulta, pois dos tempos de observação realizados, praticamente nenhum cliente interagiu com este, funcionando sobretudo como barreira entre a sala e a cozinha. No caso do café inserido na *Ler Devagar* é centralizado e a relação com este inicia a vivência no espaço.

Na arquitetura a dimensão social é fundamental na atribuição de significado ao espaço construído. Tal comprovou-se na observação direta dos casos estudo. Ao mudarem os tempos de análise, o tipo e número de clientes alterava-se acabando por influenciar a atmosfera de cada espaço. No caso da Versailles, em períodos de maior afluência¹³, o ambiente delicado e intimista, era aligeirado. Os clientes mais abstraídos e concentrados em si mesmos, acabam por não se sentir observados, e, os empregados por sua vez para responderem a estes, acabam por adotar movimentos de maior destreza, acabando assim por abafar, em parte, a linguagem histórica e pesada do espaço. No caso do *Pois, Café*, não se notam alterações significativas nos empregados, uma vez que mesmo em períodos de menor afluência, já assumem uma postura muito informal, fiéis a si mesmo, não tendo que seguir um padrão no modo de servir. Os clientes, em horas de grande lotação¹⁴, transformam significativamente o espaço, à calmaria sobrepõem-se o ruído constante induzido a diferentes modos de estar, as atividades de leitura e trabalho diminuem e são substituídas por diálogos

¹³ Evidenciam-se o período da manhã e hora de almoço durante os dias de semana.

¹⁴ Destaque para o período de almoço, quer em dias úteis, quer ao fim de semana. Por se localizar numa das zonas históricas da cidade de Lisboa, a afluência ao espaço é similar.

paralelos. O período de permanência diminui, delimitando pelo tempo de consumo. O café da *Ler Devagar*, apresenta-se constante no número de clientes. Muito inferior aos restantes casos, o que se justifica por não ter visibilidade do exterior, não sendo identificável da rua a sua existência, e, por se submeter em parte ao compasso da livraria.

Em cada um dos espaços observados é possível apontar um comportamento tipo. Por muito diferenciadas que sejam as origens culturais de cada indivíduo, quando confinado a determinado espaço, este procura agir de acordo com a expressão corporal daqueles que o rodeiam, adaptando-se, passando a ser parte integrante, contribuindo para o padrão cultural que define cada espaço. Em consequência, apesar do “número infinito de pequenas variantes que podem ser encontradas na atitude de alguns indivíduos, ou mesmo nas atitudes de um mesmo indivíduo em momentos diferentes, verificar-se-á que a maior parte das pessoas, em uma sociedade, reagirá geralmente da mesma forma a uma situação dada” (Linton, 1961, p. 104). Estas raízes que transportamos connosco no dia-a-dia não devem ser encaradas como limitadoras ou como uma definição fácil e generalizada de um indivíduo específico somente por estar inserido numa determinada sociedade, devendo ser encarada como uma referência que nos permite escolher entre as opções que nos vão surgindo. Como tal, seguindo os parâmetros de análise aplicados nos casos de estudo, cada espaço é reflexo e ao mesmo tempo criador de pequenos núcleos culturais ou subculturas¹⁵. Os cafés, pela sua capacidade de originar comportamentos mais genuínos, por responderem e serem palco de manifestos

¹⁵ A este propósito cita-se Rapoport (1978, p. 35) “(...) la ciudad sea una colección de diferentes grupos com diferentes estilos de vida reflejando diferentes culturas y subculturas.”

primários da essência humana, traduzem esta realidade de forma mais clara e objetiva, comparativamente a outros ambientes construídos.

Podemos apontar pontos-chave:

- Da envolvente deste tipo espaços, pode-se adivinhar a clientela habitual;
- A fachada / montra de um café determina, em parte, o tipo de clientes;
- A posição do balcão desenha o espaço, traduzindo a atmosfera deste;
- A disposição e os materiais, das mesas e assentos, participam nas relações entre indivíduos;
- A postura dos empregados influencia a imagem que criamos do café;
- O grupo de indivíduos que habitam o café criam uma subcultura da relação entre eles e para com o espaço;
- O café foi e será sempre um elemento fundamental ao quotidiano de qualquer meio;

	PASTELARIA VERSAILLES	POIS, CAFÉ	LER DEVAGAR	
ESPAÇO FÍSICO	ÁREA PÚBLICA	108.00m ²	70.60m ²	Apróx. 30m ²
	FORMA DA PLANTA	Retangular irregular	Retangular regular	Quadrangular irregular
	DECORAÇÃO	Cuidada	Cuidada	Razoável
	BALCÃO	Marcante	Não marcante	Marcante
	LUGARES SENTADOS	90	54	20
	COR	Sóbrio	Cromático	Neutro
	LUZ	Escuro	Claro	Claro
	RELAÇÃO COM A RUA	Fechada	Aberta	Fechada
	FACHADA	Marcante	Despercebida	Marcante
	ESPAÇO SOCIAL	FAIXA ETÁRIA	Médios-Envelhecidos	Jovens - Médios
NACIONALIDADE		Portugueses	Turistas	Portug. / Estrangeiros residentes
CLASSE		Trabalhadores / Reformados	Estudantes / Trabalhadores	Trabalhadores
SEXO		Misto (tendência a masculino)	Misto	Misto
NÍVEL CULTURAL		Erudita	Massas	Massas e erudita
CONSUMO		Café / Pastelaria / Refeições	Café / Refeições Leves	Café / Bebidas
RELAÇÃO ENTRE CLIENTES		Individualismo. Contacto mínimo	Partilha. Familiarizada.	Individualismo
DISTÂNCIAS		0.45m – 0.75m	0.15m – 0.75m	0.45m – 1.25m
RELAÇÃO CLIENTES/EMPREGADOS		Próxima, mas formal.	Próxima. Descontraída	Afastada.
TROCAS CULTURAIS		Nenhuma	Observação / Livros / Net	Música. Net. Livros.

Fig. 49 Síntese da observação direta. (fonte: autora)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dimensões físicas e sociais da arquitetura podem assumir uma quantidade ínfima de variações. As características estéticas conferidas ao espaço podem assumir as mais variadas formas e expressões. A percepção do espaço será sempre influenciada pelas experiências passadas. Todavia estarão sempre interligadas, procurando-se mutuamente na definição do ambiente construído. Se a disciplina surgiu como resposta às necessidades humanas, ao arquiteto, quanto maior o domínio da essência humana, maior a probabilidade de a obra construída servir o seu propósito.

Neste sentido a realização desta dissertação permitiu constatar e identificar gestos e reações inerentes a vivência de cada sujeito e por sua vez adivinhar comportamentos padrão quando inseridos em determinado meio. Enquanto "...locais de profundo e vincado carácter por onde entre o estudo e o encontro, as pessoas vão passando, [...] lugar do coletivo e do individual, o sítio onde se discute, onde se encontra e onde se observa, simultaneamente palco e plateia das relações sociais de uma comunidade" (Rodrigues S. , 2009, p. 105), procurar respostas através dos cafés possibilitou uma análise mais abrangente ao indivíduo enquanto ser social, que dificilmente se conseguiria noutro tipo de espaço.

A apropriação do espaço é um processo complexo, resultante da conjugação de uma série de fatores. Como tal, não há regras passíveis de serem aplicadas que adivinhem na integra o comportamento do indivíduo face a determinado contexto, podemos sim, antevê-los através de dados mais abrangentes.

Os cafés enquanto pequenos polos culturais, pela ritualização que lhes é inerente, são espaços ricos, propulsores de estudos nas mais diversas áreas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguiar, D. V. (2006). Espaço, Corpo e Movimento: notas sobre a pesquisa da espacialidade na arquitectura. *Arqtexto*, pp. 74-95.
- Aurora. (2009). *Como lidar com a potência de uma rotativa?* Obtido em 26 de Novembro de 2015, de Aurora Architectos: <http://www.aurora.com.pt/206/livraria-ler-devagar/>
- Carvalho, J. L. (1994). Memória Descritiva e Justificativa do projecto do café-concerto. Lisboa: Arquivo Municipal de Lisboa. Nº de obra: 34348, processo 454785.
- Carvalho, J. Q. (2010). *Dossier Actualidade*. Obtido em 14 de Junho de 2016, de A Europa nas Nossas Mãos: <https://aeuropanasnossasmaos.wordpress.com/category/editorial/>
- Dias, F. R. (2011). *Os Cafés e a construção da esfera pública: palcos de tertúlia*. Lisboa: FAB-UL .
- Dias, M. T. (1999). *Os Cafés de Lisboa*. Lisboa: Quimera Editores.
- Faria, C. (2009). *A construção do lugar arquitectónico. A significação da forma arquitéctonica na perspectiva da experiência do sujeito*. Lisboa: FAL.
- Fuão, F. F. (2004). *O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido?* Obtido em 28 de Março de 2016, de Vitruvius: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/582>
- Gehl, J. (2006). *La Humanización del Espacio Urbano. La vida social entre los edificios*. (M. T. Valcarce, Trad.) Barcelona: Editorial Reverté.

- Hall, E. (1986). *A dimensão oculta* . Relógio d'Água.
- Holl, S. (2006). *Questions of Perception Phenomenology of Architecture*. Manchester: William Stout Publishers.
- Leite, J. (29 de Dezembro de 2013). *Pastelaria "Versailles"*. Obtido em 6 de Dezembro de 2015, de Restos de Colecção: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/12/pastelaria-versailles.html>
- Linton, R. (1961). O indivíduo, a cultura e a sociedade. Em F. H. Cardoso, & O. Ianni, *Homem e Sociedade. Leituras básicas de sociologia geral* (Vol. 5, pp. 104-108). São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Lucas, I. (2013). *Devagar de Alcântara até ao Oeste*. Obtido em 26 de Maio de 2016, de Público: <https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/devagar-ate-ao-oeste-1581227>
- Machado, J. (2006). *Edifício na Avenida da República, n.º 15 a 15 A / Pastelaria Versailles*. Obtido em 4 de Junho de 2016, de SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4006
- Mendes, N. F. (2012). *Cafés Históricos do Porto. Na demanda de um Património Ignoto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Menezes, S. d. (2007). *Os Cafés A Brasileira (Lisboa) e Pombo (Madrid) como espaço de sociabilização pátria sob um olhar de gigante - Almada Negreiros*. (U. C. Madrid, Editor) Obtido de Espéculo. Revista de estudios literarios.
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.

- Neves, R. F. (2014). *A «REALIDADE» DO ESPAÇO E O «SER ARQUITETÔNICO»*. Barcelona: UNIVERSITAT POLITÈCNICA DE CATALUNYA.
- Oliveira, M. A. (2007). *Tipificação dos espaços privados de socialização mais elementares e a sua relação com o espaço urbano. Doze casos de estudo de cafés em Lisboa*. Lisboa: Instituto Superior Técnico.
- Paulino, D. M. (2015). *Adaptação de património industrial a espaços expositivos informais. O caso da Lx Factory*. Lisboa: Instituto Superior Técnico.
- Pimentel, M. d. (2014). Espaços com história na Lisboa dos séculos XVIII e XIX. Do Martinho ao Nicola. *RiCOGNIZIONI. Rivista di lingue, letterature e culture moderne*, 253-261.
- Pinho, E. G. (2015). *Edifício na Avenida da República, onde se encontra instalada a Pastelaria Versailles - detalhe*. Obtido em 7 de Dezembro de 2015, de Direção-Geral do Património Cultural: <http://www.patrimoniocultural.pt/en/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74186>
- Pires, S. N. (2011). *O espaço existencial e a arquitectura - contribuições de Norberg-Schulz*. Universidade da Beira Interior.
- Rapoport, A. (1978). *Aspectos humanos de la forma urbana. Hacia una confrontación de las Ciencias Sociales con el diseño de la forma urbana*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Rasmussen, S. E. (1998). *Aequitectura Vivenciada*. (Á. Cabral, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.

- Ritter, V. F. (2013). *Sensação, percepção e emoção no espaço projetado*. Obtido em 20 de Abril de 2016, de Design: Ações e Críticas: <https://paulooliveira.wordpress.com/2013/02/23/sensacao-percepcao-e-emocao-no-espaco-projetado/>
- Rodrigues, M. J. (2002). *O que é Arquitectura* (1 ed.). Lisboa: Quimera.
- Rodrigues, S. (2009). *A Casa dos Sentidos. Crónicas de Arquitectura*. Lisboa: Arqcoop.
- s/a. (1947). Memória descritiva e justificativa do pedido de licença de construção. Arquivo Municipal de Lisboa. Nº de obra: 3794, processo 27672.
- s/a. (1985). Memória descritiva e justificativa do pedido de licença de construção. Arquivo Municipal de Lisboa. Nº de obra: 3794, processo 11796.
- Silva, J., & Machado, J. (2006). *Edifício na Avenida da República, n.º 15 a 15 A / Pastelaria Versailles*. Obtido em 10 de Dezembro de 2015, de SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4006
- Simmel, G. (1986). *Estudios sobre las formas de socialización* (Vol. II). Madrid: Alianza Editorial.
- Vieira, D. J. (1857). Memória descritiva e justificativa do pedido de licença de construção. Arquivo Municipal de Lisboa. Nº de obra: 34348, processo 154.
- Zevi, B. (1996). O espaço, protagonista da arquitectura. Em B. Zevi, *Saber Ver a Arquitectura* (M. I. Gaspar, & G. M. Oliveira, Trads., 5ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

ANEXOS

ANEXO I

Plantas

POIS, CAFÉ

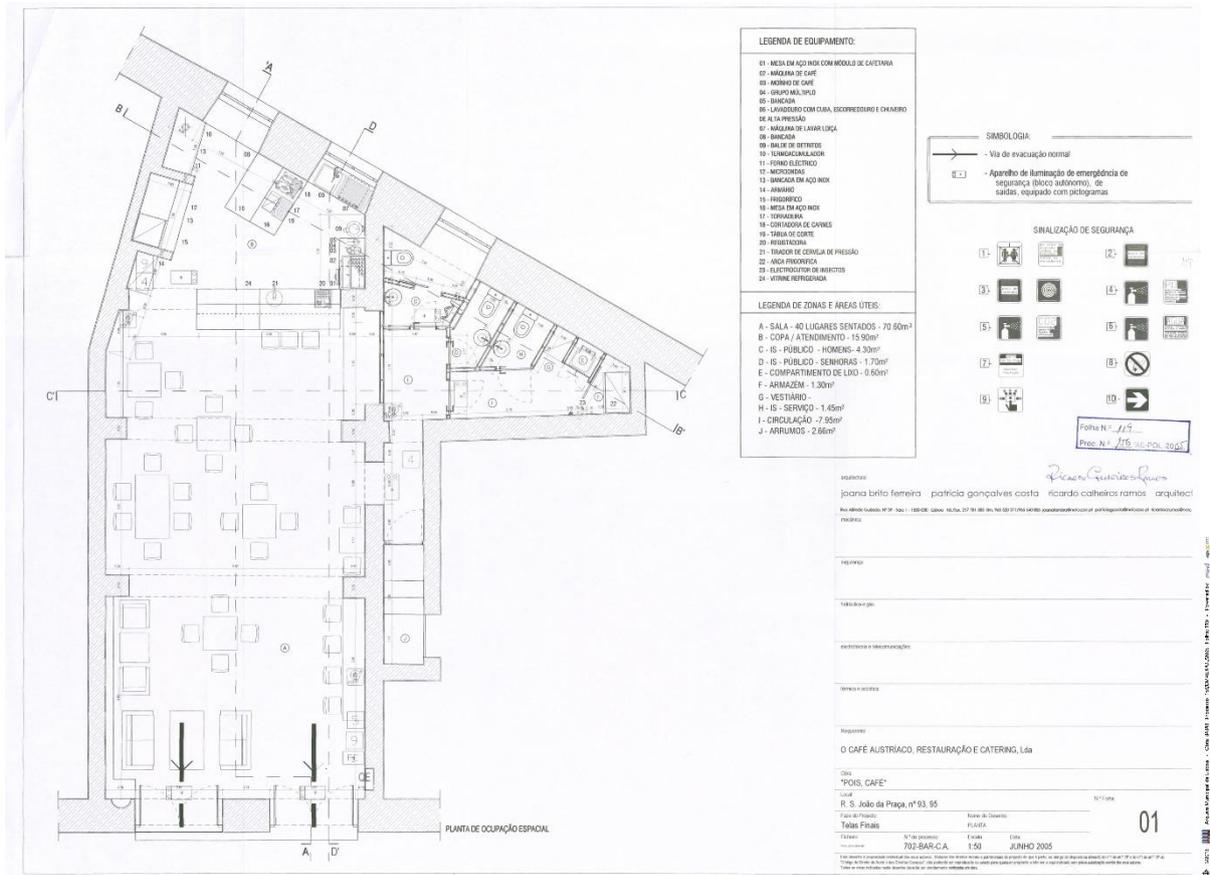


Fig. 2 Planta *Pois, Café*. 2005. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 34348 – processo 156 - Folha 119)

LER DEVAGAR

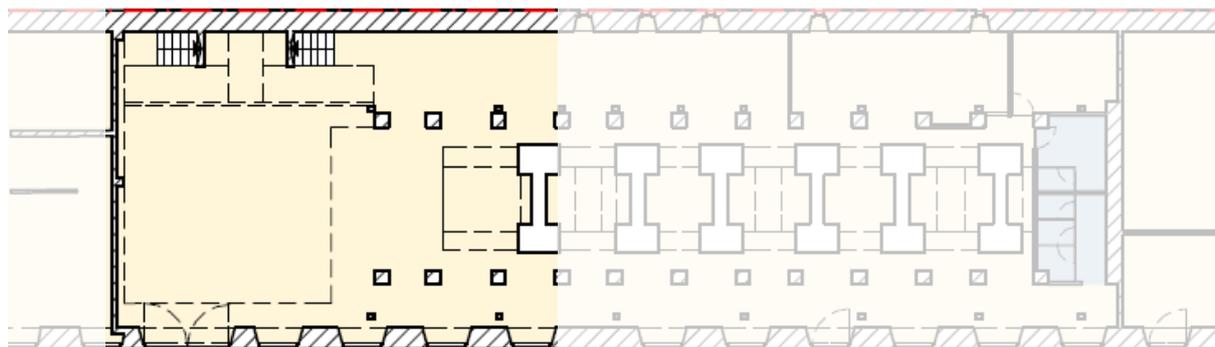


Fig. 3 Planta do piso 0 da livraria, onde se insere o café. (fonte: adaptado de Paulino, 2015)

ANEXO II

Cortes

PASTELARIA VERSAILLES



Fig. 4 Pastelaria Versailles. Corte. 2010. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 3794 – processo 21 – folha 48)

POIS, CAFÉ

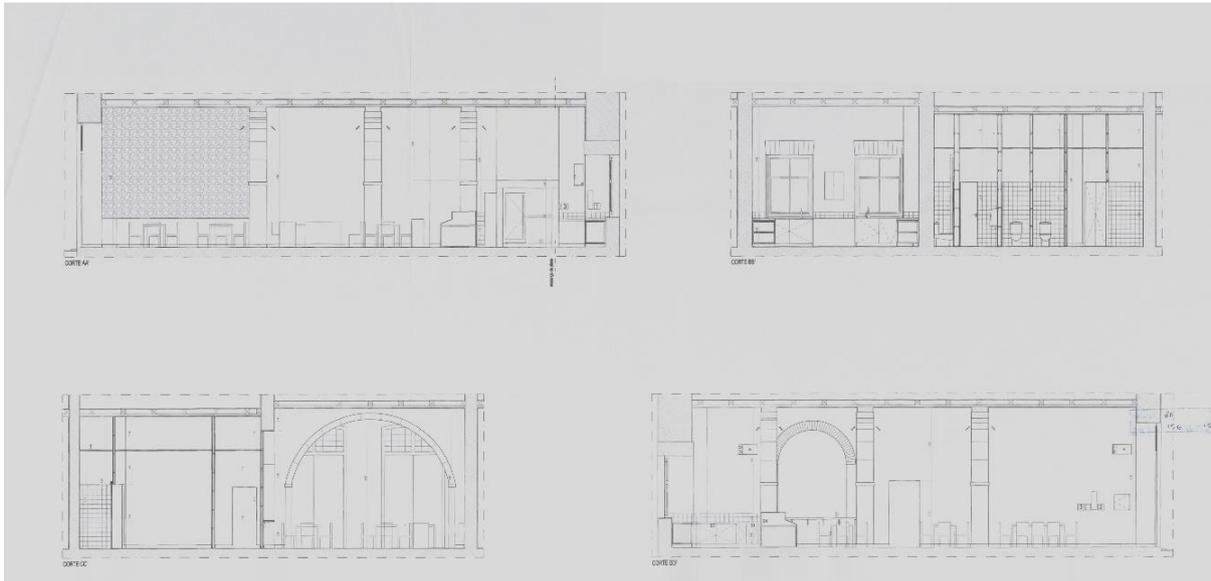


Fig. 5 *Pois, Café*. Corte. 2008. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 34348 – processo 156 – folha 86)

LER DEVAGAR

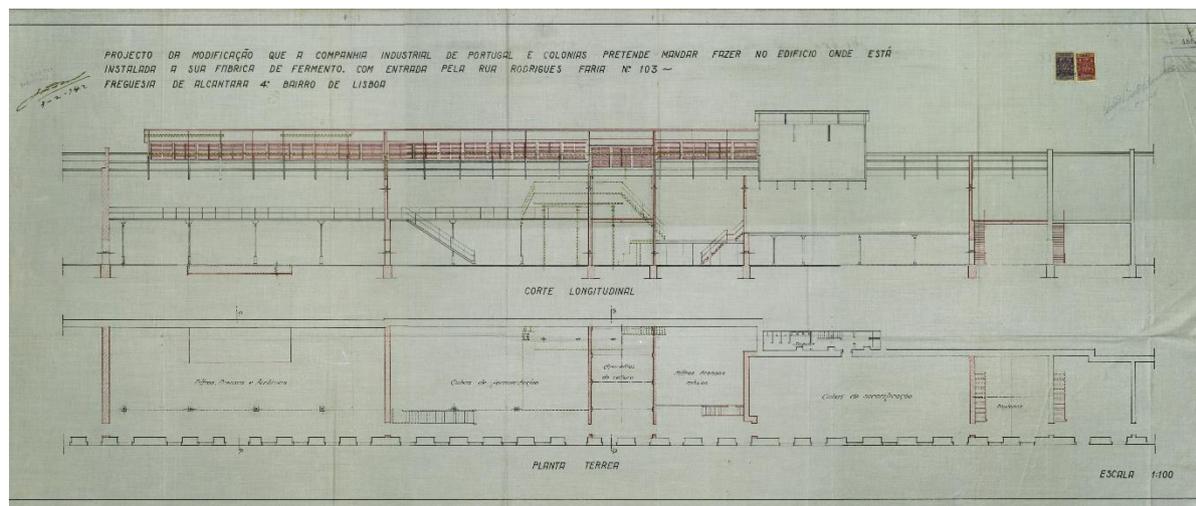


Fig. 6 *Ler Devagar*. Corte. s/d. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 5737 – processo 6314 – folha 21)

ANEXO III

Informação complementar aos casos de estudo

PASTELARIA VERSAILLES

Evolução do desenho das montras, desde a primeira construção até ao ultimo projeto de alterações em 1985.



Fig. 7 *Pastelaria Versailles*. Montras. 1932? (fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/12/pastelaria-versailles.html>)

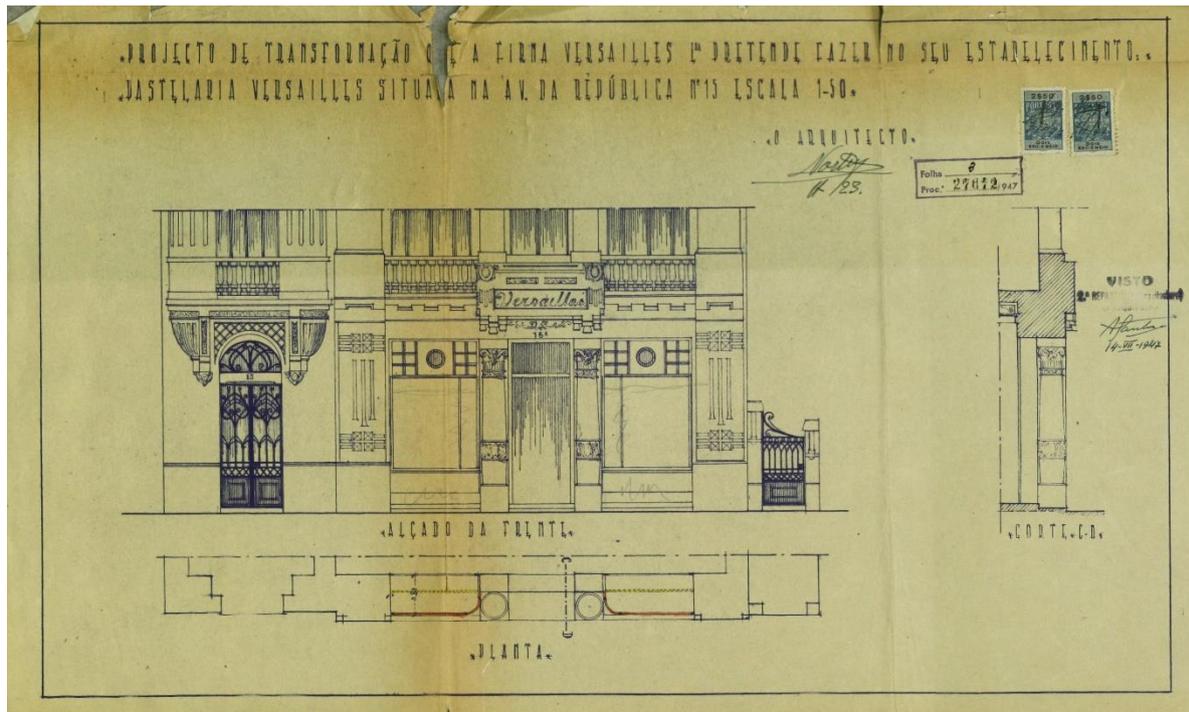


Fig. 8 Pastelaria Versailles. Montras. 1947. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 3794 – processo 27672 – folha 3)

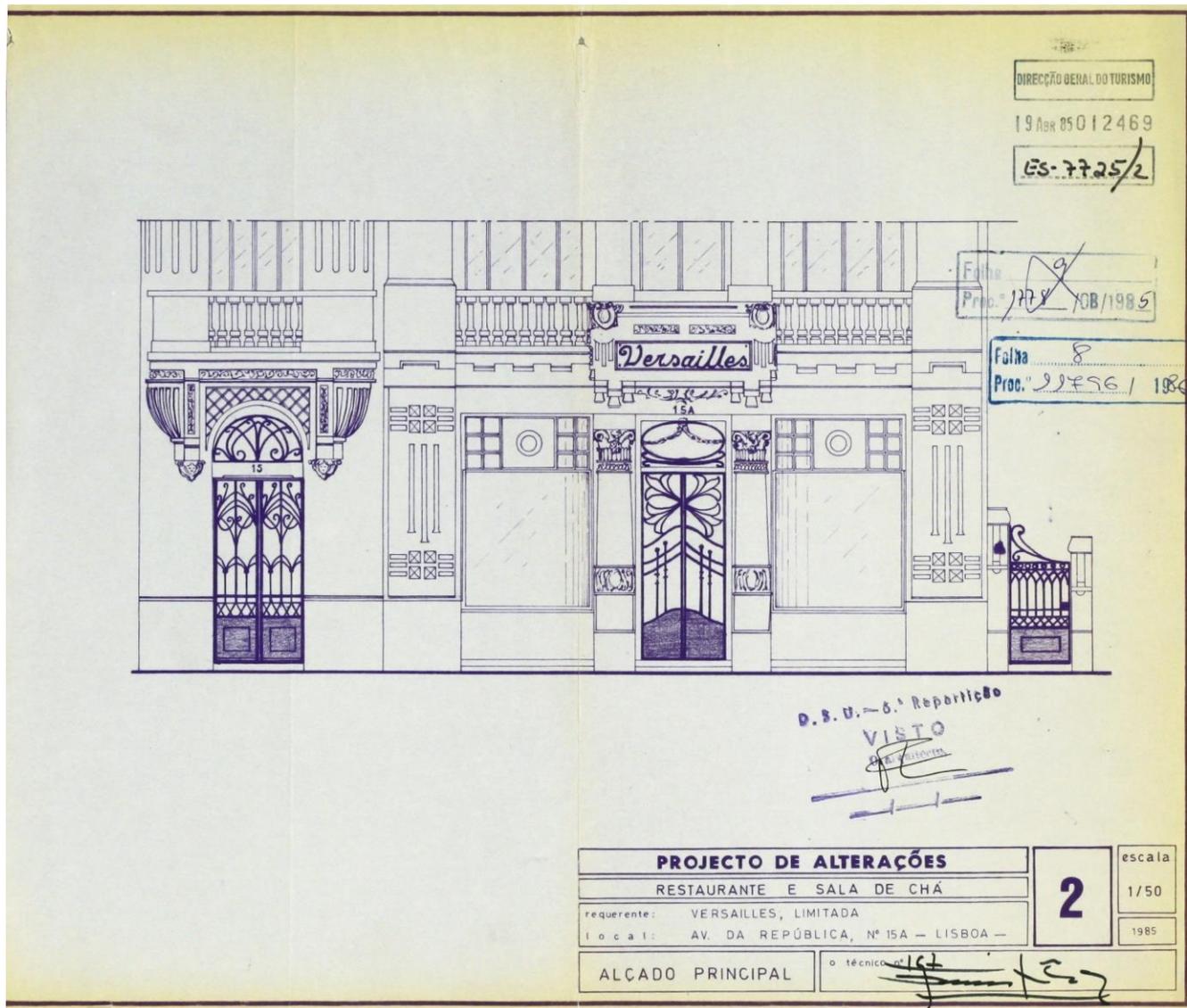


Fig. 9 Pastelaria Versailles. Montras. 1985. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 3794 – processo 11796 – folha 8)

POIS, CAFÉ



Fig. 10 *Pois, Café*. Fachada. 1994. (fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Obra 34348 – processo 260 – folha 11)

PROJECTO PARA ESTABELECIMENTO COMERCIAL " BAR AUSTRÍACO"

RUA DE S. JOÃO DA PRAÇA, N.º 93 / 95



Fig. 11 *Pois, Café*.
Obras. 2004. (fonte:
Arquivo Municipal de
Lisboa. Obra 34348 –
processo 2899 – folha
96)

LER DEVAGAR

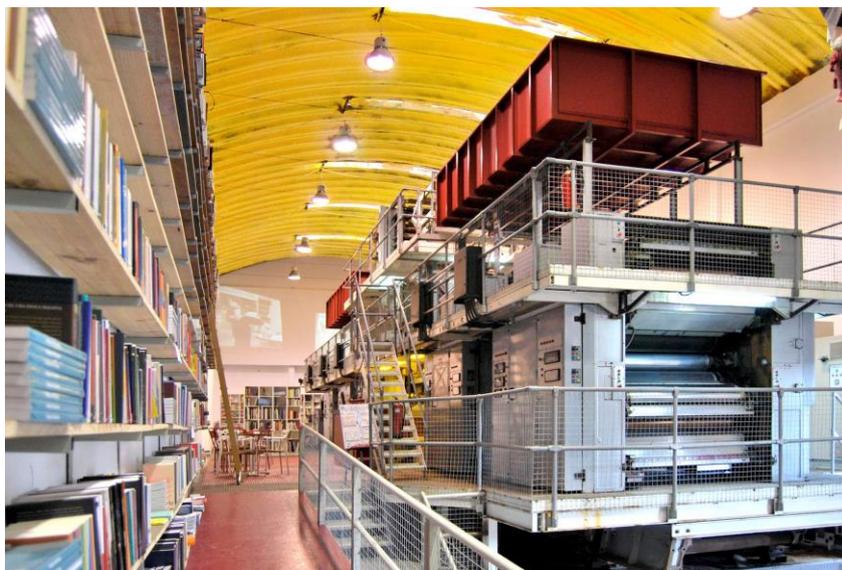


Fig. 12 *Ler Devagar*. A rotativa que sobre põe o café. Antes e depois de o espaço pertencer à Ler Devagar. (Aurora, 2009)

PARTE II
VERTENTE PRÁTICA



Escola de Tecnologias e Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura

SINES – INDÚSTRIA E ESTRUTURA PORTUÁRIA: PASSAGEM PARA NORTE
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DE ESTUDOS DO MAR

Soraia Sofia Rodrigues Ferreira

Trabalho prático submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Tutor:
Professor Doutor Pedro Pinto, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

Outubro, 2016

SINES – INDÚSTRIA E ESTRUTURA
PORTUÁRIA: PASSAGEM PARA NORTE
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DE ESTUDOS DO
MAR

Trabalho prático submetido como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Arquitetura

Tutor da componente prática:

Professor Doutor Pedro Pinto, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

ÍNDICE

1. Apresentação do exercício prático	127
2. Sines: contextualização e estratégia de grupo	131
3. Proposta Individual: Centro de Investigação de Estudos do Mar	144
Anexos	162
Anexo I	163
Anexo II	170

1. APRESENTAÇÃO DO EXERCÍCIO PRÁTICO

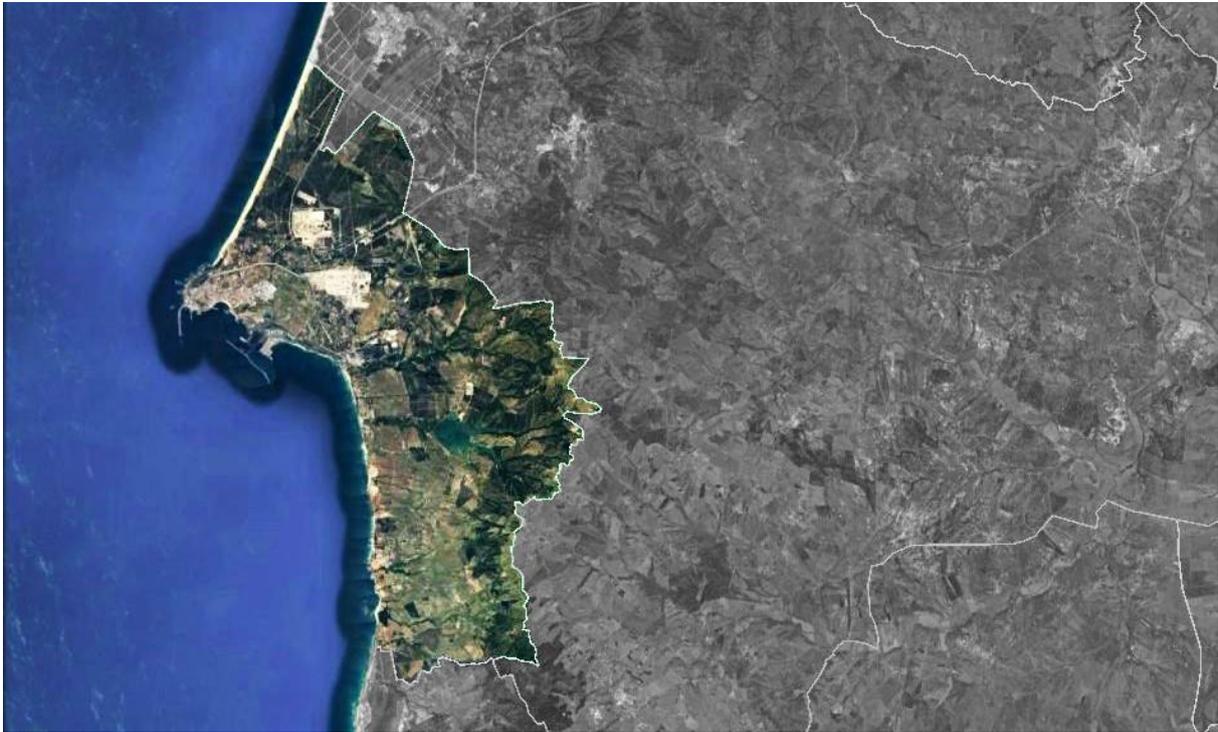


Fig. 1 Localização de Sines. (fonte: adaptado de www.google.com)

A vertente prática de Projeto Final de Arquitetura insere-se no “Concurso Universidades” da Trienal de Arquitetura de Lisboa 2016, sob o tema “Sines – Indústria e Estrutura Portuária”.

O programa do concurso afirma que os objetivos do exercício proposto se colocam no “limite entre a transformação poética e a experiência política e com um primeiro objetivo: conservar e multiplicar a potência produtiva do lugar”, organizando-se em quatro tópicos: Escala; Produção; Limites e Tempo.

Conduzidos pela potência da atividade portuária, na definição do tema, o programa lança uma série de questões iniciais, que se centram sobretudo no impacto extraordinário das infraestruturas logísticas, nas relações de fronteira e limite entre cidade e espaços industriais e na possibilidade, quer de partilha de espaços e usos, quer nas possibilidades de integrar a arquitetura nestes locais fortemente funcionais.

Referindo-se ao Lugar, o programa destaca os blocos do Porto Industrial e Logístico; da Refinaria Sines-Galp; a Central Termoelétrica e o Centro Urbano de Sines. Para além das especificidades de cada um destes polos, o programa prévio realça que se resumem “na complementaridade de produção das diferentes estruturas, a compatibilização e partilha de novos programas, a transformação de espaços e a apropriação de terrenos expectantes”.

Adotando o tema dos limites entre cidade e porto e indústria, o programa de trabalho proposto desliza, no entanto, a partir dos extremos norte e sul da frente de mar da cidade, para a faixa em arco, de limite da cidade de Sines para com o sistema infraestrutural e industrial do lado terra, já em pleno planalto, almejando o desenvolvimento de uma visão estratégica, de consolidação das franjas e dos elos incompletos da cidade, numa faixa larga de território, delimitado exteriormente, através do conjunto semicircular das rodovias A26, N120-4 e N120-

1. Este longo corredor semicircular é encarado como uma oportunidade de agir sobre um conjunto de situações que se pensa que poderão melhorar a atratividade urbana do planalto de Sines, simultaneamente mediando as relações de escala e de ambiente entre a realidade urbana e paisagística local e a sucessão de infraestruturas industriais circundantes. Propõem-se que o eixo programático catalisador da transformação desta faixa de território seja o projeto de um corredor infraestrutural urbano, que instale em paralelo ao sistema rodoviário e ao sistema de oleodutos, um sistema de espaços públicos de circulação eminentemente pedonal e clicável, cuja implantação, desenvolvimento e entrecruzamento com os sistemas urbano e de paisagem existentes, incluindo os eixos radiais de interligação ao centro de Sines com o território circundante, poderá ter a potencialidade de construir momentos de reorganização dos espaços edificados existentes, conferindo uma nova urbanidade e pontuando, no momento e numa perspetiva de desenvolvimento, o sistema urbano, dando-lhe uma visão futura, de conjunto, em forma de projeto de cidade e de arquitetura.

Associado a estas questões transversais ao momento atual, a Trienal propõe usos a desenvolver, como sejam atividades de alojamento turístico e instalações ligadas ao ensino e à investigação sobre o mar e sobre as atividades industriais conexas.¹

¹ Texto retirado do enunciado da vertente prática de PFA. Enunciado completo em anexo. Ver anexo A.

2. SINES: CONTEXTUALIZAÇÃO E ESTRATÉGIA DE GRUPO



1600



1960



1988



2005

Fig. 2 / Fig. 5 Evolução da malha urbana de Sines

Inicialmente, depois das primeiras impressões retidas do local de intervenção, tornou-se pertinente definir uma estratégia de grupo² de forma a promover um estudo de requalificação e melhoramento da zona urbana de Sines. O estudo passou pelo debate de intenções adequadas para a zona e de forma a satisfazer necessidades existentes, esboçando as ideias primárias de uma estrutura urbana que foi apresentada como primeira intenção de projeto. O estudo teve como objetivo redefinir os limites da cidade.

Após uma leitura dos usos, de uma análise histórica, territorial e de vivências da cidade, concluiu-se que a área urbana da cidade é feita de contrastes bem demarcados. O centro da cidade tem uma grande densidade de construção, sendo que a zona norte, em torno aos oleodutos, apresenta-se com um carecimento urbano na sua estruturação.

Verifica-se que ao longo dos anos e do desenvolvimento da malha urbana, Sines virou-se para Sul (Fig.2|5). A expansão industrial dificultou o acesso ao norte da cidade e foram surgindo barreiras físicas decorrentes do desenvolvimento das zonas de indústria (Fig.6|9).

Com o objetivo de quebrar a barreira física que os oleodutos impõem, a proposta de grupo desenvolve-se ao longo de dois eixos principais que se encontram, junto à antiga estação de caminhos-de-ferro (Fig.10) onde já se realizou parte de um plano de pormenor (Fig.11).

² Estratégia de grupo desenvolvida com João Ricardo Martins, Renata Macedo de Sousa, Margarida Carvalho e Tiago Batista.



Fig. 6 / Fig. 9 Oleodutos e ciclovia de acesso à Praia do Norte



Fig. 110 Estação de caminhos-de-ferro de Sines

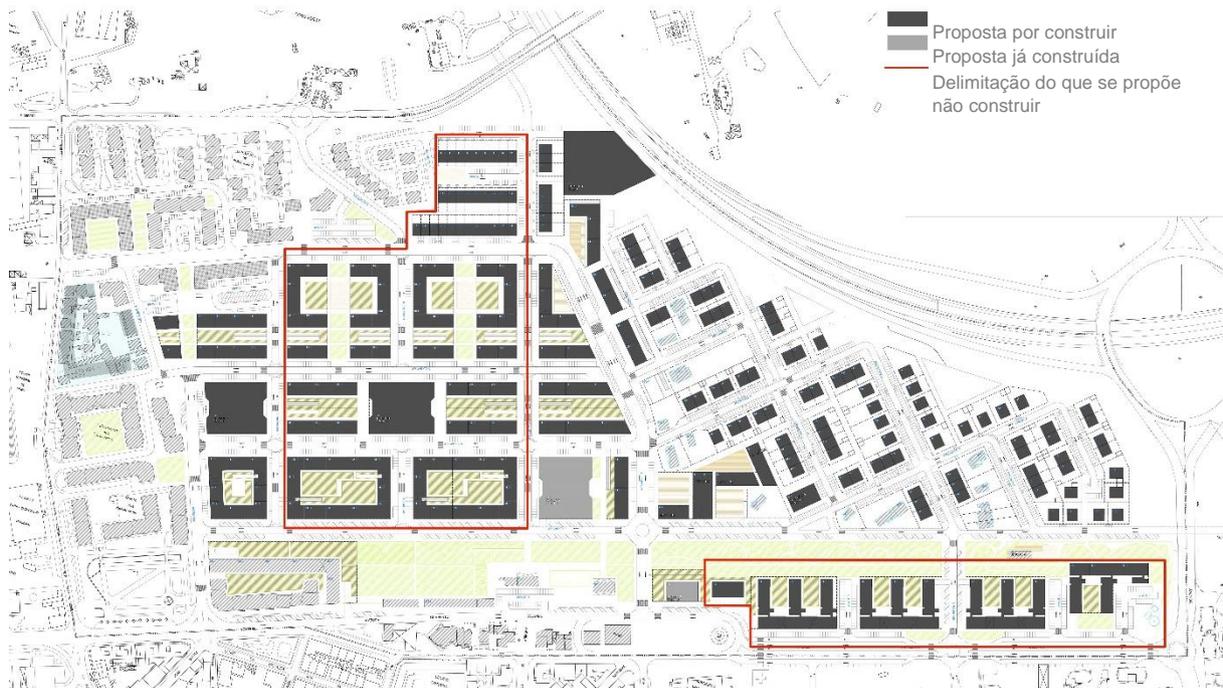


Fig. 12 Plano de pormenor zona norte da cidade de Sines

O primeiro eixo volta-se para Este, seguindo as linhas de caminho-de-ferro, e o segundo segue para Norte, em direção à Praia do Norte. A intenção de projeto retira parte da densidade de construção projetada com o desenho desta linha que abre caminho através do construído, tanto com programa como com espaços verdes (Fig.12).

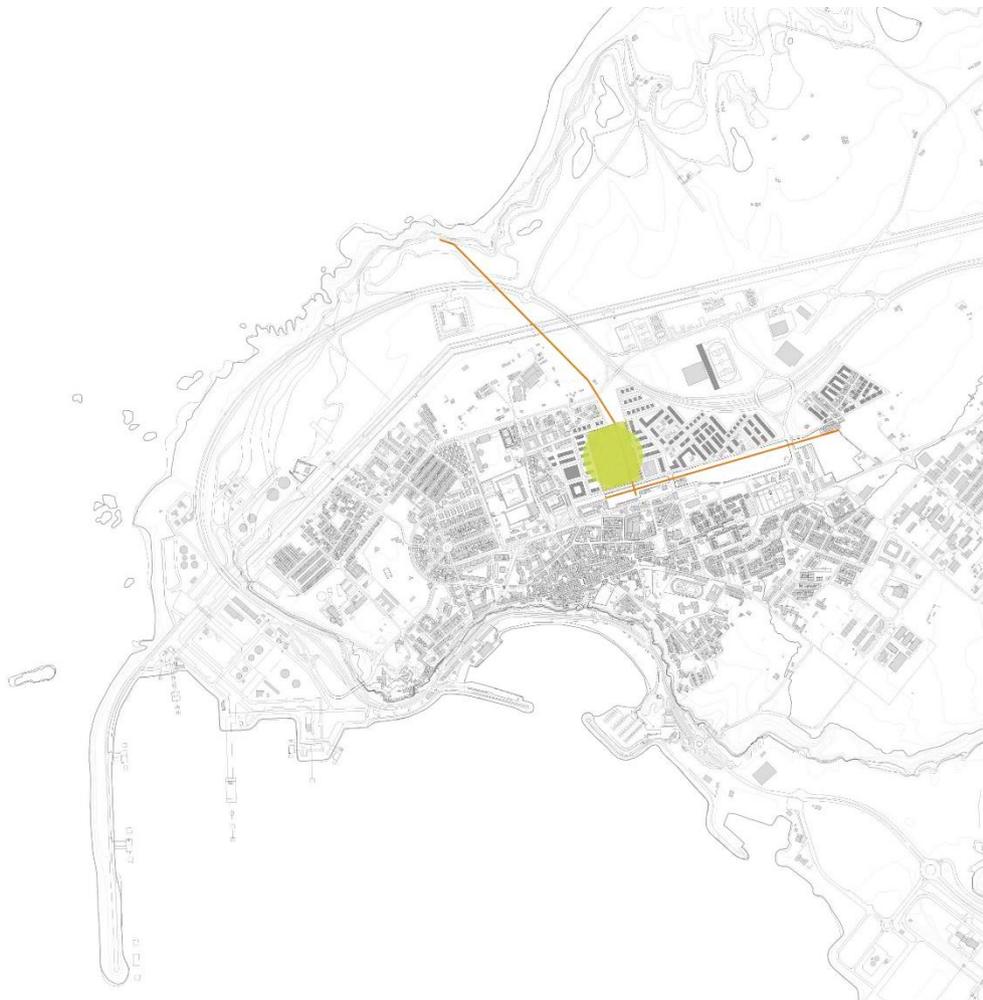


Fig. 12 – Eixos estruturais ao longo dos quais se desenvolve a proposta de grupo

Pegando nessa premissa é adequado reestruturar toda essa área, sendo possível criar uma nova frente de chegada à cidade. Neste sentido, propõe-se a construção de espaços de *coworking* e lazer, bem como de residências de permanência temporária, ambos integrados no parque que se estende desde os oleodutos para Sul (Fig.13).



Fig. 13 – Eixos estruturais e os três locais de implantação dos projetos individuais

Uma forma de promover o desenvolvimento e a afluência de pessoas para a costa norte é a construção de um percurso que liga esse parque verde ao mar. Como ponto estratégico, implanta-se, junto ao mar, um edifício com qualificação semipúblico. Um centro de investigação com uma valência turística, tendo como premissa o estudo de áreas ligadas ao mar e às espécies marinhas. Este núcleo está ligado à frente marítima norte de Sines, atravessado pelo percurso anteriormente referido, que continua ao longo da costa até às imediações do porto de Sines, oferecendo aos habitantes uma experiência exterior à vida industrial que se sente dentro da cidade de Sines. Esse percurso (Fig. 14) liga-se ao antigo farol, podendo este ser uma mais-valia turística. Segue, através de uma demarcação pedonal pelo interior da cidade, até ao Porto Marítimo onde se propõe a reabilitação da Calheta, dando um apoio ao Centro de Investigação

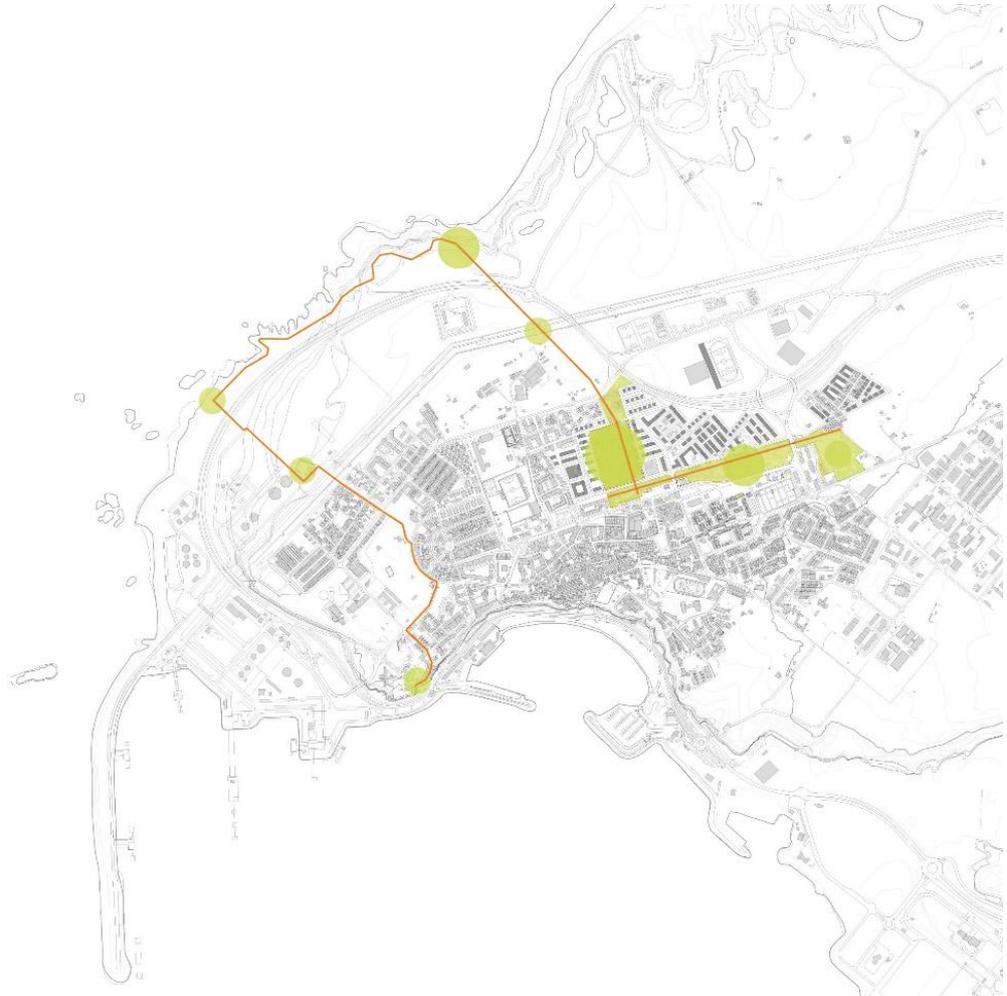


Fig. 14 – Proposta de grupo

3

2

1

4

5

1. SORAIA FERREIRA . CENTRO DE INVESTIGAÇÃO | 2 . RENATA SOUSA . RESIDÊNCIAS PARA INVESTIGADORES | 3. TIAGO BATISTA . CENTRO DE INVESTIGAÇÃO | 4. MARGARIDA CARVALHO . RESIDÊNCIAS PARA INVESTIGADORES | 5. JOÃO MARTINS . CENTRO EMPRESARIAL

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DE GRUPO . ESCALA 1:10000





Fig. 15 – Passadiço na encosta da Praia do Norte

1. PROPOSTA INDIVIDUAL:

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DE ESTUDOS DO MAR

O Centro de Investigação de Estudos do Mar insere-se na costa norte de Sines, uma área peculiar pela proximidade ao mar, pelo seu isolamento e pelo contraste com a imagem urbana e industrial que Sines reflete atualmente. Este novo edifício enfatiza e reforça a proposta pensada pelo grupo: a criação de um acesso a norte, através de um passadiço que oferece uma nova relação e um novo olhar perante zonas atualmente problemáticas, demonstrando as potencialidades do lado norte de Sines. A implementação de um Centro de Investigação nesta zona justifica-se pela imensa diversidade de ambientes naturais que aqui existe e fomentam várias áreas de investigação, ao mesmo tempo que possibilitará aos habitantes de Sines usufruírem de uma zona da cidade de se distingue pela sua beleza natural, trazendo novas vivências e novos modos de habitar a cidade.

Aquando da conceção da forma do edifício, partiu-se da presença do passadiço. Sendo este o elemento fundamental no acesso à costa norte, foi desde logo muito claro, que este não poderia assumir um papel secundário face ao Centro de Investigação. É neste sentido que o edifício ganha forma à partir da imposição deste. Assim, numa fase inicial, ao invés de um corpo único surgem dois fragmentos separados pelo passadiço. Simultaneamente, outro fator que marca esta zona é a vista para o mar, nomeadamente para quem percorra o passadiço no sentido sul/norte. É a partir destes dois elementos, o passadiço e o contacto visual com o mar, que se desenvolve a forma final do edifício.

É nesta sequência que o projeto acontece em três fragmentos. Estes fundem-se com a envolvente quer pela materialidade quer pela imagem pesada e crua que transmitem. A aproximação ao edifício pelo passadiço assume dois momentos distintos, possibilitados pelo controlo das vistas através da aproximação/afastamento dos volumes construídos. Esta intenção inicial de homogeneidade e monotonia originou duas questões fundamentais: como

se articulariam os fragmentos e como seria possível a entrada de luz natural. A solução passa por ligar os três volumes a uma cota inferior subterrânea, de planta única, e criar poços, que permitem a entrada de luz natural em cada um, desde o último piso à cota mais inferior.

O volume de maior dimensão acolhe programaticamente os espaços fundamentais ao funcionamento do centro de investigação, como é o caso dos laboratórios, áreas técnicas e gabinetes para investigadores. O segundo volume assume as áreas administrativas e o terceiro volume acolhe programa de cariz público que serve investigadores e todos aqueles que pretendam usufruir do espaço, nomeadamente os habitantes de Sines. Possui uma biblioteca, um restaurante e um bar. No piso inferior aos três volumes, em planta única, há uma extensão do conteúdo programático de cariz público com duas salas de conferências, um museu e áreas para exposições temporárias. Inferior a este instala-se o parque de estacionamento.

O ambiente interior ganha forma entre a regularidade dos pilares estruturais e os poços de luz. Estes últimos, além de terem a função de iluminar cada volume, permitem o acesso vertical entre pisos. O volume do centro de investigação, diferencia-se dos restantes, na medida em que assume dois poços, sendo um de maiores dimensões, contínuo até à cota do museu, 15.4m.

Existem duas entradas. Uma direta ao centro de investigação, à cota 23.5m e outra no terceiro volume à cota 18.9m A primeira acontece na sequência do passadiço, a segunda através de uma ramificação deste, que além desta função permite o acesso ao parque de estacionamento à superfície e à praia.

Exteriormente, de linhas retas, todo o edifício é em betão cinzento aparente, refletindo a dureza da envolvente, contrapondo-se ao interior pelas paredes de alvearia, com revestimentos em tom branco, o recurso a transparências e pela irregularidade da forma de cada espaço.



Fig. 16 Imagem conceitual.

PROGRAMA

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO

Laboratórios

Laboratório de Biologia

Laboratório de Geologia

Laboratório de Microscopia

Laboratório de Hidroquímica e Meteorologia

Gabinetes

Gabinetes para investigadores

Gabinetes para técnicos

Gabinetes temporários

Salas de aula / Reunião de grupos

Sala frigorífica

Sala de armazenamento de reagentes

Tanque Técnico

Áreas Complementares

Sala de descanso e lazer

Espaço exterior

Cacifos

Instalações Sanitárias

Arrumos

ADMINISTRAÇÃO

Secretaria

Sala atendimento departamentos

Sala de gestão de departamentos

Gabinete do diretor

Secretária e sala de espera

Sala de Reuniões

CARÁCTER PÚBLICO

Receção

Biblioteca

Restaurante e Bar

Cozinha

Despensa

Câmara Frigorífica

Vestiários e instalações sanitárias

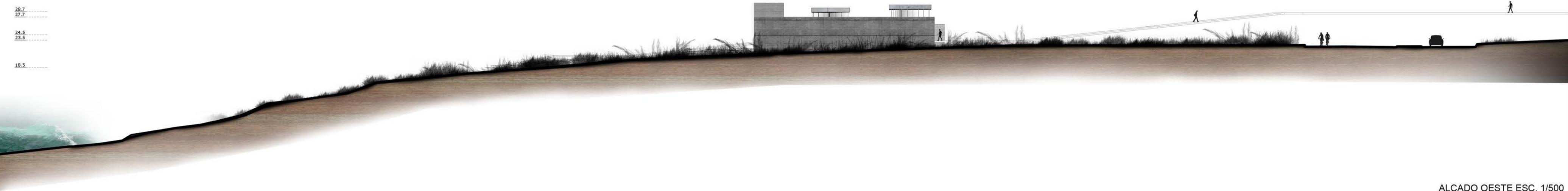
Museu

Exposições temporárias

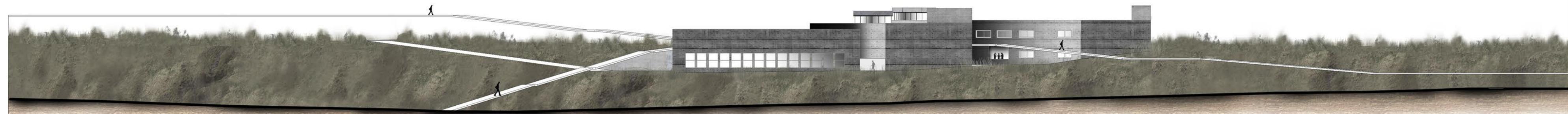
Salas de conferências

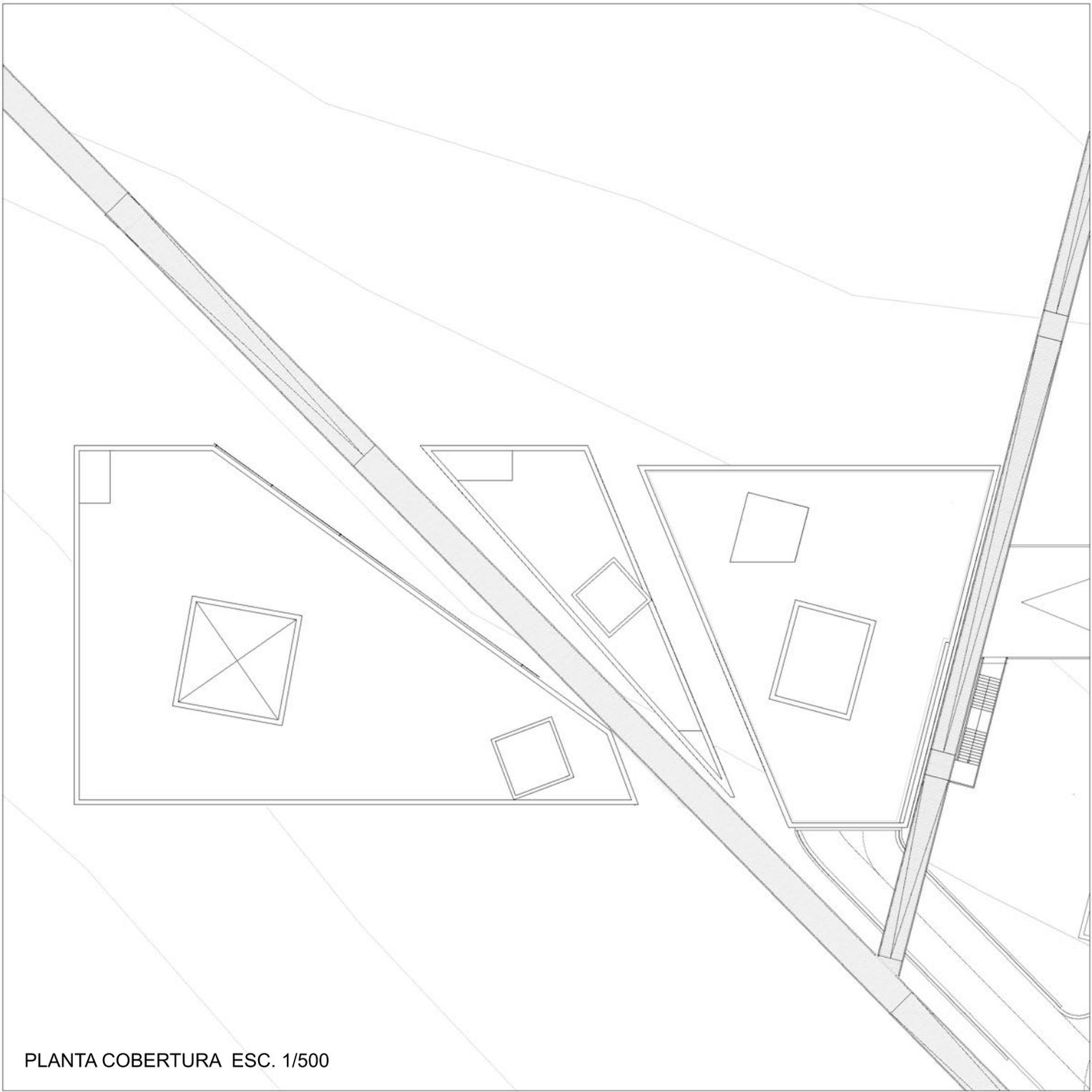


28.7
27.7
24.5
23.5
18.5

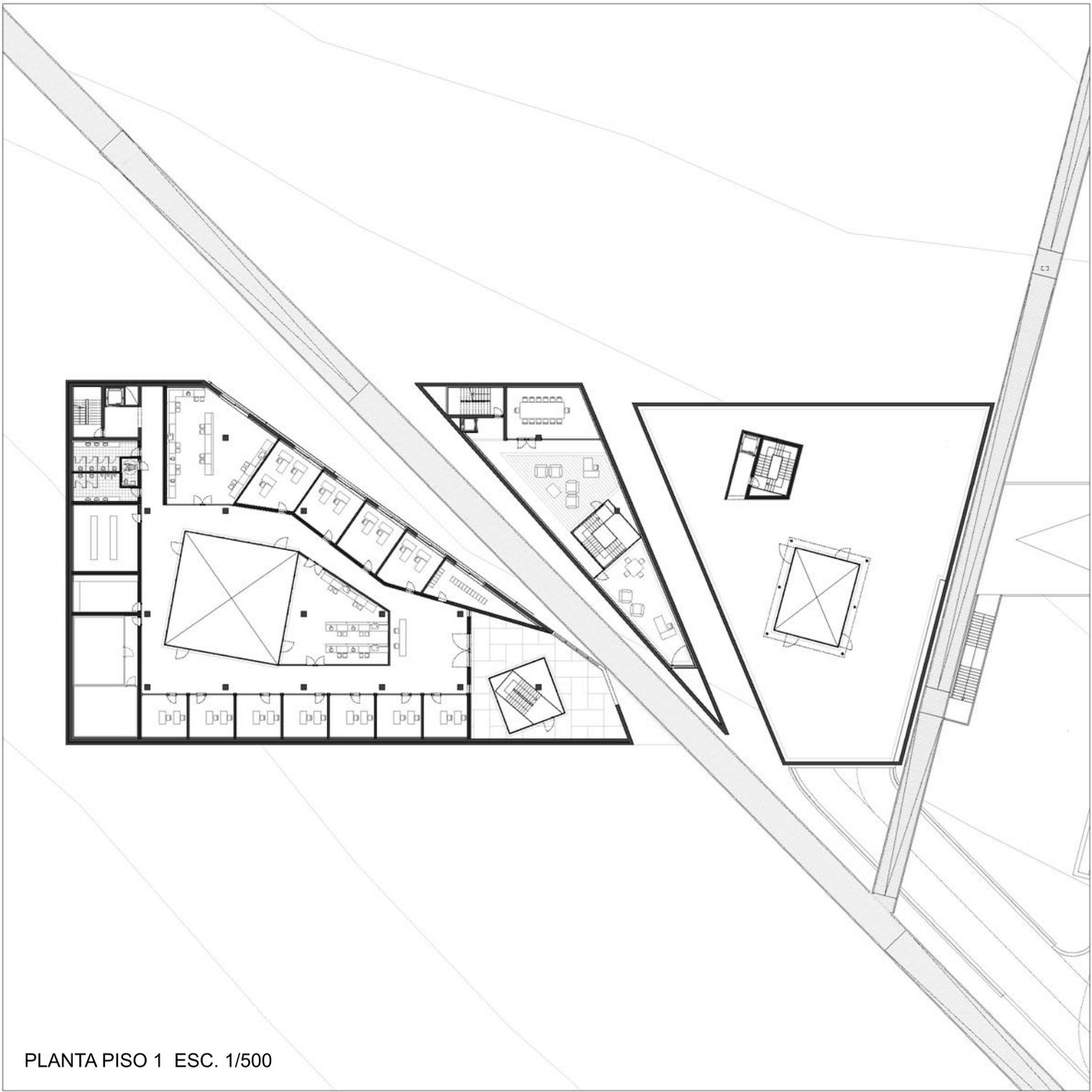


28.7
27.7
24.5
23.5
18.5

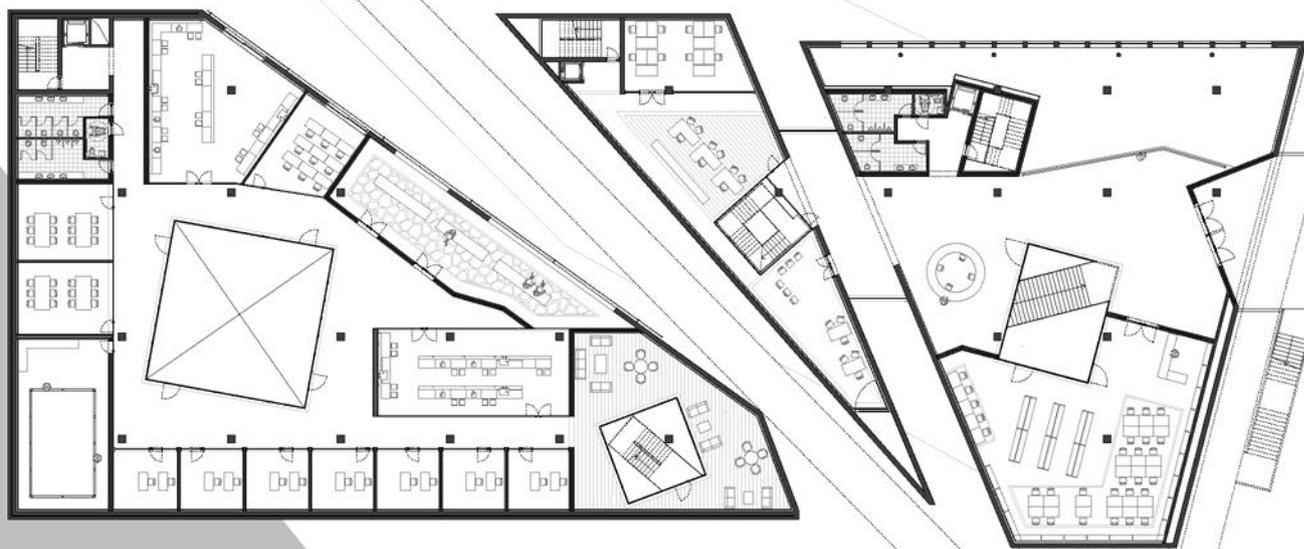




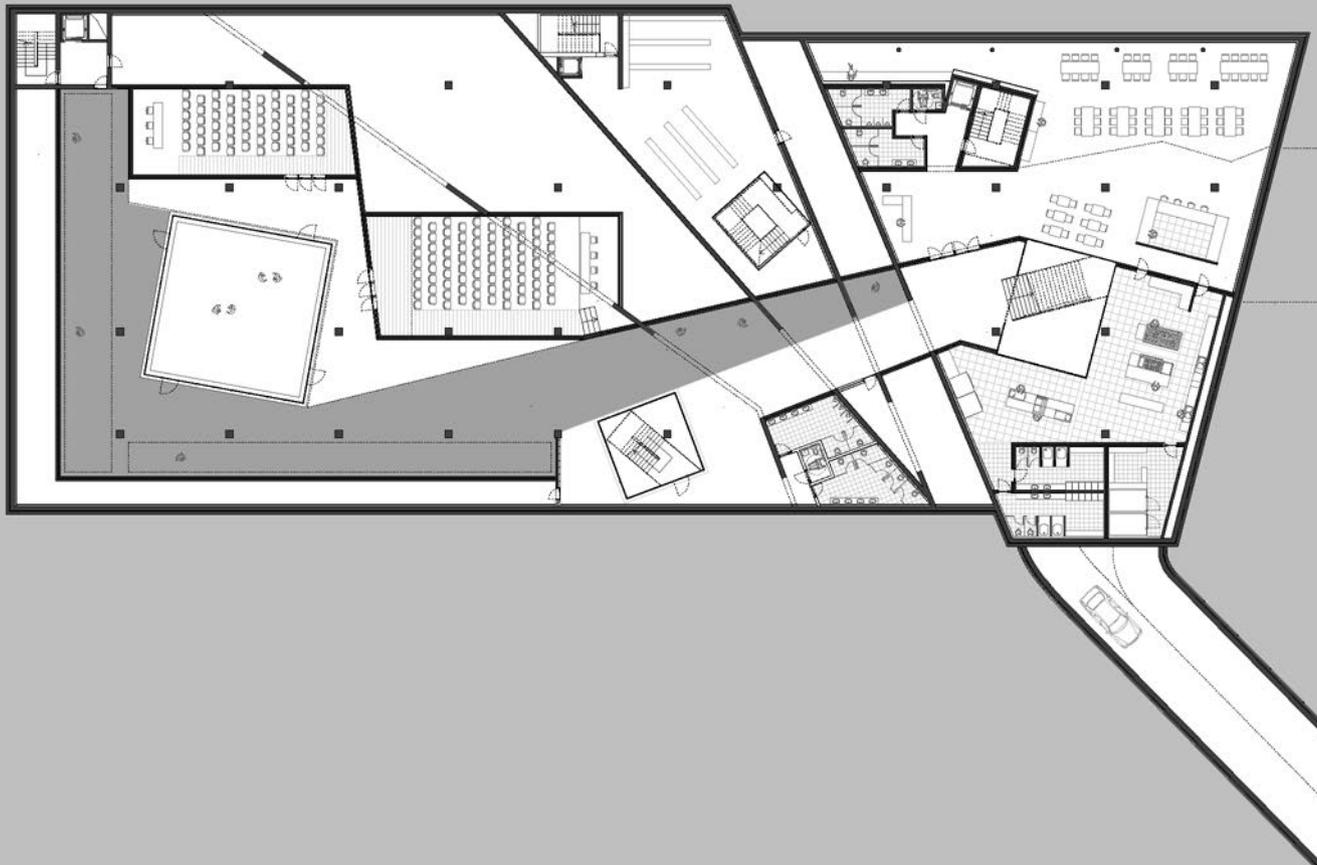
PLANTA COBERTURA ESC. 1/500



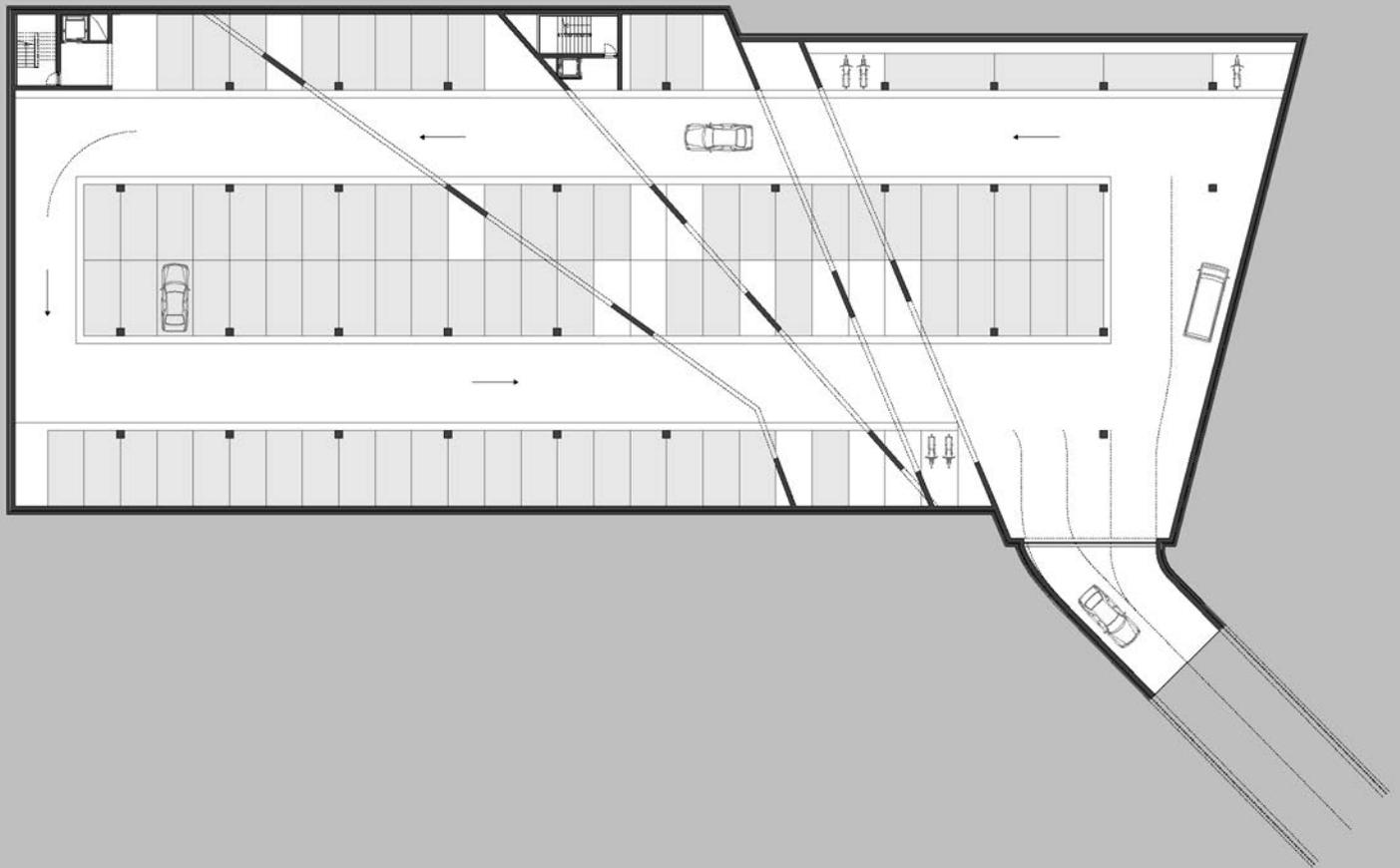
PLANTA PISO 1 ESC. 1/500



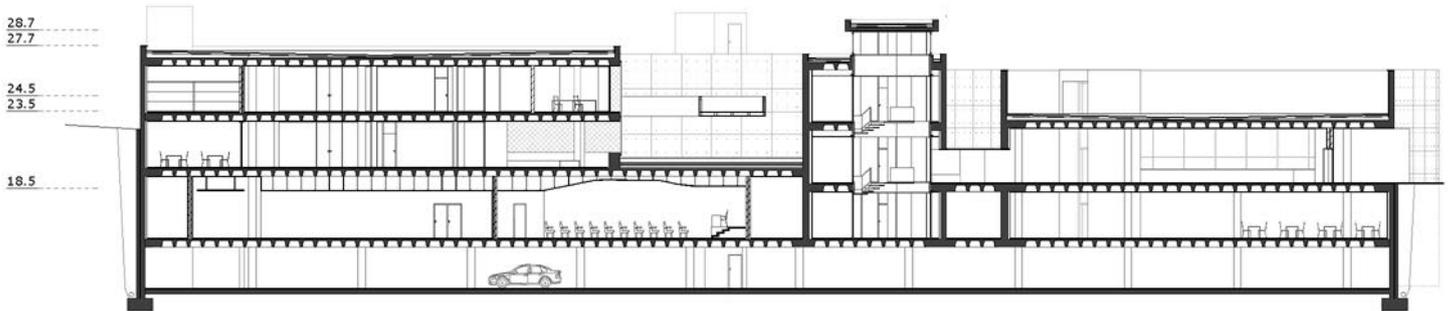
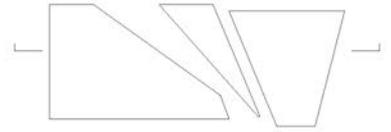
PLANTA PISO 0 ESC. 1/500



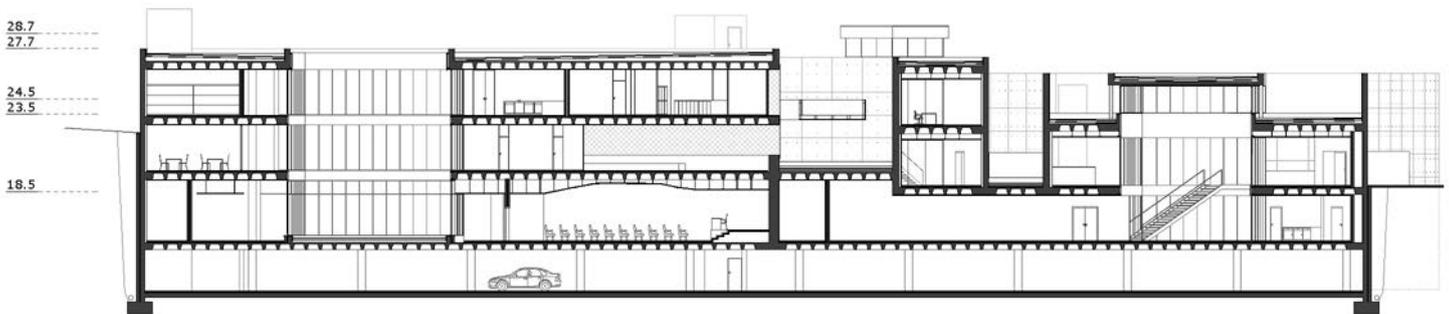
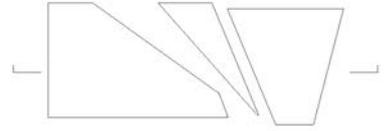
PLANTA PISO -1 ESC. 1/500



PLANTA PISO -2 ESC. 1/500



CORTE A-A' ESC. 1/500



CORTE B-B' ESC. 1/500

ANEXOS

ANEXO I

Enunciado do trabalho prático de PFA. Elaborado por Pedro Pinto a 20 de Setembro de 2015.

Acupuntura Urbana

Kenneth Frampton afirmava em *Seven points for the millenium: an untimely manifesto* que com a queda do projeto Socialista no final do século XX, ao qual a arquitetura moderna estava tão intimamente ligada, a profissão teria que procurar novas formas profícuas de envolvimento com a sociedade. Uma das possibilidades seria encarar a sociedade no seu todo como um cliente, e para tal, dizia que a educação de base em “design ambiental” de toda a sociedade seria um fator determinante para melhorar o entendimento dos próprios clientes, da sociedade, uma vez que a qualidade em Arquitetura é impraticável sem bons encomendadores. Ao mesmo tempo e em complemento, a própria profissão teria que rever os seus objetivos pedagógicos, equilibrando o treino profissional com uma responsabilidade ética e cultural, que seria proporcionada por uma formação mais abrangente dos futuros arquitetos.

Frampton argumenta que a globalização, a tomada de consciência dos limites e da fragilidade do ambiente e dos recursos naturais, soçobrara o tecno-otimismo do século XX, cuja excessiva preponderância técnico-científica conduziu a uma disrupção entre civilização e cultura, levando ao crescimento desmesurado e desequilibrado dos aglomerados urbanos, com enormes implicações ambientais, ao ponto de se extinguir a própria capacidade de regeneração do ambiente construído pela edificação, surgindo agora a intervenção na estrutura ecológica e na paisagem, como estratégia redentora e como fator mais premente do que a edificação enquanto “objeto isolado”. Consequentemente, mais do que uma Arquitetura como acontecimento expressivo, o novo milénio necessita uma Arquitetura simultaneamente “contexto de cultura” e “expressão cultural em sim mesma”, pelo que uma abordagem acriticamente expressiva seria um ato redutor do “carácter sociocultural” da Arquitetura, que deverá antes ser, num contexto de crise política, económica e social, orientado não como um “produto-forma” mas cada vez mais como um “lugar-forma”, circunstancia participante de um processo contínuo de regeneração, uma autêntica “acupuntura urbana”.

Estas ideias, de lugar-forma e de exaustão ideológica, económica e edificada, patente nos países do

Ocidente capitalista e industrializado, seria, como sabemos, acentuada pela Grande Depressão em 2008. Em paralelo, aspetos como a humanização da tecnologia, a utilização dos recursos da informatização para a participação social, prometem novos modelos de planeamento e de edificação, onde o projeto de arquitetura será porventura mais discutido e as decisões de programa e projeto mais participadas. No conjunto, estes temas transversais da contemporaneidade estarão presentes nos exercícios que agora lançamos.

Trienal de Lisboa

A unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura do 2ºciclo do MIA no ano letivo 2015/2016 acompanhará o desafio do “Concurso Universidades”, integrado na programação da Trienal de Arquitetura de Lisboa 2016, com o tema “Sines - Indústria e Estrutura Portuária”.

O programa do concurso afirma que os Objetivos do exercício proposto se colocam no “limite entre a transformação poética e a experiência política e com um primeiro objetivo: conservar e multiplicar a potência produtiva do lugar”, organizando-se em quatro tópicos: Escala; Produção; Limites e Tempo. Da leitura destes tópicos, realçamos o contraste entre as realidades infraestruturais supralocais e a condição habitacional, ambiental e cultural do local. Conduzidos pela potência da atividade portuária, na definição do Tema, o programa lança uma série de questões iniciais, que se centram sobretudo no impacto extraordinário das infraestruturas logísticas, nas relações de fronteira e limite entre cidade e espaços industriais e na possibilidade, quer de partilha de espaços e usos, quer nas possibilidades de integrar a arquitetura nestes locais fortemente funcionais.

Referindo-se ao Lugar, o programa destaca os blocos do Porto Industrial e Logístico; da Refinaria Sines-Galp; a Central Termoelétrica e o Centro Urbano de Sines. Para além das especificidades de cada um destes polos, o programa prévio realça que se resumem “na complementaridade de produção das diferentes estruturas, a compatibilização e partilha de novos programas, a transformação de espaços e a apropriação de terrenos expectantes”. Solicitando uma visão

“estratégica”, o programa avança que o lugar de intervenção “deverá ser encontrado nos espaços de contacto entre a cidade e as diversas áreas do porto. A frente de praia, a lota e o fundeadouro de barcos de pesca, o espaço em torno dos limites da pedreira, a central termoelétrica em frente à praia de São Torpes, são espaços e programas que se encontram entre as estruturas existentes e a linha de costa, com grande potencial de transformação. Estes espaços podem vir a estabelecer outras possibilidades de relação com espaços de investigação e turismo dentro das 12 milhas náuticas disponíveis ao largo da costa e olhares específicos até hoje não considerados”.

Programa e Objetivos de PFA

Adotando o tema dos limites entre cidade e porto e indústria, o programa de trabalho proposto desliza, no entanto, a partir dos extremos norte e sul da frente de mar da cidade, para a faixa em arco, de limite da cidade de Sines para com o sistema infraestrutural e industrial do lado terra, já em pleno planalto, almejando o desenvolvimento de uma visão estratégica, de consolidação das franjas e dos elos incompletos da cidade, numa faixa larga de território, delimitado exteriormente, através do conjunto semicircular das rodovias A26, N120-4 e N120-1. Este longo corredor semicircular é encarado como uma oportunidade de agir sobre um conjunto de situações que se pensa que poderão melhorar a atratividade urbana do planalto de Sines, simultaneamente mediando as relações de escala e de ambiente entre a realidade urbana e paisagística local e a sucessão de infraestruturas industriais circundantes.

Propõem-se que o eixo programático catalisador da transformação desta faixa de território seja o projeto de um corredor infraestrutural urbano, que instale em paralelo ao sistema rodoviário e ao sistema de pipelines, um sistema de espaços públicos de circulação eminentemente pedonal e ciclável, cuja implantação, desenvolvimento e entrecruzamento com os sistemas urbano e de paisagem existentes, incluindo os eixos radiais de interligação ao centro de Sines com o território circundante, poderá ter a potencialidade de construir momentos de reorganização dos espaços edificados existentes, conferindo uma nova urbanidade e pontuando, no momento e numa perspetiva

de desenvolvimento, o sistema urbano, dando-lhe uma visão futuro, de conjunto, em forma de projeto de cidade e de arquitetura.

O estabelecimento desta cintura-corredor de espaço público semi-edificado, abre ainda para um conjunto de questões conexas ao atual momento cultural, económico e político, frente às quais deverá a arquitetura se posicionar e responder criticamente, na forma de projetos que correspondem a hipóteses de um futuro melhor para as comunidades. Referimo-nos a questões como o que fazer com áreas urbanas incompletas e fragmentadas, num momento de forte retração económica e populacional e de como aumentar a atratividade e revalorizar áreas degradadas, com escassos recursos públicos. Ao mesmo tempo, face à disponibilização de terrenos e à necessidade de completar espaços urbanos, pergunta-se que usos alternativos se podem convocar. Para além dos novos espaços de lazer, associados à atividade física, ao desporto e ao passeio, espera-se que os exercícios especulem sobre novas possibilidades produtivas, edificadas e paisagísticas para a cidade, seja pela produção de energia e de alimentos limpos, seja pela amenização ambiental da pegada urbanística tradicional, seja pela redefinição dos lotes e das tipologias edificadas tradicionais. Nos extremos norte e sul, este sistema poderá aproximar-se e toca a frente marítima, unindo-se ao sistema de espaços indicados no programa da Trienal, designadamente nas proximidades da pedreira e da zona portuária exclusiva adjacente, culminando na marginal de mar de Sines, junto ao antigo café do Clube Naval de Sines.

Associado a estas questões transversais ao momento atual, a Trienal propõe usos a desenvolver, como sejam atividades de alojamento turístico e instalações ligadas ao ensino e à investigação sobre o mar e sobre as atividades industriais conexas. De referir ainda a necessidade de se cruzar e confrontar estes programas académicos com as estratégias e com os instrumentos de planeamento locais, nomeadamente com o Plano Diretor Municipal de Sines.

Desta forma o âmbito dos trabalhos oscilará entre o Projeto Urbano e o Projeto de Arquitetura, incidindo na relação da cidade de Sines com a sua envolvente industrial e paisagística, considerando

a tradicionalmente trabalhada frente marítima, mas sobretudo incidindo na menos visível e menos intervencionada frente terrestre.

Aceitando que a reestruturação do território e da própria arquitetura é uma construção social e económica, procura-se que o trabalho de projeto tenha a dimensão crítica, cultural e material, destes fatores estruturantes, que correspondem às lógicas produtivas de transformação do território e da arquitetura. Seja para as subverter ou seduzir, seja reduzindo-as ou ampliando-as seletivamente, seja com uma outra estratégia e um outro grau de relação crítica, o projeto terá como objetivo construir uma hipótese de futuro por que valha a pena trabalhar.

Faseamento

O trabalho será anual, alicerçado num único exercício de fundo, organizado em fases sequenciais de projeto. Para cada fase será entregue um enunciado parcial, indicando o tipo e qualidade de trabalho a ser desenvolvido, assim como eventuais sub-fases e respetivos prazos de elaboração. Serão igualmente definidos objetivos de aprendizagem e critérios de avaliação. O faseamento corresponderá à seguinte organização:

- Fase A: Análise, Programas e Estratégias Urbanas e Arquitetónicas (Trabalho de Grupo)
- Fase B: Plano de Estrutura Urbana (Trabalho de Grupo)
- Fase C: Projeto Urbano e Espaço Público (Trabalho de Grupo)
- Fase D: Projeto de Arquitetura (Trabalho Individual)

Métodos

O método a exercitar será o de uma simulação, controlada e quando possível crítica, das condições da prática do projeto, tendo presente a liberdade de intervenção que o contexto académico permite.

As ferramentas utilizadas serão predominantemente as da representação em arquitetura, entendidas como instrumentos, simultâneos, de concentração de dados analíticos e de experimentação de uma

nova ordem material proposta. O trabalho consistirá em um contínuo administrar de dúvidas, mediante um processo de trabalho com recurso sistemático ao desenho, nas suas múltiplas formas, livre, projetado, perspectivado, notado, diagramado ou maquetado.

Outros meios de investigação/experimentação, como a fotografia, a colagem, o vídeo e a sobretudo o texto, serão utilizados em função do curso dos trabalhos e dos interesses expressivos, quer dos projetos, quer dos projetistas. A sustentação das propostas residirá no rigor e no significado das suas metodologias e dos resultados de trabalho.

Privilegiar-se-á um sistema de trabalho simultaneamente em grupo e individual.

ANEXO II

Programa cedido para Centro do Mar em Sines por Carlos Ribeiro da Universidade de Évora

A- pessoal a alojar:

a. Investigadores

i. *Investigadores biologia* – 3 investigadores em permanência + 2 investigadores com deslocações frequentes a Sines com permanência no Centro de Investigação

ii. *Investigadores geologia* – 3 investigadores com deslocações periódicas ao centro geralmente sem permanência + – com os projetos previstos para o desenvolvimento das ciências do mar na Universidade de Évora poderiam prever-se um investigador na área da geologia em permanência no centro

iii. *Investigadores Engenharia* – na eventualidade de iniciar o desenvolvimento de equipamentos para a exploração dos fundos marinhos, poderia ser previsto a presença de um especialista em Engenharia mecânica/mecatrónica, responsável pelo desenvolvimento de novos equipamentos e manutenção dos equipamentos existentes

iv. *Investigadores geofísica* – com os projetos previstos para o desenvolvimento das ciências do mar na Universidade de Évora poderiam prever-se um ou dois investigadores na área da geofísica em permanência no centro

b. Alunos

i. *1º Ciclo* – (Já instituído nas instalações que a UÉvora detém atualmente em Sines) 40 alunos do curso de biologia (2 x grupo de 20 alunos) com permanência de uma semana nas instalações do Centro

ii. *2º Ciclo* – (Já instituído nas instalações que a UÉvora detém atualmente em Sines) Até 20 alunos de mestrado com permanência que chega a atingir as duas semanas para a frequência de aulas

iii. *Doutoramento, Mestrado, Bolsas, Investigadores convidados* – 10 a 15 investigadores a desenvolver trabalho no Centro com permanências que podem variar de uma semana a um ano.

c. Técnicos – 2 técnicos ligados às ciências da vida + 1 técnico ligado às ciências da Terra + 1 técnico ligado ao desenvolvimento e manutenção de equipamentos

d. Secretariado – 1 pessoa

e. Limpeza – 1 pessoa

B- espaços a prever:

a. B1 - Zona de gestão, gabinetes e aulas:

- i. Gabinetes individuais ou em grupo de dois: Gabinete individual para o Diretor do Centro + Gabinetes de 2 pessoas para os investigadores permanentes + Gabinete para Técnicos + Gabinete com lugares para mais de 2 pessoas para as permanências esporádicas
- ii. Zona de Secretariado – 1 gabinete + 1 armazém para arquivo morto
- iii. Salas de reunião – 1 sala reunião equipada para vídeo-conferência, quando necessário
- iv. Salas de aulas – 1 sala de pequena (25 alunos) que possa servir tanto para aulas teóricas como para o desenvolvimento de atividades experimentais (mesas grandes)
- v. Centro de documentação
- vi. Centro de informática – Sala de equipamentos (routers, ups's ...) + pequena sala com computadores e periféricos

b. B2 - Laboratórios

- i. Laboratórios de análises
 1. Biologia:
 - a. Laboratório para o tratamento das amostras (prevendo o manuseamento, a lavagem e secagem em estufas)
 - b. Sala de frigoríficos e arcas congeladoras
 - c. Laboratório de biologia molecular
 - d. Sala de microscopia
 2. Geologia
 - a. Laboratório tratamento de amostras e de sedimentologia (prevendo a lavagem, secagem, hotes ...)
 - b. Sala de microscopia
 3. Física/Engenharia Mecânica (tenho mais dificuldades aqui para dar ideias)
- ii. Espaço de armazenagem
 - a. Arca frigorífica com aproximadamente 180 m³
 - b. Armazém com aproximadamente 60 m²
 - c. Sala de armazenamento de reagentes e consumíveis com aproximadamente 20m²

- d. Área exterior de armazenamento dos contentores de equipamento com aproximadamente 60 m²
- e. Garagem para veículo todo-o-terreno, moto 4, embarcação semirrígida

c. B3 - Apoio a trabalho de campo

- i. Zona de acesso ao mar – dependente da localização; não é indispensável pois os materiais podem ser transportados até ao porto e transferidos para embarcações
- ii. Armazenagem de equipamento de mar – Poderá ser uma sala semelhante à de armazenamento de reagentes (acima)
- iii. Zona de Lavagens de material - Espaço exterior
- iv. Balneários
 - v. Oficina de Manutenção.
 - vi. Zona de Lixos
 - vii. Tanque de decantação de finos, próximo do laboratório de geologia, para onde deverão escoar as águas de lavagem das amostras

d. B4 - Zona Social

- i. Café
- ii. Cozinha e sala de refeições para apoio aos investigadores e alunos instalados no Centro
- iii. Sala de conferências e exposição

